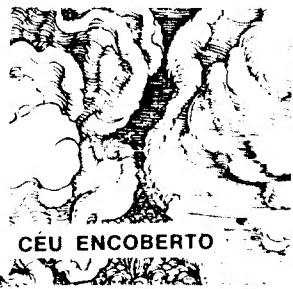


Diário de Lisboa

UNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1974 N.º 18415 ANO 53.º PREÇO 25\$0



AMANHÃ:



DIA MUNDIAL DO LIVRO INFANTIL

Realiza-se amanhã a comemoração do Dia Mundial do Livro Infantil, data que corresponde ao dia do aniversário do nascimento de Hans Christian Andersen. A Secção Portuguesa do I. B. B. Y. (International Board on Books for Young People), organismo promotor da iniciativa, coordena, como a Secção de Estudos de Literatura Infantil (após a «Ludus»), uma série de actividades que amanhã se iniciam, na Fundação Gulbenkian, com um convívio e a «Hora do Conto», em que farão leituras expressivas Sofia de Melo Andresen, Matilde Rosa Araújo, Lília da Fonseca, Maria Luísa Ducla Soares, Alice Gomes, Manuel Ferreira, António Torrado, Maria Alberta Menéres, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria Lúcia Namorado, Maria Lamas, Patrícia Joyce, Manuela Nogueira, Madalena Gomes, Maria Cecília Correia, Belisa Campos e Marina Algarvia. Isto é, grande parte dos elementos que desde há muitos anos se têm entregado ao livro infantil e estabeleceram as ideias actualizadas, de que se entende entre o que é a literatura infantil, através de uma séria e construtiva actividade.

(Ler na pág. 3)

ESPECIALISTAS AVISAM:

O CRESCIMENTO ECONÓMICO ABRANDARÁ ESTE ANO

GENEVA, 1 (R.) Economistas da ONU avisaram hoje que as estruturas monetárias e comerciais do mundo Ocidental tornar-se-ão cada vez mais instáveis, a menos que se consiga uma cooperação internacional, na questão do aumento do preço do petróleo.

Os técnicos da comissão económica da ONU para a Europa (ECE) também dizem na sua análise anual que devido ao preço mais elevado dos combustíveis o crescimento económico abrandará este ano em todos os países da Europa Ocidental.

Kennedy favorito nas eleições de 1976

PRINCETON (Nova Jersey), 1 (F. P.) O senador Edward Kennedy é, por ora, o grande favorito dos eleitores democráticos se decidir concorrer à investidura do Partido às eleições presidenciais de 1976 segundo revela uma sondagem Gallup publicada no domingo.

Com efeito, o senador do Massachusetts, irmão do defunto presidente John Kennedy e do defunto senador Robert Kennedy, vai à frente com 44 por cento do governador George Wallace, do Alabama, que obteve só 17 por cento de pareceres favoráveis à sua candidatura eventual.

Os senadores Henry Jackson (estado de Washington) e Edmund Muskie (Maine) vêm em terceiro lugar «ex aequo» com 8 por cento. O senador George McGovern (Dakota do Sul), derrotado por Richard Nixon em 1972, vem em quinto lugar com uma percentagem pequena que não é precisada.

As balanças de comércio da maior parte dos países europeus agravar-se-ão e a inflação será em média superior a dez por cento, acrescenta o relatório.

«A possibilidade de uma grave recessão na Europa Ocidental em 1974 será muito maior se os países que estão relativamente bem colocados para suportarem o aumento do custo do petróleo importado adoptarem uma política destinada a defender as suas balanças de comércio».

Ao mesmo tempo a já precária posição de alguns dos países subdesenvolvidos tornar-se-á insustentável acrescentam os economistas.

Na Europa Ocidental apenas a Itália, a Noruega e a Suécia têm condições para esperar aumentar a sua taxa de crescimento económico este ano. A travagem desse crescimento será mais acentuada na Grã-Bretanha e na Alemanha Ocidental, segundo as previsões.

Por outro lado o crescimento económico na Europa Oriental manter-se-á este ano sensivelmente ao mesmo nível do ano

passado em que atingiu 7,1 por cento em média. Esse crescimento será porém superior à média no sector dos bens do consumo.

O bloco oriental não teve qualquer problema de energia, graças ao seu sistema de intercâmbio de recursos energéticos e às reservas petrolíferas da URSS e ao carvão da Polónia, cujos mineiros representam uma classe privilegiada entre os trabalhadores da indústria.



Sir Hugh Wontner à sua chegada ao Aeroporto da Portela

O Lord Mayor de Londres nos Paços do Concelho

No prosseguimento do programa da visita de quatro dias a Lisboa do Lord Mayor de Londres, Sir Hugh Wontner, que chegou ontem ao aeroporto da Portela acompanhado por sua esposa, Lady Catherine Wontner e de seis altos funcionários do Município londrino, teve lugar esta manhã, pelas 11 horas, uma visita solene aos Paços do Concelho, onde se

realizou uma sessão de boas vindas protocolar. O cortejo para o edifício dos Paços do Concelho iniciou-se pelas 10 e 45, no Hotel Ritz, tendo o Lord Mayor de Londres a seu lado o vice-presidente da edilidade lisboeta, Segismundo Saldanha e esposa, além dos componentes do seu séquito. Sir Hugh Wontner era aguardado no átrio do edifício municipal pelo coronel Silva Sebastião e esposa, vice-presidente eng. Brazão Ferreira e esposa e vereadores. A sua chegada, uma companhia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, com banda e fanfara, formada na Praça do Município, prestou-lhe honras militares. Depois dos cumprimentos da praxe e da revista à guarda da honra, o cortejo dirigiu-se ao Salão Nobre, onde aguardavam o embaixador de Portugal em Londres, o encarregado de Negócios da Grã-Bretanha e

Continua na pág. 28

O BANCO DE CRÉDITO PODERÁ APRESENTAR EM BREVE UMA CONFIGURAÇÃO INOVADORA NO QUADRO DA BANCA PORTUGUESA

afirmou o presidente do conselho de administração do B. C. C. I. na assembleia geral da instituição

(Ler nas páginas centrais)

O MÉXICO APOIA CUBA

CIDADE DO MÉXICO, 1

(F. P.) O ministro mexicano dos Negócios Estrangeiros, Emilio Rabasa, regressou ontem ao México depois de uma visita oficial a Cuba, durante a qual se avistou com o presidente da República, Osvaldo Dorticos, com o primeiro-ministro Fidel Castro e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Raul Roa.

No fim da viagem, Rabasa indicou que o México apoiaria Cuba na comunidade latino-americana.

VIOLENCIA NO FUTEBOL ITALIANO

Protegido pelos escudos da Polícia, o guarda-redes Felice Pulizi, do Lazio, foge do estádio olímpico da capital italiana, sob uma chuva de garrafas e de toda a sorte de objectos susceptíveis de arremesso das bancadas em direcção ao campo.

Os incidentes, originados pelo desespero dos «tifosi» do Roma, ao verem-se superados (2-1) no terreno de jogo principiaram no momento do apito final do árbitro. Os projecteis visavam os jogadores do Lazio e o trio de arbitragem, tendo a Polícia utilizado granadas de fumo e gases lacrimogénios para afastar a multidão que tentou invadir os vestiários.

Foram presas várias pessoas e 21 ficaram feridas, entre as quais dois polícias.



Medidas socialistas anuladas no Egipto

CAIRO, 1 (F. P.) O presidente Sadat anunciará a anulação das medidas socialistas adoptadas na época de Nasser para que a economia esteja de acordo com a política de abertura actualmente seguida no Egipto, afirma hoje o jornal «Al Watan».

O chefe de Estado egípcio, recorda-se, deve pronunciar na quarta-feira em Alexandria um discurso político de importância capital, segundo os termos utilizados pelo «Al Ahram».

Por outro lado, o «Al Watan» julga saber que vai ser formado um novo gabinete por Abdel Aziz Higazi, vice-primeiro-ministro egípcio e ministro das Finanças, da Economia e do Comércio Externo.

Higazi já estabeleceu uma lista dos novos ministros e submeteu-a ao presidente Sadat acrescenta o jornal.

Edição de 36 páginas incluindo "Exclusivo"

DI/NACIONAL

Três invernos rigorosos calram sobre Baião

BAIÃO, 30 (do nosso correspondente) — Esta região está a suportar, neste momento, três rigorosos invernos: uma que deriva do estado do tempo e que afecta os trabalhos agrícolas, outra que resulta da falta de assistência técnica à lavoura e que se concretiza no agonizar dos olivais da região e uma terceira que diz respeito ao funcionamento das instituições, à falta de braços e à carestia da vida.

A morte das oliveiras da região é, apesar de tudo, o problema mais alarmante. Os olivais são talvez a principal riqueza destas terras e há já centenas, se não milhares, de oliveiras que não produzem uma única azeitona. Isto deve-se à ferrugem que as ataca. Torna-se urgente que as estações agrónomicas competentes actuem rapidamente no sentido de salvarem as árvores, ou então chegarão tarde, como muitas vezes acontece, e, nessa altura, pouco ou nada há a fazer porque não se salvam mais.

Por outro lado verifica-se que os lavradores e as pessoas em geral não estão contentes com as Casas do Povo e com os Grémios da Lavoura. Notam que as referidas instituições pouco mais servem que para exigirem contribuições, nada fazendo para solucionar os graves problemas da lavoura e do povo em geral. Não há qualquer vantagem em calar estes problemas. Nada se faz para valorizar o produto agrícola e se esses organismos o não fazem quando foram criados para o efeito não se vê quem o possa fazer.

Finalmente há a falta de braços para tratar a terra e os preços que não param de subir junto do consumidor. As superfícies que ficam de velho são cada vez maiores porque não há quem amanche a terra e o bacalhau já atinge, nesta recondita região, o bonito preço de 90 escudos o quilo. Em contrapartida o que a lavoura por aqui produz ou não tem procura ou é vendido a preços irrisórios.

Festas em Grândola

Grândola vai estar em festa a partir do dia 13 de Abril. São os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Penha, padroeira da vila. Prolongam-se pelos dias

14, 18, 20, 21 e 22. O melhor dia promete ser o último, porque é feriado municipal. Mas o primeiro é sempre o primeiro.

Assim deu-se especial atenção ao estudo de todas as operações preparatórias de execução das obras, não só no que diz respeito à pormenorização exaustiva da sua concepção nos

NOVOS EMPREENDIMENTOS DA ICESA EM 1973 ALCANÇARAM ÊXITO EXPRESSIVO

A prestigiada empresa situa-se na vanguarda da construção habitacional do nosso País

A ICESA — Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L. — conseguiu em 1973 uma capacidade de produção que situa a empresa em posição cimeira no sector da construção habitacional no nosso país — segundo o Relatório, Balanço e Contas, relativo ao exercício findo.

No referido documento começa por acentuar-se que «na primeira metade do exercício de 1973, com a obra do Cacém em plena laboração e a da Quinta do Morgado ainda em actividade, ficou amplamente demonstrada a capacidade real de produção da empresa, com uma média superior a 5 fogos por dia. Nalgumas fases esse ritmo alcançou mesmo os 7,5».

E, a seguir: «Durante aquele exercício ficaram praticamente concluídos os trabalhos respeitantes àqueles empreendimentos abrangendo: na Quinta do Morgado, 1.650 fogos e em Aqualva — Cacém, 1.960 fogos.

«Foi no domínio dos meios e processos de gestão dos Serviços que se procurou melhorar os índices de produtividade, o que permitiu atingir uma capacidade de produção que situa a empresa em posição de vanguarda na construção habitacional no nosso país.

«Assim deu-se especial atenção ao estudo de todas as operações preparatórias de execução das obras, não só no que diz respeito à pormenorização exaustiva da sua concepção nos

Serviços de Estudos e Projectos, como também no que se refere à programação das necessidades em materiais e mão-de-obra.

«Na mesma linha de preocupações, continuou a dar-se o necessário desenvolvimento aos serviços responsáveis pela conservação do equipamento, hoje dotados de pessoal técnico especializado e treinado e de oficinas próprias, no recinto fabril e nos estaleiros, que permitem assegurar aos serviços de produção um elevado grau de estabilidade do equipamento que utiliza e, correspondentemente, uma diminuição de quebras na produção, por avarias.

«Paralelamente puderam normalizar-se e simplificar-se os critérios de medição e controlo da produção, em termos de se obterem, com a conveniente exactidão e rapidez, os elementos necessários à boa condução das obras».

**PARQUE EUROPA
UMA INICIATIVA
FRUTUOSA**

Mais adiante o documento

acentua:

«simultaneamente com a reestruturação dos Serviços Comerciais da Empresa, quer no domínio dos recursos humanos que utiliza, quer no aspecto de informação junto do público e até no que se refere aos esquemas de venda praticados, reactivou-se a promoção de Santo António dos Cavaleiros, onde se iniciou a construção de 816 novos fogos. A orientação seguida com o lançamento do Parque Europa, constituído por habitações de nível mais elevado do que o que vinha a ser praticado viu confirmada a sua oportunidade e justeza, relativamente ao interesse do mercado, traduzido num total de 430 fogos transaccionados no decurso do exercício findo.

«Finalizadas as duas grandes empreitadas que atrás referimos, era possível dirigir a actividade da nossa Empresa para novos empreendimentos e investimentos.

UM NOVO ESTALEIRO EM MIRAFLORES PARA UM EMPREENDIMENTO DE QUALIDADE

«Ainda em 1973, instalou a ICESA em Miraflores um novo estaleiro, dando início à construção de um complexo habitacional cuja primeira fase soma 660 fogos. Para este conjunto foram elaborados projectos-tipo, nos quais o elevado nível

de acabamentos completa harmoniosamente os aspectos arquitectónicos e funcionais, por forma a garantir a este empreendimento um nível de qualidade que o imporá certamente ao interesse e à escolha do público.

«Esta realização, levada a cabo em colaboração com outras importantes empresas co-associadas, desenvolve-se dentro de programas cuidadosamente estudados e dirige-se a um mercado de tipo e características diferentes daquela que inicialmente nos interessara».

O Relatório termina, assinando:

«Dentro de nova orientação traçada iniciou-se também o estudo de um conjunto de reações turísticas a levar a efeito em terrenos já disponíveis, Algarve, cujo lançamento e produção é de esperar ainda no decurso do exercício de 1974. A celeridade e as restantes vantagens do processo industrial que praticamos, perfeitamente conciliável com um elevado requinte de acabamentos, terão ainda maior relevo no caso dos empreendimentos turísticos pois permitirão ultrapassar adequadamente a mais acentuada carencia de meios que normalmente se verifica nas zonas em que são promovidos.

«No que respeita à situação financeira da empresa, verificou-se melhoria em relação ao exercício anterior traduzida pelo aumento dos valores activos acompanhado de diminuição do passivo, com o consequente fortalecimento da situação líquida.

«Salienta-se a redução substancial do passivo a curto prazo que teve como resultado a evolução favorável da posição de liquidez da empresa.

«Quanto à situação económica, verificou-se uma nítida recuperação, bem expressa pelo resultado positivo do exercício de 22.425.196\$40».

Sociedade de Geografia

A Sociedade de Geografia de Lisboa reuniu-se em assembleia geral para apreciar o relatório da direcção e o parecer da comissão revisora de contas relativos à gerência de 1973 e eleger os corpos gerentes para 1974. Os trabalhos decorreram sob a presidência do dr. Adriano Moreira, tendo sido aprovados por unanimidade aqueles documentos. Eis a direcção eleita: presidente — prof. Adriano Moreira; secretário-geral — Coronel An-

tónio José Caria; vogais: vice-almirante Reboredo e Silva, dr. João Freitas da Costa, contra-almirante Marques Esparteiro, comandante João de Figueiredo, brigadeiro Silvino Silvério Marques, prof. António Maria Godinho, prof. João Pereira Neto, prof. António Silva Rego, eng. Carlos Cruz Abecassis, dr. Carlos Moreira Rato, dr. António da Maia Malta, dr. Martim de Albuquerque.

Subsídios para portugueses

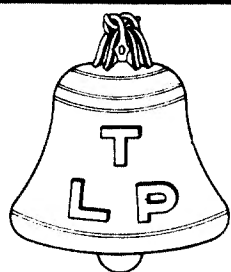
TORONTO, Ontário, (ANI) — Três organizações da comunidade portuguesa do Canadá receberam oficialmente subsídios do ministro Stanley Haidasz, que tem a seu cargo os assuntos do multiculturalismo.

A Filarmónica Portuguesa de Oakville foram concedidas verbas para deslocações em festivais no sudoeste do Ontário. O programa luso-brasileiro (Cable TV), e a «Television Communautaire Portugaise de

Montreal» também obtiveram apoios financeiros.

JORNAL PORTUGUÊS

Vai passar a semanário o jornal «Correio Português» que se publica, quinzenalmente, em Toronto, Canadá. Nas suas últimas edições o periódico solicita «maior colaboração, não apenas em Toronto, mas também noutras cidades, especialmente no sul do Ontário».



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «73»

NA NOITE DE 29 PARA 30 DO CORRENTE TODOS OS POSTOS COM O PREFIXO NUMÉRICO «73» FORAM ALTERADOS.

Em vez de «73» marque «80»

SEGUIDOS DOS RESTANTES ALGARISMOS.

NÃO SE ESQUEÇA POIS SÃO CERCA DE 1500 POSTOS QUE MUDARAM DE PREFIXO.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

TORQUATO DA LUZ

ALGUÉM

Alto, magro, de cabelo branco, elegantemente vestido, aquele senhor dos seus sessenta anos descia calmamente a Avenida. Não me lembro bem, mas é possível que trouxesse uma bengala ou, e só agora vejo essa hipótese, um chapéu de chuva. Era a meio da manhã — e todos sabemos como é a cidade a essa hora de um dia normal. As pessoas vão à sua vida, tomadas de uma pressa tão grande que chega a ser vertigem.

Aquele senhor, não. Caminhava seguro e tinha vagar. Talvez um grande proprietário da província a gozar as delícias de uns dias de descanso na capital. Saíra, possivelmente, de algum hotel perto do Marquês e ia ao Rossio beber a sua bica com um amigo ou tratar de negócios à mesa do café.

Eis, porém, que, de súbito, estaca e leva uma das mãos à cabeça: esquecera-se de qualquer coisa. E, senhor de si, em passadas largas e firmes, atravessa a faixa de rodagem. Não repara, todavia, no velocíssimo automóvel de marca, potente de não sei quantos cavalos, que em segundos o projecta a vários metros de distância.

Nem um ai. Apenas um corpo inerte no asfalto da Avenida. E, em volta, surgida não se sabe donde e tão rapidamente quanto se verificara o acidente, uma multidão, curiosa, de abutres sentenciadores.

Há num café do Rossio, pensei, alguém à espera de alguém que nunca chegará.

O dia mundial do teatro lisboeta

Estava na passada quarta-feira, dia 27, e como de costume, em frente ao aparelho para bem me informar dos acontecimentos nacionais e internacionais, quando vi a imagem de uma longa fila de jovens frente ao Teatro Maria Matos. Nos dias anteriores, ouvira a notícia de que a R.T.P. oferecia o espectáculo desse dia a jovens dos 14 aos 25 anos. A sala esgotou-se em pouco mais de uma hora. E lá estavam eles a responder a perguntas de um repórter: «não, nunca tinha ido ao teatro»; «não, não conhecia»; «sim, os bilhetes são caros»; «sim, agradeço a oportunidade».

Perante aquilo, não me contive e lá vamos nós até ao Maria Matos. Sala cheia de gente nova muita nova. Ambiente diferente, como é lógico; reacções mais vivas. Muitos risos, por vezes desproporcionados de acordo com o ponto de vista tradicional (lembremo-nos de que a «Morte de um Caixeiro Viajante» é vista pelo lado dos pais: os filhos são os vilões). Outros pormenores põem a malta a rir: por exemplo, quando Bill lamenta os cabelos brancos da mãe. Alguns jovens conversam, outros mandam-nos calar. Enfim, uma plateia viva embora parcialmente desfasada com o que passa no palco (trata-se de um público do «Trinidade» e quejandos). Em certos momentos mais fortes, o espectáculo consegue agarrar o público, silenciá-lo.

Lembro-me, a propósito, de uma das vezes em que o filme feito sobre a peça, com o Fredrich March no papel do Rogério Paulo. Era no Carlos Alberto, cinema de «reprises» do Porto, com uma malta do «piorio». O filme começou por despertar galhofa geral: dez minutos depois ouvia-se o ruído da máquina de projectar que era uma beleza. Foi das raras vezes em que vi uma obra de arte dominar um público hostil.

No intervalo, percorro alguns grupos. Todos gostam imenso. Levanto problemas sobre a temática da peça, sobre a forma, sobre o problema das relações pais e filhos. As reacções são frágeis, insuficientemente abertas para poder tirar conclusões seguras. Como disse, todos gostam (uma jovem fala-me com particular entusiasmo dos actores). Falo-lhes de outro tipo de teatro, dos grupos mais jovens. Ninguém conhece, é claro. Alguns prometem ir ver como é. O preço dos bilhetes preocupa-os. No início do 2.º acto, com todos os actores em cena, Rogério Paulo lê a mensagem de Burton (lá vai o discurso, diz uma voz), sublinhando o facto de, embora aquela não ser famosa, evocar uma das constantes do teatro que é o combate pela concórdia e pela paz. Sublinha ainda a particularidade de em muitos países do mundo, naquele mesmo momento, outros actores lerem noutras línguas o mesmo texto, para outros milhares de pessoas. Aplausos moderados à mensagem de Burton.

Esta iniciativa põe a R.T.P. perante esta obrigação: oferecer regularmente espectáculos a jovens como os que ontem encheram (e deram outra vida) o Maria Matos. E preciso levar esses jovens ao teatro. Não só a R.T.P., como as outras companhias e em especial os grupos independentes, devem inventar maneiras de o fazer.

Do Maria Matos, passamos para o Campolide Atlético Clube. Aqui estamos numa pequena cidade de teatro. A sala a abarrotar; só o tecto está desocupado. Gente também não habitual embora gente com ar relativamente teatral. Cá fora (como na sala, aliás) ambiente de festa. As maravilhosas fotografias de Alfredo Cunha, expostas na «Opinião» (que assim deu também a sua contribuiçãozinha para as festividades): este Alfredo Cunha capta o movimento interno da cena de uma forma pasmosa; cravos vermelhos; vinho do Porto (mauzinho). A um canto, o Peixinho e o Carlos Paredes discutem a possibilidade de fazer na música dita séria coisas semelhantes às que os amadores estão a fazer o teatro; o Benito, o Virgílio Martinho, dirigentes do C. A. A., sócios, colaboradores, actores fora de cena, confraternizam, trocam piadas. E comentada a afirmação do Virgílio Martinho, feita num colóquio na Parede, de que actor do C. A. C. que não apareça a dois ensaios seguidos, é expulso. Imaginação de surrealista. O espectáculo termina com o êxito de sempre. E preciso obrigar o público a abandonar a sala.

E bom o teatro.

Comboio sem maquinista

Um comboio eléctrico, vazio e sem tripulação percorreu mais de 14 quilómetros sobre os carris, passando veloz e ruidosamente pelos passageiros concentrados em sete estações nos subúrbios de Londres, numa hora de ponta.

Ferrovários desesperados tentaram em vão entrar no comboio saltando quando este passou por uma das estações.

A composição atravessou três passagens de nível, cruzou a estação de East Croydon, uma das mais concorridas da região Sul, a mais de 32 quilómetros horários.

Depois de percorrer toda a distância que separa Catherham, no Surrey, do cruzamento de Norwood, ao Sul de Londres, o comboio eléctrico de quatro carruagens foi desviado para outra linha, onde colidiu com obstáculos expressamente colocados e descarrilou.

Um informador dos caminhos-de-ferro salientou:

«Nunca ouvi falar de algo semelhante. O comboio, que esteve toda a noite estacionado junto a Catherham, começou de repente a andar. Deve ficar preso com travões de ar e de mão, e por isso iniciamos uma investigação urgente para apurar o assunto.»

Os cegos não pagam

A Câmara Municipal de Durban foi o primeiro de vários municípios sul-africanos a decidirem isentar os cegos de pagamento de bilhete nos transportes públicos.

A iniciativa partiu da Associação dos Cegos da província do Natal, que havia pedido ao presidente da edilidade da cidade de Durban que contribuisse com um subsídio para o transporte de cegos nos autocarros da cidade. Em vez disso, aquela entidade optou por tornar grátis as passagens de todos os cegos. Pretória, capital da República da África do Sul, decidiu imediatamente seguir o exemplo e tudo indica que os cegos possam, brevemente, ser beneficiados com idêntica medida em todos os pontos da República.

Atrocidades

O subsecretário sul-africano da Polícia, James Kruger, desmentiu categoricamente que dois guardas nacionais, operando na Rodésia, tivessem cortado as goelas a um bebé africano.

A alegação foi feita na Câmara Baixa rodésiana por um deputado africano independente, Ronald Sabomba, que afirmou que os dois homens tinham morto a criança, após tentarem sem êxito interrogar a mãe acerca de actividades de guerrilheiros.

Kruger disse que a alegação «não tinha o mínimo fundamento». Negou que qualquer pessoa da África do Sul estivesse envolvida em tal incidente.

O Governo rodésiano rejeitou um apelo para uma comissão de inquérito proceder a investigação acerca dessa e de outras alegações de atrocidades cometidas pelas forças de segurança contra elementos de tribos.

Casa da Comarca da Sertã

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Casa da Comarca da Sertã, em Lisboa, elegu os corpos gerentes para o biênio de 1974-75. Presidem, à assembleia geral, o dr. António Alves da Cruz; ao conselho regional e à direcção, o dr. José da Mata Vaz Serra; e ao conselho fiscal, Reinaldo de Jesus Costa.

CALVET DE MAGALHÃES

AMANHÃ:

DIA DO LIVRO INFANTIL

Entende-se por literatura infantil aquela que representa um meio poderosamente educativo para cultivar o amor, a liberdade, a poesia viril, séria e alegre, as qualidades humanas mais puras. Os heróis que a juventude admira constituem para o moço leitor um modelo. Limitá-lo, rivalizar com ele em proezas e contrariedades cada dia mais excitantes, emocionantes, altruístas ou sonhadoras, eis o ideal para um rapaz ou rapariga.

Essa literatura, que não tem menos importância que a educação, a instrução, propriamente dita, tem de harmonizar-se com os valores humanos sociais e estéticos.

A literatura para a juventude não tem tradições entre nós e tudo se tem feito para que não se crie uma verdadeira literatura juvenil. Há somente algumas boas vontades de estilo ultrapassado (confundido tradição com tração, pois o que é verdadeiramente tradicional está para a frente e não para trás), e alguns casos válidos no campo nacional.

O ritmo de vida dos nossos dias desenraizou das crianças o «vício da leitura» devido a vários males gerais como a baixa educação de base, o nível de vida económico e cultural, etc...

E vulgar também ouvir-se os economistas e administradores lastimarem-se de não terem tempo para ler. O movimento das nossas bibliotecas pelas crianças não acusa progressos sensíveis. O que as crianças lêem resulta dos juízos que as pessoas crescidas fazem por escalas de valores incertos, reflexo do seu próprio temperamento: desejo de tranquilidade, fuga de responsabilidades, concepção pessoalíssima acerca do que serve para a criança, etc. Se a criança aprende a vida pelo que vê fazer como pode deixar de ser o reflexo da vida que lhe criamos? A expressão «pregar pelo exemplo» é muito significativa, pois de todos os animais, segundo diz Aristóteles, o mais imitador é o homem. Poderíamos ainda citar Mistral quando afirma que «a escuridão precisa de luz e o mundo precisa de exemplos» o que testemunha teve o exemplo um poder tremendo e por isso a sabedoria dos povos nos aconselha que as crianças necessitam mais de exemplos que de lições pois julga a importância do que dizemos pelo que fazemos.

O gosto das crianças pelas modalidades de literatura infantil evoluiu, aliás, como qualquer produto industrial, consoante um conjunto de factores sociais e económicos que alargaram progressivamente o mercado da imprensa infantil, enquanto se definiam os gostos da criança se descobriam pouco a pouco os seus desejos inconscientes. Assim nasceram devido à evolução dos costumes de uma nova concepção da criança e das suas necessidades.

Se observarmos a evolução dos jornais infantis que recorrem a escritores e desenhistas de talento como Júlio Verne e Gustavo Doré até às estampas de Epinal (Pellerin) que oferece não uma estampa, mas uma sucessão de desenhos, pode-se observar a extensão considerável do público moço que vai criar e suscitar uma concorrência editorial que tem como base a estampa. A influência do cinema e da TV, e não apenas o desenho animado, traduz-se pela importância muito especial dada à ilustração, à escolha do tema, à sua estilização, aos diversos

modos de apresentação. Cerca de 1940, essa influência da estampa compõe-se de forma nova: os cómicos americanos invadem o mercado português. Ao êxito, entre nós, do «Jornal do Mickey» vai responder a invasão de vários periódicos. Estas tendências acentuam-se depois da guerra. Os adultos adulteram o gosto da gente moça satisfazendo a sua avidez a preto e branco, em preto e português, contanto que tenha estampas, cada vez

histórias e das rubricas. Em tudo isto a estampa não é mais elemento de contemplanção ou de documentação tal como o quadro, a gravura ou a recordação fotográfica, mas exprime por si mesmo o desenvolvimento de um pensamento, as fases de uma acção. Não se minimiza a técnica dos quadros, mas sim o mau uso que dela se faz do mesmo modo que se critica a péssima literatura.

Desta íntima ligação do



mais estampas, e uma carta forma de expressão lisonjeira do gosto inato, do tumulto e do insólito. Certas revistas e jornais ostentam cenas de violência, de brutalidade, de sadismo, por vezes de erotismo latente. Um semanário infantil nacional descreve numa página como se assalta um comboio; administradores de jornais infantis ordenam aos desenhadores para despirem mais as vedetas e salientarem-lhe os contornos, etc.

Depois deste massacre fazem-se então algumas leis, escrevem-se artigos fora do alcance dos pais comuns, verifica-se uma melhoria lenta, mas real, sobre todos os aspectos, que se dirige actualmente à imprensa infantil, pelo menos na que respeita aos semanários, e sem que os problemas fiquem com isso resolvidos (os mensários, as colecções Western, certos jornais brasileiros, as narrativas completas, etc.) Basta no entanto citar Bossuet «o exemplo transforma as pessoas e forma-as na virtude, ao passo que as leis são frequentemente remédios que sobre-carregam, longe de suavizar. E na verdade o que se verifica.

E foi assim que passámos em tempos a distinguir o texto que se tornou a simples animação do desenho e deixou mesmo de ser um comentário. A criança não se engana mesmo na escolha dessa estereotipia gráfica e silabada pois sabe reconhecer, sem ter necessidade de definições, quais as publicações fabricadas e redigidas para ela. Sabe distinguir no monstruário duma livraria ou quiosque o que pretende comprar devido a um código gráfico de que a maior parte dos adultos não se apercebe. O que há pois de comum entre todas estas publicações? Apenas numas e noutras encontra-se o recurso à estampa, forma de expressão; o centro de interesse fixado sobre uma ou várias personagens nitidamente descritas ou figuradas; o ou os heróis; nos semanários, o número e a diversidade das

legível e do visível, estímulo do pensamento, factos de adesão, destruindo completamente a inteligência, a imaginação, embrutecendo, sem qualidade, sem sensibilidade a consciência (as crianças sabem mais da guerra do Sul dos E.U.A. do que da Restauração) quem são os culpados? Quem tira o amor, a liberdade, a esperança às crianças? Quem torna a criança portuguesa superficial por fora e estranha por dentro?

A resposta é simples: nós todos, mas sobretudo quem tem de educar, pais, mestres, sociedade.

Para reintegrar as crianças no verdadeiro caminho das qualidades humanas, mais puras, na poesia viril, séria e alegre, são necessárias manifestações diversas, quer elas sejam exposições de vendas, colóquios ou certames. A criação de hábitos salutar de leitura, sentido criador e crítico, por exemplo, são aspectos que a escola também tem de cuidar, pois sem um verdadeiro sentido educativo não podemos aspirar a dar à criança a dignidade a que tem direito.

REALIZAÇÕES EM LITERATURA INFANTIL

Escritores portugueses para crianças ou com livros para crianças:

Afonso Lopes Vieira, Alice Gomes, Alves Redol, Aquilino Ribeiro, António Torrado, António Sérgio, Augusto Santa Rita, António Quadros, Adolfo Sanches Müller, Etelvina Lopes de Almeida, Fernanda Flores, Fernando Castro Pires Lima, Carlos Selvagem, Hortense d'Almeida, Ilse Losa, Isabel da Nóbrega, João de Barros, João de Mota Prego, Manuel Piló, Maria Teresa Montengro, Alice Ogando, Maria Patrícia, Lília da Fonseca, Madalena Gomes, Manuel Ferreira, Manuela de Azevedo, Ester de Lemos, Fernando Lima, José de Lemos, Maria Leonor, Botelho, Maria Amélia Vale, Maria Cecília Correia, Maria Helena Costa Dias,

Continua na pág. 8

DL/GERAL

PORTUGAL ENTRE OS CANDIDATOS À ADMISSÃO NO BANCO DE FOMENTO INTER-AMERICANO

SANTIAGO, 1 de (R) — Os países membros do Banco de Fomento Inter-Americano (IDB) insistem para que seja de 500 milhões de dólares a quota a ser paga pelo Japão e por alguns países da Europa Ocidental que pretendem ingressar naquela organização. — celebraram círculos qualificados.

Aquelas fontes comentavam as discussões travadas durante a sessão efectuada por um grupo de trabalho em preparação da 15.ª Conferência Anual dos Co-

RITO ISLÂMICO NO ABATE DE ANIMAIS EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, I
(A.N.I.) ... Vai ser cons-

truida em Lourenço Marques uma unidade industrial destinada ao abate de reses e aves segundo o rito islâmico. O empreendimento está orçado em cerca de dez milhões de escudos.

A empresa está autorizada a trabalhar na manipulação e industrialização de carnes e seus subprodutos, salsicharia, matadouro de aves e fábrica de gelo, com comercialização por venda directa ao consumidor.

Esta organização contará com delegações e postos de venda em diversos locais de Moçambique.

vernadores do Banco, que se iniciou hoje nesta cidade.

Actualmente, o IBD é constituído por 24 nações das Américas do Sul e Central e das Caraíbas, mais os Estados Unidos e o Canadá.

Sabe-se que o Japão e a Alemanha Ocidental aspiram a ser admitidos e aqueles círculos revelaram que outros países interessados são Portugal, Bélgica, Inglaterra, Holanda, Itália e Espanha.

Os actuais membros são unânimes em considerar que deve ser de 500 milhões de dólares a soma que cada um desses países deve colocar no «pool», que fornece créditos de fomento. Os interessados rejeitaram a proposta como sendo excessiva-

Os empregados da Associação do Instituto de Economia pretendem os vencimentos

Os 55 empregados da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Economia, os sindicatos que os representam e bem assim a direcção da própria Associação, redigiram um documento em que pedem que lhes seja pago de imediato o vencimento referente a Março, lhes seja garantido o pagamento dos vencimentos futuros enquanto se mantiver a situação anormal da Associação e ainda que lhes seja permitido de novo o acesso

mente elevada, mas ambos os lados concordaram em reconsiderar o assunto em data posterior.

AINDA O COMBOIO DA LOUSÃ

Uma comissão constituída por várias entidades locais deslocou-se ao Governo Civil, onde fez entrega ao eng.º Cunha Matos de um abaixo-assinado subscrito por cerca de quinze mil pessoas, e no qual é solicitada a supressão da passagem do comboio da Lousã pelo centro da cidade.

A referida petição será entregue pelo governo civil de Coimbra ao ministro das Obras Públicas e Comunicações.

aos seus locais de trabalho.

O documento foi enviado ao reitor da Universidade Técnica de Lisboa, ao director do Instituto Superior de Economia e ao director dos Serviços Sociais do mesmo estabelecimento de ensino, que foi encerrado no passado dia 26.

Para análise do problema, as entidades a quem os trabalhadores enviaram o documento reunem-se esta tarde.



O momento em que o coronel Silva Sebastião lia, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lisboa, a mensagem do Município que seria entregue com todo o cerimonial, àquele alto dignatário britânico, a quem era dirigido.

**O coronel Silva Sebastião
saudou o Lord Mayor de Londres**

É com a satisfação com que sempre acolhe os seus velhos amigos que esta mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa hoje vos recebe nesta sua casa e calorosamente vos saúda, senhor Lord Mayor.

Foi com estas palavras que o presidente do Município iniciou a saudação que dirigiu esta manhã, nos Paços do Concelho, ao Lord Mayor de Londres durante a visita solene que aquele alto dignatário, desde

ontem na nossa capital, efectuou àquela edificação camarário, onde o receberam com as honras inerentes ao seu cargo. Ainda nessa saudação, o coronel Silva Sebastião, diria: Curiosamente, o destino parece ter caprichado em nos experimentar, colocando-nos perante situações, em tudo semelhantes. E tão frequentemente tal tem acontecido, que não necessitamos retroceder muito no tempo, para depararmos

com alguns exemplos. Pois não terá sido em tudo semelhante a vivida por vós em 1940, em que defrontastes as forças mais poderosas que o Mundo até então conheçera, com aquela que nós próprios hoje defrontamos? E o presidente da Câmara terminou com palavras de esperança por um ainda mais amistoso elo entre as duas capitais.

Em resposta, o Lord Mayor de Londres começou por agradecer o caloroso e simpático acolhimento dispensado, terminando da seguinte maneira: **Ambos temos um grande passado histórico de amizade e comunhão de interesses, de que nos orgulhamos; mas temos, igualmente, estou certo, um futuro animoso diante de nós.**

Procedeu-se depois à entrega mútua de mensagens e ao acto simbólico da entrega das chaves de cada uma das cidades, assim como à troca de presentes, findo o que os convidados e o seu séquito começaram a abandonar o Salão Nobre do Município.

VIVENDA ASSALTADA NA AJUDA

Segundo o auto de notícias presente na Polícia Judiciária, indivíduos ainda não identificados introduziram-se, esta madrugada, por meio de chave falsa, numa vivenda localizada na Rua Alto do Duque, 51, na Ajuda, de onde levaram uma colecção de jóias avaliada em cerca de cinquenta contos.

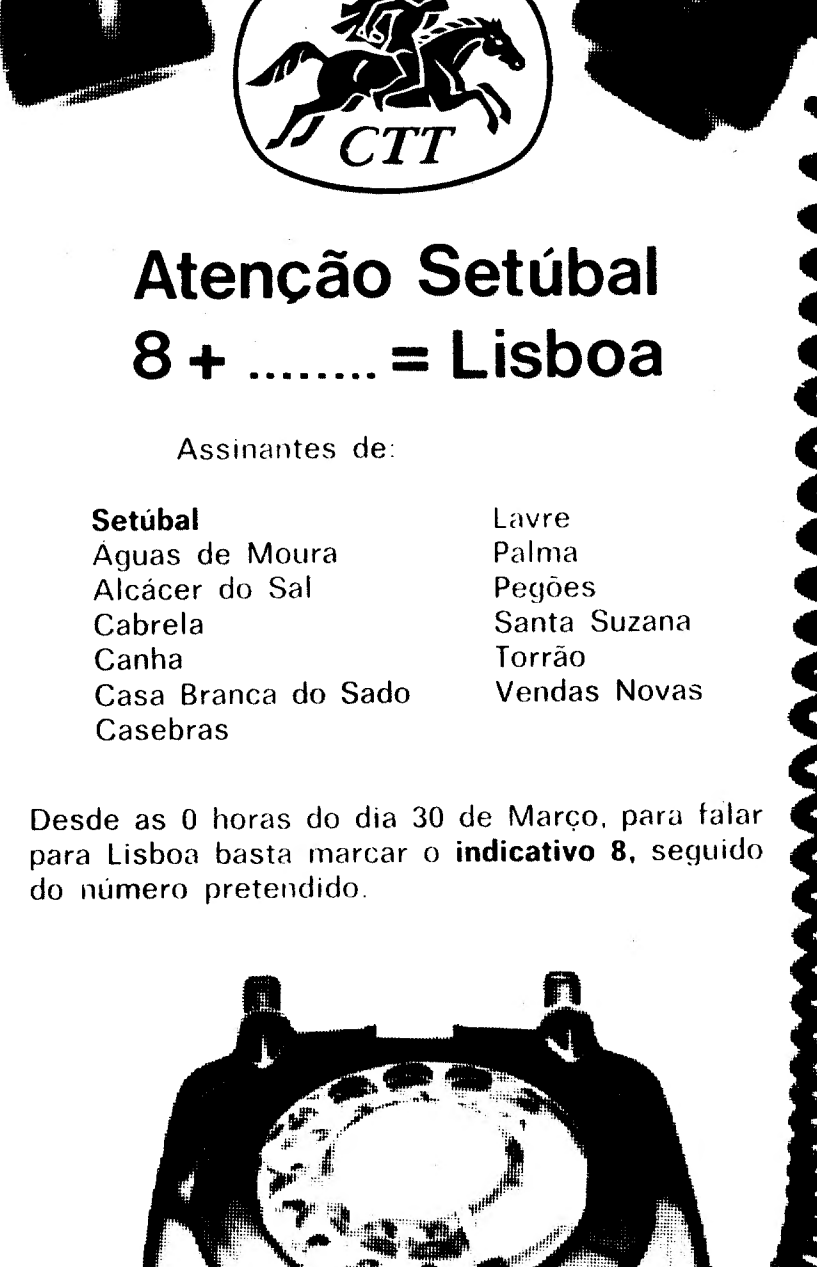
Em idêntico período, e por arrombamento da porta principal, foi ainda assaltada a Sociedade Recreativa Ribeira das Lajes, em Oeiras, tendo desaparecido uma máquina de escrever, um gira-discos e um gravador, artigos orçados em cerca de dez contos.

A Judiciária, que compareceu em ambos os locais, procede agora às necessárias averiguações.

COLHEITA DE SANGUE

À partir de hoje e até ao dia 14, a unidade móvel do Instituto Nacional de Sangue está estacionada na Praça de Camões (frente à estátua) onde funciona como posto fixo, das 10 às 13 e das 17 às 20 horas, com uma equipa médica e de enfermagem, para colheita de sangue.

Os doadores deverão ter entre os 18 e os 65 anos de idade, sendo cada pessoa examinada clinicamente, antes de fazer a sua doação.

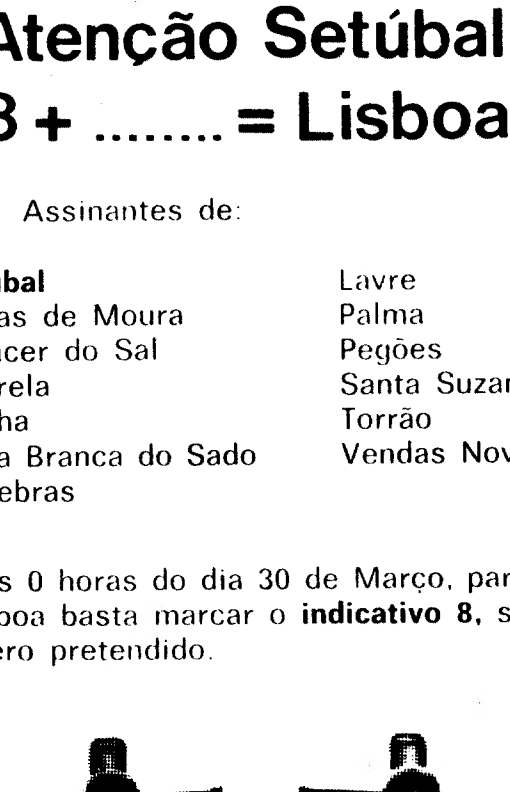


Atenção Setúbal
8 + = Lisboa

Assinantes de:

Setúbal	Lavre
Aguas de Moura	Palma
Alcácer do Sal	Pegões
Cabrela	Santa Suzana
Canha	Torrão
Casa Branca do Sado	Vendas Novas
Casebras	

Desde as 0 horas do dia 30 de Março, para falar para Lisboa basta marcar o **indicativo 8**, seguido do número pretendido.



CTT

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 48.º sorteio trimestral realizados em 29/3/1974

— prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados
a seguir indicados —

- 1 — 1.^o prêmio: 100.000\$ — certificado n.^o 419 046
2 — 2.^{os} prêmios: 30.000\$ cada — certificados n.^{os} 116 303 e 325 237
3 — 3.^{os} prêmios: 20.000\$ cada — certificados n.^{os} 179 712 e 438 445 — 558 415 e 583 408
10 — 4.^{os} prêmios: 5.000\$ cada — certificados n.^{os} 359 439 e 363 346 — 367 614 — 372 002 — 376 924 — 382 132 — 392 899 — 397 475 — 402 127 e 415 151
60 — 5.^{os} prêmios: 1.000\$ cada — certificados n.^{os} 2771 — 20 824 41 688 — 76 036 — 149 843 — 171 937 — 172 993 — 185 199 — 200 567 — 201 514 — 210 960 — 222 599 — 229 057 — 233 371 — 234 126 — 243 317 — 247 271 — 247 668 — 251 242 — 256 491 — 265 708 — 270 971 — 279 375 — 279 609 — 283 808 — 288 296 — 288 462 — 293 297 — 298 079 — 312 816 — 378 078 — 383 294 — 387 807 — 394 075 — 398 821 — 407 970 — 412 435 — 420 104 — 424 274 — 433 454 — 495 741 — 500 563 — 505 767 — 514 384 — 515 370 — 517 813 — 518 999 — 522 054 — 523 190 — 526 368 — 531 397 — 532 785 — 538 161 — 543 688 — 547 883 — 553 345 — 559 821 — 564 199 — 573 564 e 578 532.

Estes prêmios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000\$, 21.000\$, 14.000\$, 3.500\$ e 700\$, respectivamente.

O próximo sorteio, realiza-se em 28 de Junho de 1974.
 Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público,
 29 de Março de 1974.

Pe'lo DIRECTOR-GERAL
Antônio Noronha

Tintas

DUKALINE

A TINTA VERDADE, A TINTA MAIS BARATA DO MUNDO E DAS MELHORES DE PORTUGAL. PORQUE DUKA E PENDE O DOBRO! duma tinta normal com o HOJE e duas vezes mais rendimento.

RECOMENDAMOS: «EQUANOS AMOVISAS E DEPT. E COLOS DE GARANTIA» e «EQUANOS - Estab. ABILIO DUQUE, LDA.» - FORDO

TELEF. 224414242 - 226876440 - PORTUGAL

TV

DL/ESPECTÁCULOS

25 MILHÕES: MAIS UMA EMISSÃO SEM FARO

Talvez de nenhum programa havido ou por haver dos «25 milhões» fosse lícito esperar tanto como deste dedicado ao distrito de Faro, distrito que é toda uma província, província que é toda uma teia complicada de temas e problemas. Tanto ou tão pouco, tão pouco ou tanto, que bem se pode afirmar ser o Algarve uma das províncias mais desconhecidas de Portugal... apesar de se falar tanto dela...

Talvez para compensar, ontem falou-se quase nada do Algarve. Ainda bem, ainda bem. É bom sinal, a felicidade não tem história. Não se falou dos problemas específicos das conservas de peixe.

Não se falou nas relações entre o turismo e o meio ambiente, sinal de que essas relações são as melhores, ou então de que já nem mesmo existe meio ambiente. Não se falou dos problemas da assistência. E que tal, vamos nós de agricultura? Pois, homem, pois que pergunta, posi como havemos de ir pois vamos bem, muito obrigado. E as relações humanas como estão? Óptimas, óptimas. Isto é tudo boa gente.

No Algarve é tudo muito feliz. Só há canções, festas, versos, bailes. Indecentemente esqueceram-se de falar nas mouras encantadas nem nas amendoieiras em flor, isto já não há respeito pelas tradições nem pela beleza nem por coisíssima nenhuma. Ora a gente repara naquilo tudo e vê, mas vê logo que esta na capital da alegria, da música leve e da música pesada, os moços e as moças convivem tão fraternalmente e todos vivem euforicamente a hora que passa...

Há uma banda a tocar, há uma trio a trionar, há uma orquestra típica a corrinhar há um rancho folclórico a folclorizar conforme lhe mandam. E há canções de grande melodia e grande beleza poética, o sentimento e o humor vão dentro delas muito direitinhos com os queixos muito bem amarradinhos como se fossem dentro de um caixão. Estou a lembrar-me de Francisquinho:

*que mulher tão boa
que mulher tão má
Comadre Maria Francisca
você diz que dá, que dá...*

ou daquela canção da praia da Quarteira:

*Se tu visses o que eu vi
lá na praia da Quarteira
Eu vi lá um homem nu
com uma faca na alqueira*

Sobretudo tão original, não é? Tão tipicamente algarvio,

então não é? Ao menos aqui só a má-língua encartada pode dizer que não houve folclore.

Claro que também veio o momento clássico, com um menino e uma menina a tocarem o seu piano. Ele tem 12 anos e gosta muito de tocar, prefere interpretar Beethoven, Mozart e agora anda a exercitar-se em Schubert; ela tem 15 anos e não quer ser concertista, nada disso, é só por cultura geral.

Os mocinhos não têm culpa. Muito fazem eles. A culpa é de quem os põe ali a arrostar com uma responsabilidade que os seus ombros frágeis não suportam. Claro que não tem a mínima importância. Isto é tudo uma reinação. E se os adultos tanto brincam com coisas sérias, por que não dar às crianças igual direito?

O TEATRO NA CRUZ

O drama desta emissão é que ela assumiu uma terrível mediocridade que, em vez de meter apenas dó, deu ainda as mãos ao ridículo. Não se pode recordar sem tristeza aquela exibição declamada e cantada de uma mandador de corridinhos. Foi mais do que mediocre: foi uma vergonha, foi mais do que uma realidade transportada para o absurdo: foi o próprio absurdo instalado na realidade.

Em boa verdade, não há nada, pela palavra nada, que mereça uma serena palavra de boa recordação. A dúvida acaba por se instalar até nos espíritos menos cépticos: então o Algarve é aquilo? O Algarve é aquela demonstração de pobreza, é aquele Manual do Perfeito Mau Gosto, é aquela sucessão das banalidades mais enfadonhas, mais rasteiras?

Dificilmente se aceita que um grupo teatral que já fez (ou desfez?) Shakespeare e Ionesco e Calderon e o *Diabassete*, dificilmente se compreende que tal grupo nos venha dar meia hora de uma representação tão má, tão ma, aqueles amadores trabalhavam tão mal que pareciam profissionais, meia hora de bilhete postal sofisticado, de aldrabice teatral, de como já não se usa em nenhuma parte nem mesmo nas réctas escolares da instrução primária.

Quem inventou aquilo foi o dr. Coroa, apaixonado do teatro que também falou e teve o mérito de recordar alguns



Por MARIO CASTRIM

poetas algarvios e de apontar o Círculo Cultural do Algarve como sendo, de há 30 anos a esta parte, «a agremiação culturalmente mais sólida» de Faro. Enganou-se, com certeza. Se fosse como diz, não deixariam os responsáveis de «25 milhões de Portugueses» de ouvir os seus dirigentes ou os seus sócios mais qualificados.

Ora Emilio Campos Coroa trabalha agora com o grupo de teatro *Lethes* instalado no teatro do mesmo nome, propriedade da Cruz Vermelha Portuguesa. Emilio Coroa fala muito da Cruz Vermelha, chega-se a um ponto em que não se sabe se está ali para falar da Cruz Vermelha ou do teatro, chega mesmo a haver uma confusão dada entre as duas coisas. «... associação do espírito amador

de todo o mundo com os objectivos, com o idealismo da Cruz Vermelha. Somos cem por cento amadores e portanto estamos dentro da Convenção de Genebra, levar o humanismo do Bem, da Verdade, do Bem, da Justiça, aos infelizes, aos prisioneiros de guerra (que foi como principalmente surgiu a ideia) nós, amadores, trabalhamos para hospitais, infantários, creches, asilos... agora com maior razão estamos trabalhando para um pronto-socorro para indigentes, estamos trabalhando para conseguir serviços de enfermagem para quem não tenha possibilidades disso, temos já em Faro uma ambulância que poderá transportar pobres a toda a parte, está já aberta inscrição para cursos de primeiros socorros...»

Não sei se estão a ver as coisas maravilhosas que o teatro consegue. Entre as atribuições do teatro, considerado como arte viva numa sociedade de viva, não me constou existir nunca nenhuma daquelas enumeradas pelo dr. Coroa. Ah, meus senhores, tenhamos esperança no Teatro amador: nele reside, como parece concluir-se, a solução para alguns dos mais graves problemas do nosso tempo, de braço dado com a Cruz Vermelha Portuguesa.

QUESTÃO DE SUPLEMENTO.

Além do dirigente e mentor do Teatro *Lethes* (responsável por aquela meia hora de tédio e de péssima dramatização a que chamaria saloia se não quisesse ofender os amadores de Caneças) ouvimos ainda o vice-presidente da Câmara de Faro, João Pinto Dias Pires.

Duas notas a salientar. Primeiro, aquela referência ao agravamento do custo de vida provocado pela explosão turística, agravamento que mais se manifesta no preço dos produtos alimentares e nas rendas das casas. Na sua opinião, quem mais sofre são os

funcionários públicos, pelo que se espera lhes seja concedido o suplemento de ordenado atribuído aos funcionários das ilhas adjacentes.

Na sua aparência de anedota, a questão levantada pelo vice-presidente reflecte o problema base do turismo o qual vem a ser a repartição dos benefícios pela colectividade em vez de a fazer suportar unicamente os encargos «25 milhões de Portugueses» não estava resolvido a ir ao fundo do problema, compreende-se. Estava antes resolvido a alegrar, a distrair, a mostrar o lado positivo das coisas.

Neste sentido se inscreve a outra nota da palestra do senhor vice-presidente: o seu amor pela poesia em geral e pelo poema do sr. António Pereira, em particular. Poema que recitou e nos veio dar a nota verdadeiramente insólita de Faro: deve ser a única cidade do país que tem um vice-presidente declamador.

Só não compreendi muito bem como concilia ele as duas afirmações: o algarvio tem um grande apego à terra; o algarvio é um emigrante nato. Não compreendi isso e não importa muito. A verdade é que, nestas emissões, se deve desistir de compreender seja o que for.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

JEAN-PAUL BELMONDO

O Magnífico
(LE MAGNIFIQUE)

um filme de **PHILIPPE DE BROCA** **JACQUELINE BISSET**

com VITTORIO CAPRIOLI e CLAUDE BOLLING

MONIQUE TARBES • MARIO DAVID • RAYMOND GEROME • JEAN LEFEBVRE
HANS MAYER • ANDRE WEBER

A ESTREIA DO ANO!

AMANHÃ AS 21.45 **ROXY**

GRUPO C - 14 ANOS

VITORINO NEMÉSIO

PRÉMIO MONTAIGNE 1974
criado pela FUNDAÇÃO F. V. S.
(FREIHERR VON STEIN / FRIEDRICH VON SCHILLER) DE HAMBURGO

A CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL DE UM POETA, ROMANCISTA E ENSAISTA PORTUGUÊS, A QUAL A **LIVRARIA BERTRAND** SE ASSOCIA COM A PUBLICAÇÃO DO VOLUME

CRÍTICAS SOBRE VITORINO NEMÉSIO

Coordenadas sob consulta de Luis Forjaz Trigueiros, David Mourão-Ferreira e Vitorino Nemésio

348 PÁGINAS PREÇO 150\$000

uma edição **LIVRARIA BERTRAND**

Arthur Haulot regressou a Bruxelas

Regressou ontem a Bruxelas depois de uma estadia oficial de alguns dias no nosso País o Comissário-Geral do Turismo Belga sr. Arthur Haulot que é uma grande personalidade mundial não só no domínio dos conhecimentos turísticos como da poesia, actividade literária em que é detentor de vários prémios internacionais. Combatente contra os nazis, correspondente de guerra, redactor dos principais jornais belgas, Arthur Haulot deverá voltar ao nosso País em Outubro. Antes da sua partida foi homenageado com um jantar íntimo em casa do sr. Regis Oliveira, representante da Sabena em Lisboa. Assistiram o embaixador da Bélgica, sua esposa, a escritora Fernanda Botelho e outras individualidades.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Uma admirável história de amor!

Era uma vez Rosa...
Ela tinha 20 anos...
Ele tinha apenas 11...

“Amo-te Rosa”
(I Love You Rosa)

com **MICHAL BAT-ADAM** **GABI OTTERMAN** Realização de **Moshe Mizrahi**

Candidate ao OSCAR Melhor Filme Estrangeiro
Prémio “FÉMINA” Bélgica

ESTREIA, AMANHÃ

AS 21.45 no **PATHE**

COLORIDO



DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA
DE CINEMA

LAURO
ANTONIO

A comédia italiana ao ataque

Título: FIM-DE-SEMANA ILEGÍTIMO (Dirty Weekend)
Realização: Dino Risi, 1973 (Itália)
Intérpretes: Marcello Mastroianni, Oliver Reede, Carol Andre, Lionel Stander, Nicoletta Machiavelli, Bruno Cirino, Marcello Mando, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Alvalade e Condes

Título: SOU EU CULPADO? (Sono Stato Io)
Realização: Alberto Lattuada, 1973 (Itália)
Intérpretes: Giancarlo Giannini, Silvia Monti, Orazio Orlando, Giuseppe Maffioli, etc.
Distribuição: Columbia e Warner
Estreia: Cinema Roma

A comédia italiana parece

continuar de perfeita saúde, ainda que somente por parte de meia dúzia de autores, dado que a grande maioria do seu produto em série é deveras lamentável, desinteressante e falho de qualquer novidade.

Entre os autores responsáveis pelo retorno deste género de algumas tradições no panorama da cinematografia italiana, contam-se obviamente os nomes de Dino Risi e, de forma mais irregular, Alberto Lattuada. Duas películas suas reafirmam, em *écrans* de Lisboa, a verdade dos factos.

De Dino Risi (de quem há pouco se viria um magnífico *Em Nome do Povo Italiano*) surge-nos *Fim-de-Semana Ilegítimo*, sátira política de vastas ressonâncias, tendo como centro de acção o roubo de um banco seguido pelo rapto de um industrial (acompanhado pela «companheira» de ocasião), empreendidos por um grupo de «guerrilheiros urbanos» que assim procuram chamar a atenção pública sobre a sua causa, os seus processos e o que eles chamam a «ortodoxia instalada» de outros grupos revolucionários italianos. O filme põe em discussão métodos de acção, bem assim como a legitimidade dos mesmos, mas fundamentalmente põe frente a frente mentalidades e

normas de existência contraditórias (de um lado o grupo raptor, do outro os raptados e, igualmente, todos os representantes da ordem que perseguem os «terroristas»). Desta coexistência, mais ou menos pacífica que se prolonga até perto do final, nascem pequenas observações críticas de uma invulgar pertinácia e de alguma violência.

Um pouco abaixo de *Em Nome do Povo Italiano*, este *Fim-de-Semana Ilegítimo* é, apesar disso, uma comédia de costumes invulgar, documentando o interesse de um homem como Dino Risi, que consegue manter um humor vigoroso, agressivo e algo requintado, dentro de uma cinematografia cujo riso se caracteriza pelo desregramento excessivo e as tonalidades demasiado carregadas.

Da parte de Alberto Lattuada, *Sou Eu Culpado?* também justifica alguma curiosidade, se bem que o tema já tenha sido abordado várias vezes em cinema. (*O Ladrão*, de Nadine Trintignant, p. e.) e Lattuada não cuida suficientemente do acabamento formal da sua obra. De qualquer forma, *Sou eu Culpado?* é uma comédia interessante, contando a vida miserável e ignorada de Biagio Solise, lavador de janelas du-

rante o dia, cantor do coro do *Scala* de Milão, durante a noite, homem que, para chamar sobre si a atenção dos outros, nada de melhor se lembra senão afirmar-se o culpado do assassinato de uma cantora que aparece estrangulada no seu camarim. O filme fala-nos pois do esforço deste pobre diabo para ser preso por um crime que não cometera, unicamente para captar o foco das atenções gerais. Lattuada volta-se assim contra as regras viciadas de uma sociedade competitiva impiedosa que cria pesados traumas nos seus elementos menos aptos, denunciando essa crise de afirmação pessoal que a quase todos toca, com maior ou menos força.

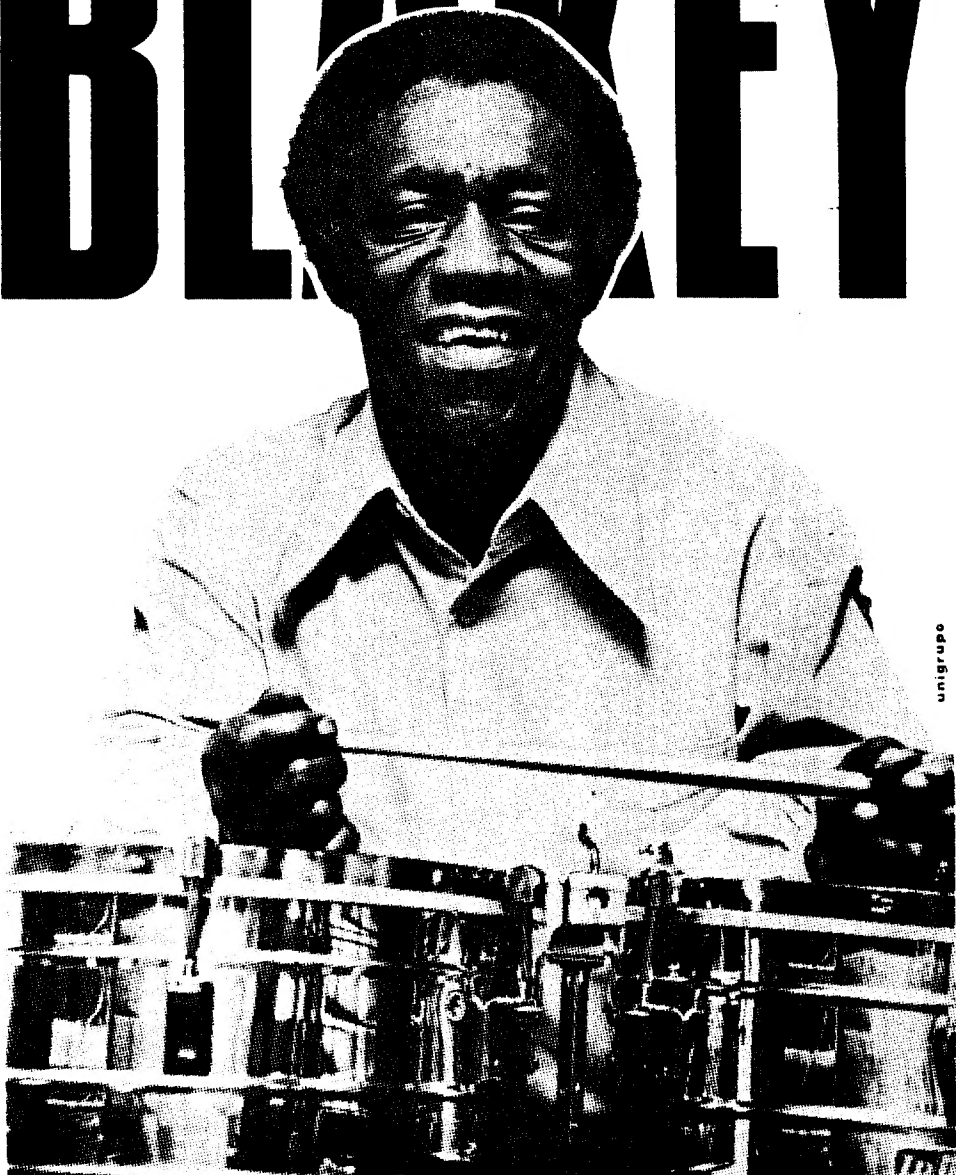
Sou eu culpado? vive ainda, e sobretudo, da interpretação de um novo actor italiano de grandes recursos que seguramente se irá afirmar em futuros trabalhos: Giancarlo Giannini. Pena foi Lattuada não ter sido um pouco mais exigente com o seu trabalho pessoal, descuidando o ritmo da obra e a qualidade plástica da mesma.

CORRIDAS ASSALTOS DUELOS...

Título: CORRIDA SELVAGEM (The Ward Ride)
Realização: Burt Topper, 1973 (EUA)

Continua na pág. 10

ART AND THE JAZZ BLAKEY MESSENGERS



ART BLAKEY, um dos gigantes do jazz estará presente no WRANGLER Festival de 1974.

Dia 5 de Abril às 18,30 no Cinema Monumental, WRANGLER Festival Jazz da Primavera em que participam ART BLAKEY AND THE JAZZ MESSENGERS, e o QUINTETO PORTUGUÊS DE JAZZ!

Vista as suas WRANGLER e apareça nas bilheteiras do Cinema Monumental dias 1, 2 e 3 de Abril das 10,30 às 12,30 horas, onde terá um bilhete gratuito à sua espera.

Grupo B - Maiores de 10 anos
Artistas contratados por intermédio de INTERARTES.

com
Wrangler
a vida é um... festival

Atenção Portimão

8 + = Lisboa

Assinantes de:

Portimão	Mexilhoeira Grande
Aljezur	Monchique
Alvor	Odeixe
Armação de Pera	Praia do Carvoeiro
Bensafrim	Sagres
Budens	S. Bartolomeu de Messines
Caldas de Monchique	S. Marcos da Serra
Guia	Silves
Lagoa	Vila do Bispo
Lagos	

Desde as 0 horas do dia 30 de Março, para falar para Lisboa basta marcar o **indicativo 8**, seguido do número pretendido.

DL/GERAL

MARIA JOÃO PIRES ACTUA EM MADRID

A pianista portuguesa Maria João Pires, considerada como «uma das maiores intérpretes de Mozart na nova geração», como acentua o «ABC», de Madrid e a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Theodor Gushlbauer e que recentemente foi distinguida com o Grande Prémio Internacional do Disco de 1974, pela gravação do concerto número 21 para piano e três rondos, vão dar um concerto no Teatro Real de Madrid, em 3 de Abril. Nos dias 6 e 8 apresentam-se em Valladolid, Leon e Alcalá de Henares. Estes concertos foram organizados pela Direcção Geral das Belas-Artes.

Escolheu a URSS

Uma espanhola de 81 anos, a sr.^a Francisca Martinez, vai encontrar-se na União Soviética com o filho, após 32 anos de separação. Deixou Madrid, de avião, com destino a Kiev, onde vive o seu filho António, de 52 anos, casado e pai de dois filhos.

António Martinez é um antigo legionário da divisão espanhola «Azul» que combateu ao lado das forças alemãs na frente russa durante a Segunda Guerra Mundial. Feito prisioneiro, ficou-se na URSS depois de ter passado sete anos num campo de concentração, período durante o qual a família o considerou desaparecido.

António Martinez tem ainda cinco irmãos em Espanha.

FEIRA DE PARIS

27 de Abril—12 de Maio

★

- Conjunto de 6 salões e 2 exposições
- A apresentação mais completa dos bens de consumo
- Pavilhões de 35 países

★

Informações:

HOTELCAR
Av. da Liberdade, 107
LISBOA
Telef. 369178/9
369045/6

Orquestra em digressão

A Orquestra Gulbenkian, sob a regência do seu actual director-titular, maestro Michel Tabachnik, vai realizar uma digressão pelo Norte do País, de 17 a 19 de Abril próximo.

Está prevista a realização dos três seguintes concertos: dia 17 — Coimbra (Teatro Gil Vicente); dia 18 — Braga (Auditório do Conservatório Ca-

loute Gulbenkian); dia 19 — Porto (Teatro São João, concerto dedicado aos sócios do «Orpheon Portuense»). Todos os concertos se realizarão às 21 e 30.

O programa a apresentar nesta «tournée» é constituído pelas seguintes obras: Sinfonia n.º 5 de Schubert, Sinfonia

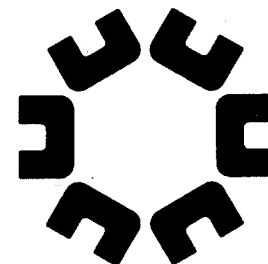
Concertante para violino, viola e orquestra de Mozart (tendo como solistas a violinista Chiara Banchini e a violonista Ana Bela Chaves), Cinco Peças para Cordas op. 5 de Webern, e Abertura «Le Nozze d'Ercole ed Ebe» do compositor português setecentista Jerónimo Francisco Lima.

“O BARÃO”

A Secção de Teatro do Grupo Cultural e Desportivo da TAP vai apresentar a peça «O Barão» de Luís Sttau Monteiro, baseada na novela do mesmo nome de Branko da Fonseca. Os espectáculos terão lugar na sala da Academia Recreativa de Santo Amaro, pelas 21 e 30 dos dias 3, 4 e 5 do corrente.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Sede: Av. Infante Santo, 2-Lisboa



AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DE 1750 000 PARA 2470 000 CONTOS

Autorizado por Portaria de 13 de Março de 1974, publicada no «Diário do Governo» n.º 67, III Série, de 20 de Março de 1974

EMIÇÃO DE 720 000 ACÇÕES DE VALOR NOMINAL DE 1000\$00

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

1. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A ACCIONISTAS

a) 250 000 acções a atribuir aos actuais accionistas a título de incorporação de reservas, na proporção das que possuem, contra o pagamento da importância de 50\$00 por acção relativa ao imposto de mais-valias. (*)

b) 375 000 acções destinadas a serem subscritas pelos actuais accionistas, ao preço de emissão de 2000\$00 cada uma, na proporção das que possuem, acrescido do imposto de mais-valias no valor de 179\$05 por acção.

2. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A EMPREGADOS

10 000 acções para serem subscritas pelo pessoal da Empresa ao preço de emissão de 3500\$00 cada uma, acrescido do imposto de mais-valias no valor de 104\$05 por acção.

3. SUBSCRIÇÃO DESTINADA AO PÚBLICO EM GERAL

85 000 acções para serem oferecidas à subscrição do público em geral, ao preço de emissão de 3500\$00 cada uma.

4. PAGAMENTO

O pagamento das acções, bem como do imposto de mais-valias quando devido, será feito integralmente no acto da subscrição.

5. DEVOLUÇÃO DE NUMERÁRIO

Em caso de rateio, as importâncias relativas às acções não atribuídas serão devolvidas até ao dia 30 de Abril próximo, aos balcões dos bancos em que se tiver realizado a subscrição.

6. TÍTULOS A EMITIR

As acções serão nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis e representadas por títulos de 1, 10, 50, 100, 500 ou 1000 acções.

7. DIVIDENDOS

As acções a emitir terão direito à parte do dividendo, relativamente ao exercício de 1974 proporcional ao tempo decorrido desde o termo da subscrição.

8. ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

A entrega dos títulos definitivos será efectuada dentro do prazo de 6 meses a contar do termo da subscrição.

9. ADMISSÃO À COTAÇÃO NA BOLSA

A Companhia requererá a admissão à cotação na Bolsa das novas acções, logo que sejam emitidos os títulos definitivos deste aumento de capital.

10. IDENTIFICAÇÃO

Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à respectiva identificação.

11. PERÍODO E LOCAIS DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição decorrerá de 2 a 4 de Abril de 1974. Os empregados da Companhia inscrevem na Sede da Empresa as acções que lhes são expressamente destinadas; os senhores accionistas e o público em geral aos balcões das seguintes instituições de crédito que tomam firme a emissão:

Caixa Geral de Depósitos - Banco de Fomento Nacional
Montepio Geral - Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura - Banco do Alentejo
Banco de Angola - Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa - Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonsecas & Burnay - Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino - Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor - Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores - Bank of London and South America
Crédito Predial Português - Crédit Franco-Portugais
Manuel Mendes Godinho & Filhos - Pancada, Moraes & Cia.

onde poderá ser obtido o prospecto com os elementos respeitantes à Empresa e a este aumento de capital.

(*) A importância relativa a este imposto será devolvida caso venha a ser deferido o pedido de isenção formulado ao abrigo do Art.º 9.º do Decreto-Lei n.º 718/73 de 31 de Dezembro de 1973.

Lisboa, 29 de Março de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Teatro
Maria
Matos

HOJE
às 21.45 horas

«MORTE
DE UM CAIXEIRO
VIAJANTE»
de Arthur Miller

M/14

Bilhetes à venda
Tel.: 717017

Matinée aos domingos
às 16.00 h.
3.ª-feiras
Descanso da Companhia

DL/GERAL

O Dia do Livro Infantil

Continuação da pág. 3

Fernando Paço, Maria Lamas (Rosa Silvestre), Maria Lúcia Namorado, Branquinho da Fonseca, Maria de Luz de Deus, Maria Manuela Couto Viana, Mário Castrim, Campos de Figueiredo, Matilde Rosa Araújo Papiniano Carlos, Patrícia Joyce, Rómulo de Carvalho, Maria Ruby, Maria Celeste, Sofia de Melo Andresen, Isabel Vaz Raposo, Virgínia de Castro Almeida, Virgínia Lopes de Mendonça, Ângela Ferreira de Oliveira; Crianças da Escola Industrial e Comercial de Estremoz, da Escola Francisco Arruda, da Escola Nuno Gonçalves, da Escola Manuel da Maia e do Centro de Recuperação da Senhora da Hora, do Externato A Árvore, recolha de Maria R. Colaço; Bio, Maria do Carmo Rodrigues, Ricardo Alberty, António José Forte, Leonoreta Leitão, Maria Higinio de Sousa, Maria Manuela Menêres, Margarida Castelo Branco, José de Oliveira Cosme, Maria Veleza, M. A. Pina, Maria O'Neil, Maria Pinto Figueirinhas, M. Adelaide Rosado Pinto, Odete de Saint-Maurice, Maria Paula de Azevedo, Salomé de Almeida, Pedro Pinheiro, Manuel Lopes da Silva, Margarida Ofélia, Maria Alice A. Santos, Maria da Graça Rebelo Pinto, Maria Rosa Colaço, Guerra Junqueiro, Ana Castro Osório, Antero de Quental, Maria Lucília, João de Deus, João Augusto Silva, Noel de Arriaga, Olga Alves, Adolfo Coelho, Maria Amália Vaz de Carvalho, João Beckert da Assunção, Júlio Gil, Helena Henrique d'Orey, Adriana Rodrigues, Maria Elisa Cadet, Marques Júnior, Júlio Brandão, Gomes Leal, José Rosado, Raul Brandão, Jaime Cortesão, Laura Chaves, Acácio de Páiva, Maria Sofia de Santo Tirso, Olavo de Eça Leal, António Boto, José Carlos Amado, Galamba de Oliveira, Gago Coutinho, Fernanda de Castro, Maria Emília Sousa Costa, Carlos Amaro, Irene Lisboa, Modesto Iglésias, Tomás Ribas, Trindade Coelho, Virgínia Mota, Vaz Pereira, Maria Nery de Oliveira, João Maia, Leonel Louro, Maria N. Duarte Silva, etc.

Organizações sobre literatura infantil: Prémio de Literatura Infantil do SEIT; Troféu João de Barros para a literatura infantil (da Secretaria Municipal de Cultura, Informação, Turismo e Desporto da Perfeitura de Belo Horizonte); Prémio João de Deus (Ed. Imbondeiro), Prémio Internacional Hans Andresen (representantes nacionais: 1973, Lília da Fonseca; em 1974, Alice Gomes); BIB (Bienal Internacional de Bratislava), certame internacional de ilustradores infantis, selecção portuguesa feita pela Secção Nacional ou I.B.B.Y., e pelo Conselho Técnico da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Artistas que têm representado Portugal: Maria Keil, Maria Leonor Praça, Jorge Pinheiro (em 1970 e 1974), Isabel Laginhas, Estrela Faria, Calvet de Magalhães, Espiga Pinto, etc.

Algumas realizações: «Juventude ameaçada» exposição de livros e revistas destinadas à infância e à Juventude. Iniciativa da Mocidade Portuguesa (entrada reservada a adultos) sobre o que a nossa juventude lê, escreve e não lê. A mais completa e fundamental exposição jamais feita entre nós e que esteve em perigo de não se abrir, depois de montada, devido à Comissão de Leitura para Livros Infantis (26 de Novembro de 1964), «Primeira Exposição do Livro Infantil Português», I.B.B.Y. na Junta de Turismo da Costa do Sol, 1972; «Exposição do Livro, brinquedo e teatro infantil (Organização de Lília Fonseca; Concurso do Livro de Anne Frank, ilustrado por crianças portuguesas (1961), «Livros escritos e desenhados por crianças», organização de Calvet de Magalhães (1967); «Exposição de revistas infantis e juvenis» (1961), organização do jornal «Camarada» que também organizou o «Colóquio de Estudos sobre a Imprensa Infantil (temas de Matilde Rosa Araújo, Calvet de Magalhães e Moreira das Neves); «Salão da Infância» (1970), SNBA, organização da Secção do Livro, Cooperativa LUDUS, Colóquios orientados por Calvet de Magalhães («Imprensa Infantil» e Maria Luísa Torres Pires («Leitura Infantil — maneira de a estimular») «Mesa-redonda» orientada por Rui Grácio, Luís de Carvalho e Oliveira e Margarida Mendo; «Exposição de Livros Franceses para a Juventude», organização de Ema Quinta Alves (autora de «Escolha de livros para crianças»); Duas crianças portuguesas, ganham entre 10 000 produções e oito crianças o concurso das ilustrações para a edição comemorativa dos Contos de Grimm (1967), organizada pela Federação Americana da Educação pela Arte (filial na INSEA); «O livro ao serviço da Educação Popular», exposição organizada pela Direcção-Geral do Ensino Primário, SNI (1966); «Exposição do Livro Infantil e Juvenil», Centro da Juventude da Pareda, 1972; «Ler para crescer», lista dos livros seleccionados, (1973), edição da MPF catálogo de leitores seleccionados, por idades; «Colóquio sobre a criança», Aveiro, 1971, (Calvet de Magalhães, Matilde Rosa Araújo, José Vieira Marques, Paulo Trindade); «Inquérito sobre literatura Infantil», Edição da Acção Católica; «Colóquio A criança e o livro, aspectos psicológicos, pedagógicos e literários», orientado por Rui Grácio (1968), Jardins-Escolas João de Deus (Comunicações apresentadas em livro, por «Livros Horizonte»); «Mesa-redonda», sobre literatura infantil, «Diário de Lisboa» de 26.XII.1969 e 2.I.1970, com António Torrado, Calvet de Magalhães, Correia da Fonseca, Lília da Fonseca, Matilde Rosa Araújo, Mário Castrim, Rui Grácio; «Exposição do Livro Infantil», Cooperativa A Árvore (1965) Porto, organização de Ilse Losa; «Exposição de Literatura Infantil (1959), Instituto Alemão, seguido de um «Encontro sobre Literatura Infantil», palestras de prof. Kuder, Ester de Lemos Moreira das Neves e Maria Isabel Mendonça Soares; «Exposição do Livro Infantil» (1973), Jardins-Escolas João de Deus, organização da Associação de conservadores e Bibliotecários seguido de vários colóquios; «Indicador de leitura», selecção analítica, organização de Lília da Fonseca (1968), Cooperativa LUDUS; «A criança em busca da literatura», mesa-redonda com crianças, organizada por Helena Neves, «Diário de Lisboa», 21 de Abril (1972); «Leituras permitidas», «A Seiva» (1955); «A Literatura Infantil, Essa Desconhecida», série de seis artigos, «Diário de Lisboa», 27.11.62 de Calvet de Magalhães; «Ludus, a maioridade começa na infância», «Flama», 13.6.69, mesa-redonda de Cáceres Monteiro, com Matilde Rosa Araújo, Calvet de Magalhães, Rui Grácio, António Torrado, Mário Castrim e Correia da Fonseca; «Literatura Infantil: uma história para adultos», «Flama» 22.12.1971; «História e Antologia da Literatura Ibero-Americana» (1967) por Carmem Bravo-Willasante, secretária-geral do I.B.B.Y., obra que contém um capítulo sobre literatura infantil portuguesa, onde se salienta a colecção «Carrossel», dirigida por Lília da Fonseca e Calvet de Magalhães; «Exposição de Livros Juvenis», organização da Direcção-Geral de Educação Permanente (1972), catálogo, e exposição de livros não seleccionados e «Ciclo de conferências sobre literatura infantil» (7 conferências, editadas); «Exposição de Livros Juvenis» (1973), da mesma Direcção-Geral, com catálogo, inventário dos livros nacionais

editados e «Ciclo de Conferências» (8 secções); «A importância da literatura infantil na Formação enriquecimento espiritual da criança», por Maria Lamas e «A Biblioteca na Formação e Informação da Criança», por Maria Manuela Cruzeiro, respectivamente nos dias 2 e 5 Abril, pelas 21.30, na Fundação Gulbenkian.

ACTIVIDADES DO CENTRO DE ESTUDOS DE LITERATURA INFANTIL

Portugal concorreu ao Prémio Hans Christian Andersen-1974, assim como enviou dois livros para a Lista de Honra deste prémio, um pelo texto, outro pela ilustração.

Para isso constituiu-se um júri composto pelas seguintes pessoas: dr.^a Leonoreta Leitão, Lília da Fonseca, prof. Manuel Maria Calvet de Magalhães, prof. Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho e dr.^a Manuela Cruzeiro que, analisando, entre outras, obras da escritora Alice Gomes, a elegeu candidata nacional ao Prémio Hans Christian Andersen-1974.

O mesmo júri elegeu o livro «O Veado Florido», de António Torrado, para figurar, pelo seu texto, na Lista de Honra do mesmo Prémio em 1974.

Quanto ao livro para a mesma Lista de Honra sob o ponto de vista da sua ilustração, foi escolhido por um júri designado pelo Conselho Técnico da Sociedade de Belas-Artes, membro da Secção Nacional Portuguesa do I. B. B. Y. Esse júri, composto pelos artistas plásticos Lima de Freitas e Eurico Gonçalves, escolheu o livro «O Príncipe que Guardava Ovelhas», de Luisa Dacosta, pela sua ilustração de Jorge Pinheiro.

Como neste ano se realizava a III BIB (Bienal Internacional de Bratislava) relativa à ilustração do livro infantil, o mesmo júri apreciou as ilustrações dos livros infantis portugueses saídos nos anos de 1971-1972 (os dois anos anteriores à Bienal, conforme manda o regulamento da mesma). Foram seleccionados pela sua ilustração os seguintes livros: «Os Lusíadas», de Leonoreta Leitão, ilustrado pelo artista Espiga Pinto, e «Mãos Dadas pela Estrada Fora», de Luisa Dacosta, e «Conimbriga», de Adília Alarcão, ambos ilustrados pelo artista Jorge Pinheiro.

Aqueles livros foram então enviados para Bratislava para figurarem na BIB e o artista Jorge Pinheiro esteve presente na mesma Bienal, como delegado de Portugal naquele certame. Os nossos livros foram muito apreciados e a estadia ali daquele artista foi muito relevante para a compreensão do nosso país e a sua aproximação de um campo artístico de que tem andado arredado.

Por ocasião da passagem por Portugal, em Julho de 1972, de um grupo de bibliotecárias americanas, que vinham à Europa para tomarem contacto com bibliotecas infantis, o Centro de Estudos de Literatura Infantil, organismo fundado pela Secção Nacional Portuguesa do I. B. B. Y., realizou uma exposição do livro infantil de autores portugueses no Museu João de Deus, local onde as referidas bibliotecárias foram recebidas e onde se realizou uma sessão de boas-vindas.

No ano de 1973 o Centro de Estudos de Literatura Infantil continuou a trabalhar no seu apetrechamento e preparou-se para a exposição que realiza a partir de amanhã, por ocasião das celebrações do Dia Internacional do Livro Infantil, na Fundação Gulbenkian, e ainda, um convívio com escritores, a «Hora do Conto», duas conferências (de Maria Lamas e dr.^a Maria Manuela Cruzeiro).



Rogério Ribeiro na "Prisma 73"

E já na próxima quarta-feira, às 22 horas, que se inaugura, na «Prisma 73», a exposição de pintura, desenho e serigrafias do artista Rogério Ribeiro. A Galeria «Prisma 73» (Praça de Alvalade, 2 C) está aberta todos os dias, excepto aos domingos, das 15 às 20 horas, e às quartas-feiras, das 15 até à meia-noite.

O Hotel do Guincho foi visitado por agentes de viagem

Após a profunda remodelação que sofreu, o Hotel do Guincho, já reaberto ao público, foi visitado por agentes de viagens e representantes de companhias de aviação. Durante a visita, foi possível admirar todas as modificações e melhoramentos que sofreu aquela luxuosa unidade hoteleira, que volta de novo a reforçar, de forma valiosa, a estrutura turística portuguesa. Os visitantes foram recebidos pelo presidente do conselho de administração da Estoril-Sol, sr. dr. Manuel Telles, e pelos administradores srs. Jorge Teodoro dos Santos e José dos Santos Telles, percorrendo de-

moradamente todas as instalações e admirando a magnífica decoração com a qual se valorizou a beleza incontável do edifício, que bem pode ser considerado, no seu género, como um dos melhores do Mundo, principalmente se atendermos à sua privilegiada situação, no extremo ocidental da Europa, como se fosse um balcão medieval debruçado sobre o Atlântico.

No final da visita, quantos nela participaram foram obsequiados com um «cocktail» que serviu, também, para pôr à prova a requintada qualidade da cozinha do hotel que agora reabre.

Biblioteca Municipal

A Câmara Municipal de Lisboa informa-nos que a Biblioteca Municipal Central, no Palácio das Galveias encerra no dia 1 do próximo mês às 18 horas, mantendo-se nos restantes dias o horário normal de encerramento às 22 horas.

"Diário de Lisboa"

A Comissão Directiva do Caldeirão do Santo Condestável aprovou por unanimidade um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pela colaboração prestada àquele instituto de caridade, na divulgação das suas iniciativas.

Do Grémio dos Restaurantes e Cafés do Norte recebemos um ofício de agradecimento pelos termos da notícia intitulada «Porto — Os restaurantes encerram um dia por semana», que recentemente publicámos.

NUMA NOVA FORMA PARA NOVOS ESPAÇOS ECONÓMICOS

para além da forma anónima dum computador, pretendemos exprimir hoje, a dinâmica de uma economia moderna transformando o seu investimento num objectivo.

informática
psicologia
marketing
relações públicas publicidade design

CIGRECI, LDA.

AV. DEFENSORES DE CHAVES 60 3 D TEL 776577 LISBOA 1

TURISMO

TURISMO MAIS INVESTIMENTOS

PUBLITOTAL 1-7/74

198 000

1969

367 000

1970

782 000

1971

1628 000

1972

TORRALTA
EVOLUÇÃO
INVESTIMENTOS

4196 000

1973

INVESTIMENTOS
ACUMULADOS
(EM CONTOS)

DL/NACIONAL

Realizou-se a Assembleia Geral da Cidla que aprovou o Relatório e as Contas da Empresa

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva, secretariado pelos srs. drs. Carlos Manuel da Costa Freitas e Urbano de Carvalho Madeira, reuniu a assembleia geral da Cidla, que aprovou o relatório e as contas referentes ao exercício de 1973.

No início dos trabalhos, usou da palavra o sr. eng. Duarte do Amaral, presidente do conselho de administração, que, depois de mencionar alguns dos principais aspectos da vida da empresa durante o ano findo disse:

«Primeiramente referirei a criação e estruturação do Grupo Cidla, o que significa que a Sacor, aqui representada, resolveu, de acordo com a Cidla, unir mais as empresas citadas no relatório, dar-lhes maior coesão e mais força, para se conseguir gestão mais adequada e unificada com as vantagens de facilidade de comando, de maior economicidade e desenvolvimento mais rápido.»

Referindo-se à Cidla propriamente dita, aludiu ao esforço

de actualização que a empresa tem vindo constantemente a realizar, afirmando:

«Mas não há dúvida nenhuma de que o encarecimento do custo do pessoal, dos transportes e o aumento de outros encargos levaram-nos a acelerar agora essas modificações.»

Prosseguindo no uso da palavra, e depois de historiar as negociações em curso para a celebração de um contrato colectivo de trabalho, declarou ainda o sr. eng. Duarte do Amaral:

«Estávamos absorvidos nestas tarefas quando a crise do petróleo, tão conhecida de todos e tão falada, veio perturbar muito mais profundamente a vida desta sociedade. Tem sido época de grande trabalho e enormes preocupações deste conselho e sobretudo da sua comissão executiva, bem como de todo o pessoal.»

«Foi determinação firme dos corpos gerentes que em quaisquer circunstâncias era preciso sobretudo duas coisas: abastecer o país e a clientela

da Cidla e impedir que se esboroasse o futuro da empresa pela fuga desordenada dos clientes provocada pela carencia dos produtos que vende.

«Assim se procurou fazer e lutou-se denodadamente para obter propano e butano, mesmo em condições muito onerosas para esta casa. Basta informar que, nos meses de Novembro e Dezembro do ano de 1973, em plena crise portanto, vendemos 20 814 toneladas de butano e 11 195 de propano. Aos preços médios orçamentados, quer dizer, aos preços médios anteriores, o valor do custo imputado a estas vendas teria sido de 41 727 contos. Por força, essencialmente, do encarecimento dos gases, o custo das vendas naqueles dois meses foi de 68 628 contos. Verificou-se, portanto, um agravamento de 26 901 contos, suportado pela Cidla para servir o país e a sua clientela e para preservar o futuro desta casa.»

Referiu depois o sr. eng. Duarte do Amaral a grande sa-

tisfação que tivera ao ver que a Sacor, grande accionista e fornecedor da Cidla se pusera ao lado desta sociedade e que num esforço que se tornava necessário realçar perante a assembleia, conseguira ajudá-la muito, pondo as suas refinarias a produzir o máximo possível de gases, sem preocupação de que fosse esse o ritmo de melhor utilização das suas fábricas.

E a terminar afirmou:

«Este momento, embora mais desanuviado, ainda é incerto e a Cidla procurará cada vez mais servir a sua clientela, diminuir despesas e reorganizar-se a ela e ao seu grupo para novos empreendimentos. São pois, e apesar de tudo, de esperança as últimas palavras que dirijo aos senhores accionistas.»

Em conjunto com as contas e com o parecer do conselho fiscal, foi depois aprovado por unanimidade o relatório do conselho de administração, o qual, além de uma extensa e desenvolvida análise da con-

junta petrolífera e do mercado português de gases liquefeitos do petróleo, alude aos interesses da Cidla em outras sociedades nacionais e refere pormenorizadamente a recente estruturação do Grupo Cidla, cifrando-se o resultado do exercício, depois de feitas as amortizações e provisões julgadas convenientes, no saldo positivo de 43 973 877\$68.

No decorrer dos trabalhos foram depois propostos e aprovados por unanimidade um voto de louvor ao conselho de administração, outro à comissão executiva e ainda outro ao conselho fiscal.

Foi depois também apresentada e aprovada uma proposta para que do saldo remanescente destinasse a verba de 977 518\$40 para reforço da comparticipação do pessoal nos lucros da empresa.

Nos termos dos estatutos, procedeu-se seguidamente às eleições dos corpos gerentes. Por terem terminado os seus mandatos foram reeleitos o sr. Francisco do Casal-Ribeiro e a Sodem-Sociedade de Organização e Administração de Em-

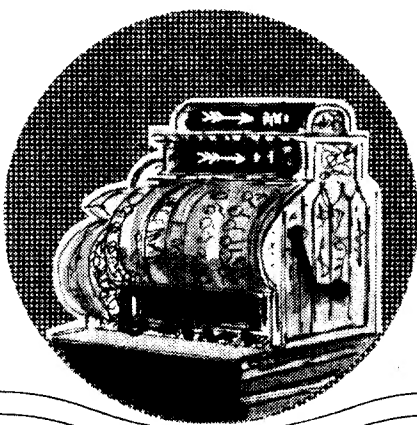
presas, Lda. como administradores; e o sr. eng. D. José de Mello de Castro (Conde das Galveias) como vogal do conselho fiscal. Para as restantes vagas existentes no conselho fiscal foram eleitos o sr. dr. José Manuel Servulo Correia e a Sacorex-Sociedade Anónima de Exploração de Petróleos em Portugal SARL, respectivamente como presidente e como vogal.

No final, usou da palavra o sr. Francisco do Casal-Ribeiro, que em nome dos administradores reeleitos agradeceu a confiança expressa no voto da assembleia.

Por seu lado o sr. dr. José Manuel Servulo Correia manifestou a satisfação com que aceitava o cargo e a honra com que ali lhe era dado substituir o sr. prof. doutor Alberto Pinheiro Xavier, recentemente nomeado Secretário de Estado do Planeamento, ao qual foram endereçadas palavras de muita estima, simpatia e gratidão pela colaboração prestada no exercício de 1973 como presidente do conselho fiscal da empresa.

PROTEJA O SEU NEGÓCIO DE ALTO A BAIXO SEGURO DE LOJA

Novo seguro da Comércio-Indústria estudado especialmente para comerciantes. Bastante económico em função dos riscos que cobre:



incêndio, assalto, quebra de vidros, inundações, tremores de terra, lucros cessantes, responsabilidade civil e outros riscos. Garantia dos valores de substituição.

CONSULTE A

COMÉRCIO · INDÚSTRIA



segura, realmente!

CRÍTICA DE CINEMA

Continuação da pág. 6

Interpretes: Robert Fuller, Sherry Bain, Tony Russel, etc.
Distribuição: Doperfilme;
Estreia: Cinema Roma

Título: O GRANDE DUELO
Realização: Giancarlo Santi, 1972 (Itália)

Interpretes: Lee Van Cleef, Peter O'Brien, Dominique Darrel, etc.

Distribuição: Mundial Filmes;

Estreia: Cinema Politeama

Título: ASSALTO AO CARRO BLINDADO (The War Wagon)
Realização: Burt Kennedy, 1968 (EUA)

Interpretes: John Wayne, Kirk Douglas, Howard Keel, Robert Walker, Keenan Wynn, etc.

Distribuição: Sonoro Filme;

Estreia: Cinema Vox (cópia nova)

Mais um filme com motorizadas (*Corrida Selvagem*, de Burt Topper), com um ex-soldado ianque combatendo pela «causa justa» contra os «desregados» americanos (diz a publicidade: «Ele voltou em busca de amor e paz e encontrou outra espécie de guerra!»).

Mais um western italiano (*O Grande Duelo*, de Giancarlo Santi), com um mitológico Lee Van Cleef que Sergio Leoni tão bem dirigiu e que aqui parece muito em baixo de forma, numa historieta igual a centenas de outras já vistas com a mesma marca de origem: Made in Italy;

Mais uma reposição (*O Assalto ao Carro Blindado*, de Burt Kennedy), western americano medianamente interes-

Créditos a exportação

Reuniu-se a Comissão de Créditos e Seguro de Créditos à Exportação Nacional, do Fundo de Fomento de Exportação, da qual fazem parte, além do dr. Nelson Trigo, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, representantes dos ministérios das Finanças e da Coordenação Económica e do Ultramar e da Agricultura e do Comércio, da Companhia de Seguro de Créditos e da Corporação de Crédito e Seguros.

Dos assuntos da competência da Comissão apreciados

na referida sessão, destacam-se um pedido de aval efectuado ao Fundo de Fomento de Exportação a uma operação de crédito de pré-financiamento especial, no montante de novecentos e oitenta e oito milhões de escudos, e o de dois pedidos de concessão de garantia à Companhia de Seguro de Créditos para a realização de duas operações de seguro de crédito, relativamente à exportação de bens de equipamento, no valor global de cerca de um milhão, oitocentos e quarenta mil contos.

"A defesa do Brasil contra os holandeses"

«A defesa do Brasil contra os holandeses no período filipino» — eis o tema da conferência que o prof. Juan Perez

de Tudela profere amanhã, à 18 e 30, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian.

DL/NACIONAL

O INSTITUTO ALEMÃO ABRE 'A PORTINHOLA'

«12 Aforismos Acústico-Motóricos» por «Die Klappe» (A Portinhola), Teatro mecânico de Gottingen. Figuras, som, realização: Alfred Kohler. Colaboradores: Elisabeth Kohler, Diana Platte, Ria Rudlof, Fritz Duster. Instituto Alemão. 28/3/74.

E já um lugar-comum o dizer que devemos ao Instituto Alemão a organização ou a divulgação de iniciativas que transformam o Campo de Santana num dos poucos pontos culturalmente vivos da cidade. Desta vez falamos de marionetas.

«A Portinhola», teatro mecânico de Gottingen, trouxe a Lisboa um tipo de experiências no campo do teatro de marionetas que suponho desconhecido em Portugal. O grupo calcule-se! é formado por professores liceais que aproveitaram as férias da Páscoa para fazer esta viagem. Grupo amador, «A Portinhola» tem, no entanto, participado com grande êxito em vários festivais, de que cito: 8.º Festival Internacional de Marionetas de Varsóvia; Semana de Marionetas de Bucham. Alfred Kohler, principal elemento do grupo, é artista plástico: a ele se deve a concepção do espectáculo, a construção das figuras, o som e a realização do espectáculo.

O grupo transporta todo o seu material, incluindo os projectores, em caixas que depois servem de palco. Este é limitado pelo pano de boca, colocado, talvez a um metro de altura, sendo visíveis duas escadas metálicas de cada lado, onde trabalham os manipuladores dos bonecos. As figuras de Kohler revelam um enorme poder de invenção e uma extraordinária capacidade de articulação. Desprezando quaisquer intenções imitativas, Kohler constrói figuras abstractas ou fantásticas, por vezes reduzidas ao mais elementar. Com elas, cria pequenos «sketches» que se colocam sob o signo de uma grande capacidade imaginativa. Como ele próprio escreve no programa: As mi-

nhas marionetas não são copiadas desenvolvem-se. Por isso, as marionetas de Kohler não interpretam histórias (e chegamos a lamentá-lo), apresentam-se ao público ora levantando um apontamento crítico de uma situação social; ora mostrando unicamente e não é pouco as suas potencialidades de expressão teatral.

Devemos assinalar um aspecto primordial deste espectáculo: as relações dos movimentos das marionetas com o material sonoro. Essas relações são tão fortes que não é fácil imaginar que aqueles possam viver sem este. Kohler utiliza ruídos, música electrónica, jazz, pop, música clássica, e numa só vez vozes humanas, para dar voz às suas marionetas, o que não significa aqui apenas a substituição da voz por ruídos mas tudo o que as marionetas exprimem (bater de palmas; dança; luta, etc.).

Os títulos dos Aforismos em que se divide este espectáculo são, em alguns casos, bastante esclarecedores: «Homenagem a um indivíduo; Arlequinez; Dois homens, cada qual pensando estar perante um superior, encontram-se; Gnomos; Conversação; Experiência; Sonho de Mutados; Pássaros; Tipos; Jogo de sala; sombras chinesas».

Desde a sátira ao discurso dos bonecos sobem a uma pequena tribuna metálica enquanto do outro lado descem objectos que os sinalizam; até à apresentação dos heróis-esqueletos tendo atrás outras tantas figuras monstruosas (com a música de Strauss); os jogos de sala ou a comédia da vida; o linguajar; a inquietação; as lutas dos seres humanos representados por bonecos reduzidos a uma esfera e um trapo, marionetas cuja pequenez e rapidez de movimentação sublinham as intenções críticas; as formas estranhas dos gnomos com uma espécie de pássaro que surge lá do alto e parece bombar-

deá-los; a marioneta que se desfaz ficando as respectivas partes a mexer (Strip-tease); os pássaros (figuras construídas com arame e rede onde há sugestões de ficção científica) lutando pela posse do espaço; a violência; as variações sobre um mesmo tema (marca da música) em «Tipos» uma série de números cujo interesse está longe de ser anecdótico. A marcação do ritmo; a dinâmica da movimentação; a coordenação movimentosa; a qualidade plástica das figuras e o tratamento das suas formas escultóricas; o sentido caricatural que por vezes as marca caracterizam o espectáculo da Portinhola.

O último número é constituído por uma experiência diferente: «Sombras chinesas» faz surgir a silhueta de uma estranha máquina que se desdobra, ficando no «écran» duas máquinas que trabalham ao que suponho electricamente. As mãos dos manipuladores que a luz agiganta transformam-nas em dois imensos rostos (pela aplicação de elementos em rede) que se afrontam. E depois voltam a ser duas máquinas, e depois uma só máquina trabalhando sem nada produzir.

Um belo espectáculo.

CARLOS PORTO

DISCUSSÃO EM GRANDE PLANO SOBRE A CARTEIRA PROFISSIONAL CINEMATOGRAFICA

Sindicato dos Profissionais de Cinema: uma assembleia geral, ontem reunida, debateu o controverso projecto de regulamento da carteira profissional, apresentado, pela respectiva direcção, no Ministério das Corporações.

A discordância com o projecto apresentado pela direcção do Sindicato assenta no facto de diversas categorias profissionais dos sectores da exibição e da distribuição não terem sido consi-

deradas para efeitos de atribuição da carteira.

Logo um grupo de associados, numa assembleia anterior, apresentou uma moção em que pedia a suspensão e a revisão do projecto da carteira.

Na presente assembleia, alguns dos intervenientes nos trabalhos censuraram a direcção por não ter submetido o projecto à apreciação geral, bem como por não ter consultado os dirigentes do sector da exibição.

Manuel Ruas, membro da direcção, explicou a atitude tomada, baseando a sua tese na alegação de que a direcção foi eleita pelos trabalhadores e que, portanto, «os representa em qualquer altura».

Revelou, depois, que no seio do grupo de trabalho que, a nível ministerial, estuda o projecto da carteira por intervenção de um delegado gremial, tinha sido considerada a questão de alargar o direito à carteira a variadas categorias profissionais dos sectores da exibição e da distribuição. Lembra-se que o Sindicato abrange cerca de 3800 profissionais, a grande maioria dos quais integrada no sector da exibição.

Para conciliar as partes em litígio, a assembleia prossegue no sábado, às 9 e 30.

A MORTE DO GUARDA DA P.S.P.

O casal detido provou não estar implicado

Na sequência das investigações a que vem procedendo, a Polícia Judiciária pôs em liberdade o casal detido ao fim da tarde de sábado, por ter concluído que este não estava implicado na morte do guarda da P.S.P., António Moreira, ocorrido na madrugada do mesmo dia, próximo do aeroporto da Portela.

Efectivamente, o casal, cujo carro foi confundido com aquele que arastou o guarda, provou, por testemunhas, que o seu automóvel esteve estacionado no parque do aeroporto mas algumas horas antes, e que, no momento do acidente, se encontrava noutro local.

Por outro lado, a opinião dos elementos da Polícia Judiciária que procedem às investigações é a de que a morte do guarda resultou de acidente e não de crime.

Aquele ter-se-ia agarrado à janela do automóvel em questão para atemorizar os seus ocupantes e impedir que se pusessem em fuga. Nessa altura, o veículo deve ter-se posto em marcha, arrastando consigo o guarda.

Segundo o relatório do médico legista, a morte sobreveio devido à fratura da base do crânio, consequente da violenta pancada do occipital no solo, quando o homem se soltou da viatura.

CARMEN DE FIGUEIREDO

Por motivo de viagem inadiável, Carmen de Figueiredo não aceita o jantar de homenagem que lhe iria ser oferecido pelo cenáculo Tábuas Raras no dia 4 do corrente. O cancelamento é definitivo.

ECÔNOMIA ANGOLANA

DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO NAVAIS

LUANDA. (ANI) A indústria angolana dos derivados do petróleo conheceu, durante o ano findo, um crescimento moderado, que se estimou em quatro por cento, revelam, em Luanda, círculos oficiais ligados ao sector.

A produção de gasolina, que em 1972 tinha registado um decréscimo de 8,9 por cento, recuperou dessa tendência e apresentou, em 1973, um crescimento da ordem dos 31,7 por cento.

No que diz respeito à produção de «fuel-oil» ocorreu um acréscimo moderado na quantidade, embora em valor se tenha verificado ligeira diminuição absoluta (1 por cento). O crescimento da quantidade produzida permitiu estabilizar a tendência negativa que, em 1972, se tinha verificado no valor do produto.

Por seu turno, o gásóleo teve um crescimento regular e moderado, com perfeita proporcionalidade entre quantidades e preços.

As produções, durante o período de Janeiro a Setembro do ano findo, foram as seguintes

(em milhares de escudos): butano 6065 toneladas (16 182), fuel-oil 317 803 (141 121), jet-fuel 54 912 T. (53 899), gásóleo 79 120 T. (93 281), gasolinas 45 914 T. (62 396), petróleo iluminante 13 778 T. (18 462), asfalto 15 038 T. (18 805), e outros 4961 T. (8734).

LOBITO E A ZÂMBIA

LOBITO. (ANI) Com destino à Zâmbia, transitaram, pelo porto da cidade do Lobito, durante o passado mês de Novembro, 31 602 toneladas de mercadorias diversas, contra 7347 em igual período de 1972.

Entretanto, no decurso do referido mês, a Zâmbia exportou, pelo mesmo porto, 34 413 toneladas de minérios (em igual mês de 1972 o trânsito havia-se cifrado em 15 072 toneladas).

QUEM PESCA

LUANDA. (ANI) Operam na zona costeira angolana,

na faina da pesca, quarenta e cinquenta barcos espanhóis afirma, em artigo publicado na Revista de Pesca e Navegação, de Luanda, o armador espanhol Joaquim Fernandez.

Ao fazer o balanço da situação da pesca, escreve o articulista estar a frota angolana em vias de desenvolvimento, sendo no entanto, o contingente japonês e russo o mais numeroso em navios.

MAIS CERVEJA

LUANDA. (ANI) Segundo se soube em Luanda, será construída, em Angola, mais uma fábrica de cervejas, a qual ficará situada na zona Lobito-Benguela.

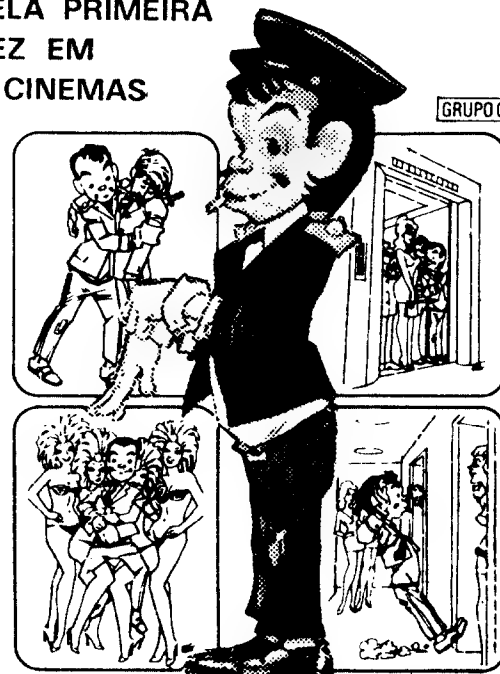
De acordo com indicações de entidades ligadas ao sector, uma organização cervejeira, em actividade em Luanda desde 1961, requereu autorização para aumentar a sua capacidade de produção anual em trinta milhões de litros, com a instalação de uma nova fábrica na referida zona do sul de Angola.

O MAIS RECENTE FILME DE CANTINFLAS!

Muitos apartamentos...
muitos problemas...
muitas garotas!!!

RIOMA FILMS, S.A. apresenta o seu
artista exclusivo MARIO MORENO

PELA PRIMEIRA
VEZ EM
3 CINEMAS



CANTINFLAS
AS ORDENS de VOSSSELENCIA

— CONSERJE em CONDOMINIO —
CANTINFLAS — A MANHÃ —

A MANHÃ, HILARIANTE ESTREIA
AS 21.45 AS 21.30
EDEN AVIS EUROPA

DL/NACIONAL



“QUANDO FAÇO EXAME DE CONDUÇÃO?”

Atraso de dois meses na concessão de cartas

O nosso leitor Joaquim Manuel de Oliveira Tavares decidiu passar de peão a automobilista. Determinado começou a ter lições de condução. Determinado pagou a propina de exame no dia 25 de Janeiro do ano corrente. Até hoje ainda não fez exame. «Que se passa? pergunta ele. Quando faço exame de condução?»

Ouvida a escola que lhe proporcionou o manejo do volante (Escola Automóvel de Lisboa), obtivemos a seguinte informação:

«Efectivamente, os exames estão atrasados. Há muita gente a querer fazer exame. Pode dizer-se que os exames estão atrasados dois me-

ses...»

«Porquê?»

«Porque não há examinadores em número suficiente. Instrutores não falta, acredite. Mas os examinadores têm de ser nomeados pela Direcção de Viação de Lisboa. Melhor: os examinadores são obrigatoriamente do quadro dessa Direcção. As escolas limitam-se a dar a instrução, mas de maneira nenhuma podem precipitar a efectivação do exame...»

Apurámos ainda que em Lisboa e arredores se efectuam diariamente «entre 100 a 200 exames por dia, subindo as marcações (no dia 16 de Março) a 7 309».

O ATRASO NÃO É TÃO GRANDE PARA OS PROFISSIONAIS

Esse atraso nos exames não foi negado pela Direcção de Viação de Lisboa. De acordo com este organismo, a situação em Lisboa seria

também idêntica à de Santarém e Setúbal.

«Os examinadores, efectivamente, não podem desdobrar-se. E muita gente a tirar carta, embora o preço da gasolina tenha aumentado...»

O referido atraso, no entanto, foi assim especificado: dois meses para os amadores e trinta dias para os profissionais.

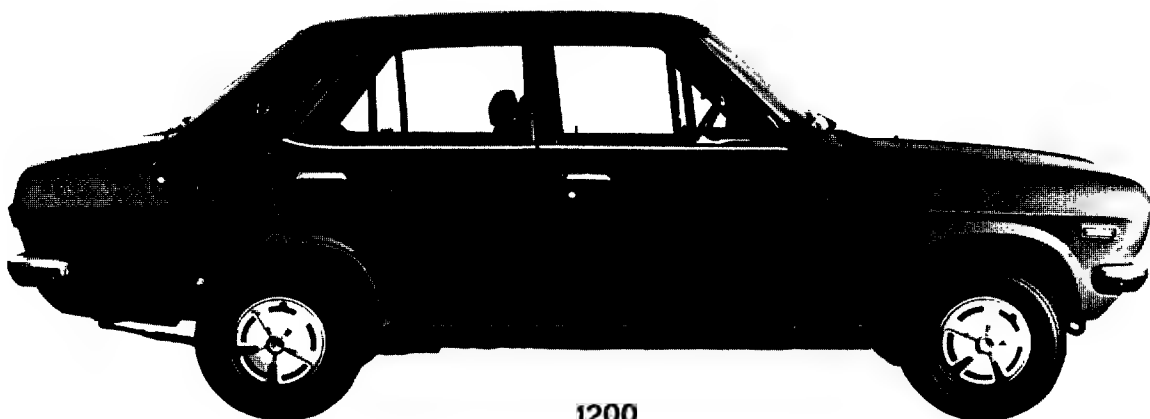
Mas os examinados amadores sobrepõem em número os profissionais. Qual a proporção? Cento e oitenta para quinze.

Conseguimos saber também que os engenheiros examinadores efectivos «são quase nenhuns», sendo os exames feitos por «pessoal eventual qualificado das 18 às 21 horas.»

Escritas estas linhas, talvez o nosso leitor Joaquim Manuel de Oliveira Tavares compreenda as razões por que de peão não passou ainda a automobilista. Quando um dia o for, fazemos votos para que conduza de acordo com as regras do código e dentro do respeito que merece a vida que circula a pé... E a vida dele também.

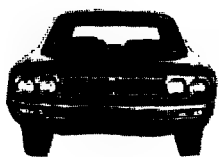
DATSUN

CAMPEÃO DA ECONOMIA



1200

pergunte a quem tenha um



2200 D



160 B



180 BeHT



240 KGT



240 Z

QUALIDADE • SEGURANÇA • ECONOMIA • PERFORMANCE

E ENTREPOSTO

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnizado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País

SOMOS A MAIOR EMPRESA DO PAÍS

UMA DAS MAIORES DA EUROPA

JÁ NOS DEDICAMOS ÀS MAIS

DIVERSAS ACTIVIDADES

AGORA TEMOS MAIS UMA

SE TEM GOSTO POR VENDAS

E QUER SER UM DOS NOSSOS

COLABORADORES



RESPONDA-NOS AO APARTADO 21

DAMAIA — BURACA



Calções reduzidos na altura tornam as pernas mais alongadas e o conjunto mais elegante

"LINGERIE" E MODA-MAR 74 DA TRIUMPH INTERNATIONAL

Sete manequins internacionais apresentaram no Hotel Tivoli várias dezenas de modelos da colecção «Lingerie» e Moda-Mar 74, da Triumph International no decorrer de uma reunião destinada à imprensa. A novidade sensação em «Lingerie» era constituída pelos conjuntos «soutien» e «slip» Jenny e Jeans em cores juvenis, vermelho, azul e castanho, o Mireille V em renda, o Papillon em tule «jacquard» e outros que estão a revolucionar o mercado. As cintas Pony H e Pony HL foram estudadas especialmente para usar com calças compridas, apresentando perna longa, até ao joelho, e com costuras redondas, de modo a acentuar a graciosidade das formas femininas.

Os «soutiens» geradores de larga controvérsia sobre o sim ou não, do seu uso têm igualmente um lugar de destaque nesta colecção em modelos leves e maleáveis.

Um dos motivos de maior interesse residiu na Moda-Mar que apresenta não só modelos novos como especialmente conceitos totalmente novos. Os

factos de banho acentua a Triumph International deixaram de ser indumentária de uma só estação, com duração que corresponde aos escassos meses estivos.

Uma sinfonia de cores e modelos alegrará a vista neste Verão que se aproxima. Decotes profundos cavados em V e alças em redor do pescoço continuam em uso, especialmente nos fatos de banho que apresentam uma grande variedade de decotes. Os «bikinis» mantêm os modelos clássicos calção subido e caixa de peito moldada, mas a grande novidade é um estilo absolutamente natural, com ausência comple-

ta de forros e reforços nos «soutiens», calções reduzidíssimos na altura, de molde a alongar as pernas das suas possuidoras. Tudo isto é o resultado de 100 anos de experiência da Triumph International que respeitando as tendências e usos de cada País segue a evolução da moda respeitando porém os hábitos e preferências individuais, olhando a mulher como ser individual e não colectivo. Preferências e gostos diferentes podem portanto encontrar completa satisfação nesta fascinante colecção Moda-Mar 1974 que será apresentada em todo o mundo.

Restaurante de luxo no Bonfim

Uma única proposta foi apresentada ao concurso para a adjudicação da exploração de um restaurante de luxo no parque do Bonfim.

A proposta veio do hoteleiro Pedro Rodrigues e é do valor de 10 000\$00 mensais.

O NOME DO PADRE CRUZ EM SETÚBAL

Setúbal vai ter uma rua com o nome do padre Cruz, foi decidido na última reunião da Câmara presidida pelo dr. Constantino de Goes e por proposta deste.

A sugestão fora apresentada em carta registada pela vice-Postulação da Causa de Beatificação do Padre Cruz.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa Dany», Rua Costa Pinto, 83 PAÇO DE ARCOS

Doenças hepáticas

VIDAGO No Vidago Palace Hotel, desta cidade, o prof. dr. J. Pinto Correia, da Faculdade de Medicina de Lisboa, orientará no dia 6 de Abril, às 18 horas, um colóquio sobre «Doenças Hepáticas Alcoólicas». Este colóquio é promovido pelas direcções clínicas dos Hospitais de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real.

Festival de música da primavera

No Teatro Garrett, da Póvoa de Varzim, é esta noite apresentada pela primeira vez ao público, o grupo de ballet da prof. Maria Helena Moreira, em espectáculo patrocinado pelo serviço de turismo da municipalidade local. Actuará ainda um quinteto de cordas, constituído por solistas da Orquestra Sinfónica do Porto.

Após este espectáculo e em reunião com os representantes dos órgãos de Informação, o dr. Lino de Miranda apresentará o programa geral do II Festival de Música da Primavera, que tanto êxito obteve o ano transacto.



Chegou a Lisboa Edward B. Wilson, muito recentemente designado presidente da J. Walter Thompson. A aguardá-lo no aeroporto estava Álvaro Gurjão, da Latina Thompson Associadas, a mais recente das empresas afiliadas daquele complexo internacional

AUTOMOBILISMO António Borges segundo classificado no Rallye Firestone

O jovem piloto português António Borges, conduzindo o Porsche Carrera RS que pertenceu a Américo Nunes, classificou-se em segundo lugar no Rallye Automóvel Internacional Firestone que terminou em Bilbao a contar para o Campeonato da Europa. O vencedor absoluto foi o alemão Walthr Rohrl, em Opel Ascona. Dos 81 concorrentes que partiram apenas 28 terminaram a prova cujo percurso totalizava 1600 km. A classificação final foi a seguinte:

1.º, Walthr Rohrl (Alemanha) em Opel Ascona; 2.º, António Borges (Portugal) em Porsche; 3.º, Pradera (Espanha) em Seat; 4.º, Reverter (Espanha) em BMW 2002; 5.º, Faulkner (Inglaterra) em Ford Escort; 6.º, Coléman (Irlanda) em Ford Escort; 7.º, Gargallo (Espanha) em Alfa Romeo; 8.º, Onoro (Espanha) em Simca 1200; 9.º, Olsen (Dinamarca) em BMW 2002; 10.º, Gardavot (França) em Alpine 1600 S.

Lisboa, 24 de Março de 1974

Para

IOGURTE «GRANDE PONTO»

Rua Capitão Roby, 59-A

LISBOA 1

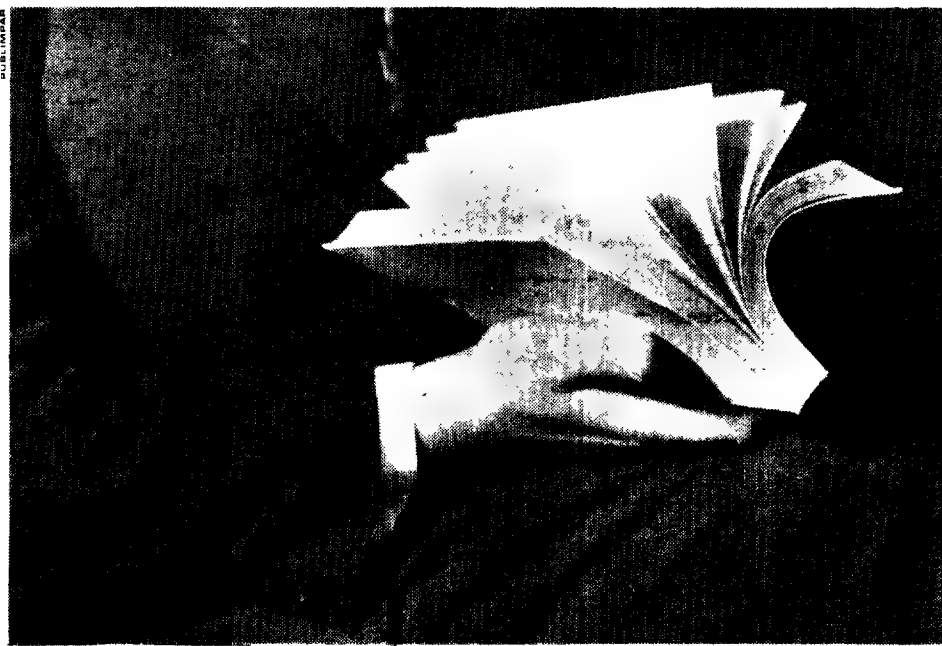
Ex.ªs Senhoras

A conselho médico (dado em boa hora) comecei a tomar iogurte, tendo elegido o «GRANDE PONTO» que considero o melhor, estando imensamente satisfeito pelos resultados obtidos.

De V. E.ª

Atenciosamente

Hermes da Fonseca Parelho de Lemos



...e depois lá,
estará entre amigos:
o livreiro e os livros



visite as livrarias



Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor

Miele
A própria segurança

Agente Oficial:

Casa Junior

Rua do Alecrim, 19 A — 21 A
Telef.: 321053
Rua de S. Paulo, 29 - 1.º
Telef.: 32 86 63
LISBOA

DL/GERAL

EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

É MUITO AMPLO E DIVERSIFICADO O APOIADOS PELO BANCO DE CRÉDITO -FOI SALIENTADO NA ASSEMBLEIA GERAL DA INSTITUIÇÃO

Na delegação administrativa, em Lisboa, reuniu a assembleia geral ordinária do Banco de Crédito Comercial e Industrial, para discussão e aprovação do Relatório e Contas referentes ao exercício de 1973.

Na presença de número elevado de accionistas, o Presidente do Conselho de Administração do Banco, sr. dr. Miguel Quina, fez uma detalhada exposição sobre a situação económica em Angola e Moçambique, da qual, pela sua importância, se referem alguns dos aspectos mais salientes.

Considerando embora a forma muito favorável como vem evoluindo os parâmetros determinantes das evoluções estruturais dos territórios portugueses de África, acentuou o orador que tais evoluções não se têm processado em ambos os casos de forma inteiramente homogênea.

Referindo-se ao espectacular surto expansivo de Angola, caso ímpar de dinamismo no Continente Africano ao longo

da última década, apontou o papel do sector exportador como real motor do desenvolvimento, determinante da notável capacidade de angariação de divisas, que a Província vem revelando. Por seu turno, Moçambique, não obstante o crescimento francamente animador do sector das indústrias transformadoras nos últimos anos muito orientado para o mercado interno continua a apresentar uma estrutura económica mais vulne-

rável e dependente do exterior.

Relacionando os factores condicionantes da evolução a longo prazo da Economia níveis de acumulação de capital fixo, evolução demográfica, crescimento da produtividade

com os aspectos conjunturais que influenciam os ritmos de crescimento a curto prazo, afirmou o dr. Miguel Quina que a conjuntura, se apresenta fortemente determinada por factores exógenos, mostrando-se em 1973 extremamente favo-

rável em Angola, e comparativamente menos benéfica no que se refere a Moçambique, afectada como foi por razões de índole extra-económica respeitantes à situação nos países limítrofes.

A este respeito, lembrou que os rendimentos externos obtidos pelos territórios africanos dependem não só dos níveis de exportação de matérias-primas de produção local, mas também de flutuações de preços que são independentes

das estruturas dos custos internos, ao invés do que em regra acontece no domínio dos produtos manufacturados. Pondo em relevo a importância da variável externa nas economias ultramarinas, realçou o fenómeno de propagação das variações dos preços da tonelada exportada e dos volumes vendidos ao exterior aos restantes sectores da economia, provocando um aumento (ou um decréscimo) dos rendimentos reais, inteiramente independente da eficácia do capital.

O crescimento económico em Angola e Moçambique situou-se respectivamente em 10% e 7 no decurso de 1972.

Evidenciando a ligeira aceleração do crescimento económico nos dois Estados Portugueses de África no decurso de 1972, último ano para o qual há dados publicados relativamente àquele agregado, apresentou o orador elementos do maior interesse:

«Tal crescimento situou-se em 10,1% para Angola e 7% para Moçambique, em confronto com as taxas de, respectivamente, 9% e 6,8% observadas no ano anterior, utilizando em ambos os casos valores deflacionados a preços constantes de 1963.

Procurando analisar as tendências a mais longo prazo, reveladoras de modificações estruturais naquelas economias, observa-se que as taxas médias de crescimento do produto, sempre aferidas a preços constantes de 1963, foram de 7,1% em Angola e de 6,7% em Moçambique ao longo do decénio que transcorreu entre 1963 e 1972, com substancial aceleração na segunda metade daquele período, durante o qual as referidas taxas ascenderam a 10,5% em Angola e 8,9% em Moçambique.

A primeira observação suscitada por estas taxas, referentes à cadência média anual de crescimento do produto ao longo do período de 1968/1972, indica que tanto Angola como Moçambique excederam os ritmos de crescimento previstos

no III Plano — 7% e 7,1% respectivamente — sendo certo que as projecções disponíveis para 1973, último ano do hexénio de execução do III Plano de Fomento, não denotam sensível desvio relativamente àquelas tendências».

Valorando os dados apresentados fez o Presidente do Conselho de Administração do B.C.C.I. judiciosas considerações:

«A segunda conclusão que se julga pertinente extrair destes dados, quando confrontados com as taxas de crescimento menos elevadas observadas na Metrópole no mesmo período, é a de que se caminha para uma progressiva correcção das assimetrias dos níveis de desenvolvimento entre as parcelas economicamente mais significativas do espaço português.

Criam-se, assim, condições para que se possa retomar com segurança o processo de integração económica nacional, após a pausa determinada pelos acentuados desequilíbrios cambiais de algumas das parcelas componentes da zona do escudo.

E particularmente significativo o confronto da cadência de crescimento registada naqueles territórios com a taxa média anual observada para o conjunto dos países do Continente Africano (excluída a África do Sul), a qual, no período de 1960/1969, não ultrapassou 4,4%, segundo estatísticas recentes das Nações Unidas».

Abordando o problema dos níveis das capitulações, efectuou o orador confrontos extremamente significativos, evidenciando o facto de as mais recentes estatísticas atribuírem a Angola o terceiro lugar na ordem de grandeza das capitulações do produto e do rendimento no espaço português e uma posição privilegiada no conjunto do continente africano.

Assim, a capitação do rendimento estimado para Angola, em 1972, equivalia a 474 dólares, a preços correntes, o que, sem esquecer os esforços a realizar na correcção das acentuadas assimetrias ainda hoje existentes na repartição daquele rendimento, corresponde a níveis francamente excepcionais no contexto africano.

Repare-se que em 1970, apenas seis países africanos, além da República da África do Sul, haviam ultrapassado o limite dos 300 dólares por habitante, situando-se 33 países ainda abaixo do «mínimo vital» representado pelos 200 dólares.

O crescimento das capitulações tem-se revelado menos rápido em Moçambique, em parte devido à elevada taxa de crescimento demográfico que aí se observa, atenuando um pouco a impressão muito favorável que se colhe da observação do ritmo do desenvolvimento global, que é fornecida pela evolução de outros agregados macro-económicos.

Assim a capitação do rendimento, em termos de preços correntes, correspondia em 1972, a 295 dólares, tudo levando a crer que no ano imediato tenha largamente franqueado a linha dos 300 dólares por habitante, emparceirando assim, com o grupo de países africa-

UM VELHO AMIGO



sempre

fixe

**um Grande Semanário Popular
TODOS OS SÁBADOS DE MANHÃ**

A partir de 6 de Abril,
na manhã de cada sábado,
o primeiro semanário popular português.
Uma nova «fórmula»:

1 jornal de grande formato + 1 magazine a cores = 5\$00

BASTA SABER LER!

**1 SEMANA
em LONDRES**

PARTIDAS:

TODOS OS DOMINGOS

Fevereiro 3, 10, 17 e 24

Março 3, 10, 17 e 24

Preços

excepcionais

desde

2540\$

INCLUINDO:

• Viagem em avião a jacto TRIDENT

• Estadia no Hotel

• Transportes em terra

• Vistas turísticas de Londres

• Taxas Hotéis

• Assistência de guia urbano

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160

Telef. 330021 (15 linhas)

PORTO — Av. dos Aliados, 207

Telef. 37921 (16 linhas)

COIMBRA — Rua da Seta, 3

Telef. 37011/37013

O QUADRO DOS EMPREENDIMIENTOS CREDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

nos relativamente mais favorecidos.

A situação favorável nos mercados das principais matérias-primas deve provocar nova aceleração das taxas de crescimento da economia angolana

O dr. Miguel Quina, prosseguindo a sua exposição, afirmou seguidamente, referindo-se ao comportamento previsível da economia angolana:

«E natural que venha a verificar-se nova aceleração das taxas de crescimento da economia angolana por virtude da situação favorável já definida nos mercados das principais matérias-primas, a qual só em 1974 poderá produzir todos os seus efeitos estimulantes.

Prevê-se que as receitas externas aumentem por forma muito substancial, expectativa que permitiu a elaboração de um orçamento cambial para 1974 superior em quase 50% ao do ano transacto. Torna-se, assim, possível a Angola acelerar o ritmo de formação de capital fixo, satisfazer as necessidades efectivas do seu consumo, suportar as excessivas elevações dos preços dos produtos importados, tornar mais flexíveis os critérios de transferência de invisíveis correntes e ainda reduzir substancialmente a sua dívida externa.

A euforia decorrente da presente conjuntura não deverá, porém, relegar para plano secundário a necessidade vital de assegurar um eficaz planeamento a médio e longo prazos e de orientar as utilizações dos recursos auferidos por forma a obter uma larga disseminação dos benefícios colhidos pelos diferentes sectores da economia e a criação de mecanismos de desenvolvimento auto sustentado.

Simultaneamente, é de prever que o esforço de formação de capital prossiga a ritmo impressivo, como o indica o nível de investimento programado para o ano em curso no âmbito do IV Plano de Fomento, o qual representa um acréscimo de 78% relativamente à média anual dos investimentos programados para o triénio 1971/1973.

Confirmando esta indicação as estimativas constantes do Projecto do IV Plano de Fomento fazem prever que o investimento bruto global ascenda em Angola a 12,8 milhões de contos em 1974.

Mais adiante, focando aspectos da maior actualidade e interesse, referiu como nota muito positiva nos efeitos psicológicos favoráveis que para o investidor, interno e externo, decorrerá da prevista liberalização cambial.

Concluindo as suas considerações a este respeito, notou o dr. Miguel Quina que a taxa média de crescimento real do produto considerado para Angola no IV Plano, de 7% ao ano, se afigura excessivamente prudente, mesmo tendo em atenção que os efeitos do notável esforço de formação de capital fixo a realizar no triénio inicial da sua execução se acumularão sobretudo nos últimos anos do hexénio, uma

vez transposto o período de maturação dos investimentos.

Medidas para enfrentar a debilidade da balança comercial de Moçambique, que provoca difícil situação cambial

Formulando agora previsões sobre a evolução a curto prazo da situação económica em Moçambique, prosseguiu o orador:

«Embora a variável externa, reflectida na evolução das receitas cambiais, não apresente em Moçambique o vigor espectacular que vem assumindo em Angola — em parte dada a inexistência de uma indústria extractiva dinâmica, que neste último território se tem comportado como sector motor do desenvolvimento — é amplo o potencial de expansão do Estado Português do Índico, já traduzido, de resto, na aceleração do ritmo de formação bruta de capital fixo, o qual terá correspondido no período do III Plano de Fomento, a uma taxa média anual de 11,6%.

A actual situação cambial de Moçambique, decorrente da debilidade da sua balança comercial, aconselha a que se explorem exaustivamente as oportunidades de exportação de bens de produção local e se procurem reactivar sectores, como o turismo e os transportes, que vêm mostrando certa tendência para a estagnação, e constituem tradicionalmente importantes canais de angariação de divisas».

Entrando numa análise mais desagregada dos principais indicadores económicos relativos a 1973, afirmou o Presidente do Conselho de Administração do Banco de Crédito:

«Reforçando as previsões atinentes à evolução do produto em 1973, uma observação relativa ao período de Janeiro a Setembro evidencia um crescimento impressionante dos valores brutos da produção industrial em Angola, aliás igualmente repartido pelos sectores extractivo (24%) e transformador (23,2%).

A produção da indústria transformadora moçambicana cuja ordem de grandeza é similar à de Angola, evidenciou um comportamento menos expansivo, mas ainda assim altamente satisfatório, progredindo 16,1% no decurso dos dez primeiros meses do ano transacto.

Os indicadores disponíveis relativos ao investimento, de que se citam a importância do capital afectado à constituição de novas sociedades e o valor da importação de bens de equipamento, mostram-se também favoráveis, nos dois casos, mas ainda aqui se denota o comportamento mais expansivo da economia angolana, a atravessar uma fase de «boom» semelhante à que caracterizou o ano de 1970, mas agora partindo de uma base consideravelmente mais ampla».

Prosseguindo a apresentação dos mais actualizados dados sobre as economias ultramarinas, salientou o dinamismo uma vez mais apresentado pelas exportações de Angola,

que registaram em 1973 (na base dos dados provisórios de que se dispõe) um valor superior a 16 milhões de contos, a que correspondeu uma variação positiva de 16,2% em comparação com a de 14,6% obtida no ano anterior.

As importações que haviam decrescido em 1972 por virtude da estrita disciplina cambial imposta pelo Decreto-Lei n.º 478/71 e pelos diplomas que o regulamentaram, retomara a tendência ascendente, possibilitada por um regime mais liberal de licenciamento.

O excedente do comércio externo situou-se, pelo segundo ano consecutivo, acima dos 3 milhões de contos, o que constitui significativa expressão do potencial económico daquele Estado.

Os incrementos nas vendas de café em grão e de petróleo em bruto, que ultrapassaram 5 e 4 milhões de contos, respectivamente, acresceram por forma espectacular a participação destes dois produtos no total exportado, representando actualmente mais de metade do montante das vendas externas de Angola.

Reflectindo o saldo vultoso apurado nas transacções comerciais, a balança de pagamentos angolana fechou em 1973 com um excedente de 300 milhares de contos.

Relativamente a Moçambique, as estatísticas aduaneiras disponíveis não vão além do primeiro semestre de 1973, sendo notório neste período, um sensível agravamento do «déficit» que cronicamente vem apresentando o comércio daquele Estado com o exterior.

Tal «déficit» atingia, em Junho, 3,2 milhões de contos, em comparação com 2,4 milhões de contos no período homólogo do ano antecedente.

A situação no decurso do segundo semestre deverá ter registado melhoria apreciável, a avaliar pelo saldo das liquidações atinentes a transacções comerciais, apurado para o conjunto do ano.

Na verdade, esta componente da balança de pagamentos registava no fim de 1973, um «déficit» de 2,8 milhões de contos, o qual, admitindo que se não tenham formado novos atrasados — o que se afigura inviável na lógica do sistema cambial vigente — terá representado uma viragem importante na balança comercial no segundo semestre do ano.

O decréscimo do excedente das invisíveis correntes, que não ultrapassou os 3 milhões de contos, e o agravamento do sinal negativo nas operações de capitais, determinaram, porém, o saldo negativo de 217 mil contos na balança de pagamentos.

As vantagens da existência de uma real solidariedade entre os vários territórios constitutivos do espaço económico nacional.

Discernindo sobre as potenciais consequências da actual evolução sobre a revitalização dos mecanismos próprios da zona monetária do escudo, salientou o dr. Miguel Quina:

«Os dados atrás referidos levam a atentar nas vantagens

decorrentes da existência de uma real solidariedade entre os vários territórios constitutivos do espaço económico nacional, a qual permite o jogo de mecanismos plurilaterais, de compensação das oscilações conjunturais verificadas em cada um deles.

A melhoria acentuada da situação cambial de Angola, através dos vultosos excedentes apurados na balança comercial, não só permitirá a este Estado, a prazo curto, a liquidação da maior parte da sua posição líquida devedora perante o exterior, como ainda lhe abre perspectivas de vir a auxiliar monetariamente outras áreas ultramarinas da zona do escudo menos favorecidas pela conjuntura».

Seguidamente, referiu o orador recente iniciativa do Banco de Crédito usando a expressão das trocas entre Angola e Moçambique, promovendo um encontro entre exportadores e importadores das duas províncias, o qual teve lugar em Luanda, de 9 a 11 de Outubro do ano transacto. A este propósito, disse ainda o dr. Miguel Quina:

«E com grande satisfação que se regista o acolhimento que a iniciativa recebeu dos meios empresariais e a repercussão que as suas conclusões tiveram ao nível oficial, bem patenteada nos termos do recente protocolo comercial concluído pelos Governos-Gerais de Angola e Moçambique.

No propósito de aproximar ainda mais os empresários de Angola e Moçambique e de buscar novas soluções que conduzam a uma elevação do intercâmbio comercial entre ambos à luz da experiência entretanto colhida, o Banco de Crédito promoverá no decurso de 1974 nova reunião de exportadores e importadores, desta feita em Lourenço Marques».

Abordando a questão dos mecanismos institucionais da distribuição do crédito pelos agentes económicos, citou inequívocas referências constantes do projecto do IV Plano de Fomento à necessidade de adopção, em Angola, de fórmulas institucionais correspondentes à visão da banca mista.

E assim que naquele documento se sugere a adopção de um quadro de medidas susceptíveis de servir de base a um esquema articulado e viável de concessão de crédito ao investimento pela banca comercial. A recepção do depósito de poupança; a criação de mecanismos verdadeiramente operacionais «de transformação» de responsabilidades constituídas nos bancos em fundos afectados ao crédito a médio e longo prazos; as possibilidades de financiamento deste tipo de operações; a autorização que se prevê eminente, para a abertura de departamentos financeiros dos bancos comerciais, em condições de assegurar uma análise criteriosa dos pedidos de crédito, constituem os traços essenciais do previsto aperfeiçoamento do sistema bancário, o qual será assim cada vez mais estreitamente associado à prossecução do desenvolvimento económico-social.

A instituição de adequados esquemas de mobilização da

poupança formada localmente é considerada, também em Moçambique, como programa de política global previsto no âmbito do IV Plano de Fomento.

Concluindo as suas considerações respeitantes aos mecanismos de financiamento, vaticinou, o dr. Miguel Quina que, num futuro próximo, os Estados Portugueses de África virão a estar dotados de uma estrutura de crédito mais evoluída do que a vigente no próprio território metropolitano, e de certo mais próxima dos padrões hoje consagrados não só nas nações que empreendem análogo esforço de desenvolvimento, como em grande número dos países altamente industrializados da Europa Ocidental.

Feição inovadora do Banco de Crédito no quadro institucional da Banca Portuguesa.

Referindo-se aos acontecimentos mais significativos do ponto de vista dos mercados financeiros das províncias prosseguiu o Presidente do Conselho de Administração daquela Instituição:

«O ano presente iniciou-se sob favoráveis auspícios no que se refere à reestruturação dos mercados financeiros dos Estados do Ultramar Português».

Na verdade, abriu em Luanda um departamento de transacção de títulos, de momento destinado a criar um mercado secundário local para os títulos de dívida pública ultramarina, o qual, no entanto, pode constituir embrião de uma futura bolsa de valores.

Os circunstancialismos dominantes exigem, porém, que se não retarde a transformação destes organismos em verdadeiras bolsas de valores mobiliários, possibilitando ao aforro local aplicações atraentes, susceptíveis de fixar naqueles territórios, com evidente benefício das respectivas balanças de pagamentos, e facilitando às empresas a colocação de novas emissões de capital, tão necessárias à progressiva correcção da estrutura financeira de grande número de sociedades locais e ao financiamento dos ambiciosos níveis de investimento postulados pelo IV Plano de Fomento».

Prosseguindo a sua exposição, referiu outro acontecimento da maior relevância, o parecer favorável emitido pelo Conselho Nacional de Crédito relativamente à criação de departamentos financeiros dos bancos comerciais em Angola e Moçambique.

O Banco de Crédito Comercial e Industrial, que já nos seus estatutos iniciais previra a extensão das suas actividades ao crédito a médio e longo prazos, requereu oportunamente a criação de departamentos em Angola e Moçambique, dentro da orientação firmemente seguida pelo Conselho de Administração de associar mais estreitamente a actividade da instituição do processo de desenvolvimento económico-social daquelas Províncias.

Espera-se que no exercício que decorre se possa concreti-

zar tal propósito, que dará à actividade do Banco uma configuração bastante diferente e, de certo modo, inovadora no quadro institucional da banca portuguesa.

O apoio do Banco de Crédito ao desenvolvimento económico de Angola e Moçambique reforçar-se-á com a abertura dos departamentos financeiros

A concluir, referiu o dr. Miguel Quina o considerável envolvimento do Banco de Crédito em variados sectores das economias de Angola e Moçambique, salientando:

«Tendo em vista uma intervenção mais directa no processo de desenvolvimento económico e social daqueles territórios portugueses o Banco de Crédito figurou como promotor ou participante activo num número considerável de empreendimentos, disseminados por vários ramos de actividade económica, e estuda presentemente a possibilidade de vir a participar em outros projectos de enorme importância para os territórios onde actua.

Entre outros, saliente-se o interesse que ao Banco vêm merecendo os sectores petrolífero, designadamente através da sua importante e activa participação, em colaboração frutuosa com a Sacor, na Angola, que com tanto êxito vem consagrando uma experiência nacional na pesquisa e exploração de petróleo; das pescas, sector hoje em plena expansão em ambos os territórios e onde participamos no estudo e realização de ambiciosos projectos do maior interesse para Moçambique e Angola; da manufatura de pneus, onde a acção da Mabor, empresa nossa associada, assumiu um carácter pioneiro tanto em Angola, onde foi o primeiro grande investimento industrial decidido depois de Março de 1961, como em Moçambique, onde neste conturbado ano de 1974 arrancará também uma grande e moderna unidade; da prospecção e exploração de minérios; das indústrias alimentares, na produção de cervejas e refrigerantes; e de variados subsectores da indústria transformadora e dos serviços, designadamente em algumas empresas de economia mista constituídas com fins específicos.

Este tipo de actuação não deixará de reforçar-se com a abertura dos departamentos financeiros, o que permitirá ao Banco comparticipar resolutamente numa pluralidade de empreendimentos visando a valorização e o progresso social do nosso País, e, particularmente dos Estados portugueses em que opera, quer através da consolidação da posição destacada que ocupa no quadro do sistema monetário, quer através das acções mais directamente canalizadas para o apoio ao investimento produtivo».

A assembleia seguiu com muito interesse a exposição do sr. dr. Miguel Quina, após o que se procedeu à discussão do relatório, balanço e contas da gerência do ano transacto, os quais foram aprovados por unanimidade.

EXPOSIÇÃO DE MINERALOGIA

Foi inaugurada no Museu de Ovar uma exposição de Mineralogia e Geologia, tendo ao acto assistido o presidente da Câmara local. Este certame tem por finalidade principal facilitar à classe estudantil a apreciação dos exemplares.

Cheias no Brasil

A maioria dos habitantes da cidade de Tubarão está a ser evacuada

RIO DE JANEIRO, 1 (R.) No rasto de morte e de destruição deixado pelas inundações em 10 Estados brasileiros, milhares de refugiados começam hoje a tarefa de reconstruir os seus lares.

Contudo, muitas das 250 mil pessoas que se calcula terem ficado sem lar em cidades e vilas, onde centenas de outras se acham ainda sepultadas debaixo de camadas de lama, abandonaram a região para se fixarem noutras áreas.

Num comunicado oficial o Ministério do Interior comunicou a noite passada que dois mil veículos do Exército esta-

vam a ser utilizados na cidade de Tubarão, no sul, para evacuar a maior parte da população de 70 mil almas.

Marabá, no Estado do Pará e a segunda cidade brasileira arrasada pelas cheias, com uma população de 60 mil habitantes, estava também a ser abandonada. Contudo, o Ministério desmentiu que centenas de pessoas tivessem perecido na cidade inundada ou que houvesse epidemias.

Camiões anfíbios do Exército transportaram mais de 20 mil refugiados para lugar seguro em terras altas, fazendo-as atravessar o rio Tocantins, cujas águas ficaram engrossadas

pelas cheias informou o Ministério.

Em Tubarão mais de 300 pessoas ficaram sepultadas em valas comuns, segundo as autoridades locais. O total de mortos nessa cidade foi calculado em mais de mil, enquanto o balanço para todo o país continua a ser laconicamente «provavelmente milhares».

As Forças Armadas encarregadas das operações de socorro e salvamento e da distribuição de víveres receberam ordens para enterrar tanto seres humanos como animais nos locais onde se encontram e cobri-los com cal para evitar epidemias em áreas onde as águas das cheias, baixando, deixaram corpos a apodrecer.

Contudo, no seu comunicado de ontem, à noite, o Ministério do Interior disse que «a situação em todo o país melhorará consideravelmente e que o nível das águas das zonas de calamidade tinha diminuído».

«A extensão das inundações é de tal amplitude e as comunicações para certas áreas tão má que nunca se saberá provavelmente o número verdadeiro de mortos ou quantas pessoas perderam os seus lares», notou um funcionário governamental no centro de socorros.

Remoção de minas

CAIRO, 1 (R.) Um grupo de peritos em remoção de minas norte-americanas visitou ontem Ismailia para iniciar os preparativos para o levantamento de minas e outros explosivos que se encontram no canal de Suez.

A agência noticiosa oficial do Médio Oriente (M. E. N. A.) anunciou que o grupo seguiria depois para Port Said com o mesmo objectivo.

Falta mundial de papel

CANBERRA, 1 (R.) P. Vakomies, funcionário da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, afirmou hoje que haveria falta de papel em todo o mundo durante os próximos cinco a dez anos devido a não haver madeira suficiente.

Vakomies acrescentou que a maior escassez seria a de papel de jornal e que uma solução seria utilizar florestas tropicais para a produção de polpa de papel.

“Grandes desigualdades” na sociedade brasileira

—RECONHECE GEISEL

BRASÍLIA, 1 (F. P.) O presidente Ernesto Geisel deu, ontem à noite, em Brasília, a garantia solene de que o seu Governo se dedicará a assegurar o bem-estar de todo o povo e a continuar com a construção do Brasil de amanhã.

No seu primeiro discurso pela televisão, pronunciado com motivo no 10.º aniversário da revolução de 1964, que levou os militares ao poder, o general Geisel reconheceu que existem ainda grandes desigualdades «e mesmo miséria» na sociedade brasileira.

«É preciso, no entanto, disse, comparar a situação actual com a de 1960 e ver os extraordinários progressos já alcançados».

Mas sublinhou, há ainda muito a fazer e a construir para garantir a grandeza do País e o bem-estar crescente do nosso povo.

O novo chefe do estado fez seguidamente uma nova advertência aos que sonham com o regresso ao passado: «Nunca permitiremos que o sopro da loucura e da violência subverta a venha de novo dividir tragicamente a nação e levá-la às

portas da falência e da ruína».

O presidente Geisel justificou, por fim, demoradamente, a revolução de 1964, tornada necessária, segundo disse, pela «corrupção, a desordem e o caso que reinavam em todas as instituições da sociedade brasileira».

Essa revolução acentuou «for um triunfo total, conseguido com o apoio do povo, que sabia que as Forças Armadas não o abandonariam ao cataclismo devastador do totalitarismo comunista».

«O caminho para o restabelecimento foi longo e duro», concluiu, mas os governos saídos dessa revolução souberam trazer a estabilidade e a ordem, a actividade criadora e as realizações fecundas».

DOZE MIL PRESOS POLÍTICOS?

BERNA, 1 (F. P.) A comissão internacional dos juristas avaliou em 12 mil o número dos presos políticos no Brasil. A secção da «Amnesty Internacional» dirigiu uma carta à embaixada do Brasil em Berna em que pede a libertação desses presos quando da celebração do 10.º aniversário da Revolução.

A «Amnesty Internacional» diz que recebeu de várias procedências provas de que muitos presos estão detidos «em condições desumanas». Pede, por isso, a criação de uma comissão Internacional de inquérito para esclarecer a situação.

MERCADO COMUM

Renegociação dos termos da entrada inglesa

LUXEMBURGO, 1 (R.) O novo Governo trabalhista britânico inicia hoje oficialmente a sua campanha para obter a renegociação dos termos de entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, que foram aceites pelo anterior Governo conservador.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, apresenta hoje numa reunião ministerial da C. E. E., a declaração de princípios do seu Governo, ansiosamente aguarda-

da. A reunião tem início às 15 horas locais e reina grande expectativa nos círculos da comunidade quanto à forma como os trabalhistas vão cumprir aquilo que prometeram ao eleitorado britânico sobre a posição da Grã-Bretanha face à Comunidade Europeia.

Fontes bem informadas dizem que Callaghan se cingirá estreitamente ao manifesto eleitoral trabalhista.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Clemente, Rua 9 de Abril, 7 S. PEDRO DO ESTORIL

fábrica Unica



Assinatura dum contrato de exportação em 28/3/74, no valor de 14 000 000\$00.

NO CAMINHO DA EXPORTAÇÃO !

NA SENDA DO PROGRESSO !

NA CONQUISTA DE NOVOS MERCADOS !

República dominicana

O presidente Balaguer de novo candidato

SAO DOMINGOS, 1 (F. P.) Cinco candidatos vão apresentar-se nas eleições presidenciais da República Dominicana, previstas para 16 de Maio, no termo do mandato do presidente Balaguer.

A data limite para a apresentação das candidaturas foi marcada por lei para 31 de

março. Os concorrentes em presença são o dr. Joaquim Balaguer, pelo Partido Reformista e pelo Movimento Nacional da Juventude, António Silvestre Guzman Fernandez, apresenta-se pela maior parte dos Partidos da oposição entre os quais o Partido Revolucionário Dominicano, o Partido Revolucionário Social Cristão e o Movimento Popular Dominicano, de obediência comunista, Francisco Augusto Lora, pelo Movimento de Integração Democrática, Luis Homero Lajara Burgos, pelo Partido Democrático Popular, e o dr. Jaime Manuel Fernandez pelo Movimento de Conciliação Nacional.

Entre os candidatos à vice-presidência, destaca-se, na lista de Gusman Fernandez, o nome do general Elias Wessin, que está actualmente exilado em Espanha. O presidente Balaguer declarou há pouco que não tem a intenção de autorizar o seu regresso a S. Domingos a não ser que ganhe as eleições.

Por outro lado, o Partido de Libertação Nacional fundado há pouco pelo professor Juan Bosch, que esteve durante alguns meses à frente do Estado dominicano, não participará nas eleições por não ter sido inscrito nos registos eleitorais.



ARMINDA DAS NEVES
FALECEU

Seu marido, filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o seu funeral se realiza hoje, às 16 horas, da igreja de N. Sr.ª de Fátima para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA CASTANHEIRA & TELES, LDA.

DL/ESTRANGEIRO

O primeiro-ministro etíope preconiza a reforma agrária

ADIS ABEBA, 1 (R) — O novo Governo etíope procura hoje indícios positivos de uma resposta das Forças Armadas, Polícia, camponeses e outros sectores do público ao apelo de lei e ordem lançado no fim da semana pelo chefe do Governo.

A primeira indicação de que o apelo feito no sábado, à noite, pelo primeiro-ministro Endalkachw Makonnen através da rádio e televisão tivera certo efeito no país registou-se a noite passada com a decisão do pessoal de terra e técnico da autoridade da aeronáutica civil de regressar hoje ao trabalho.

A sua greve de três semanas afectou seriamente a economia do país e quase paralisou o tráfego aéreo com a Etiópia. As nove linhas aéreas estrangeiras que servem normalmente a Etiópia não chegaram a aterrar um só avião neste país da África Oriental desde que os 800 homens abandonaram o trabalho em 11 de Março.

O primeiro-ministro disse que publicaria em breve um livro branco preconizando a política do Governo, incluindo um capítulo especial sobre reforma rural, uma das questões mais escaldantes neste país pobre onde os camponeses

sentem demasiado que muito poucas pessoas são donas das terras. Têm sido recebidas notícias de sangrentos recontros tribais no sul.

Era incerto o efeito que o seu apelo teria nos elementos rivais das Forças Armadas, nos camponeses e noutros manifestantes.

As Forças Armadas acham-se divididas por rivalidades e desconfianças.

A Força Aérea é o grupo mais radical exercendo pressão por reformas políticas, incluindo rurais.

Contudo, os aviadores têm sido mantidos em respeito pelo Exército, a Polícia e, em menor grau, pela Marinha, que é a favor de uma política mais moderada.

Todos os três ramos das Forças Armadas proclamam a sua lealdade ao imperador Haile Selassie, mas o Exército e a Polícia prenderam na semana passada o que classificaram como «elementos perturbadores pretendendo mergulhar o país numa guerra civil». Tornou-se evidente que se tratava de uma referência aos aviadores.

A principal base da Força Aérea etíope em Debre Zeit, a 50 quilómetros a sueste de

Adis Abeba, está ainda cercada por para-quedistas que afirmam que a aviação se preparava para atacar a capital, acusação essa negada pelos aviadores.

Os para-quedistas, que cercaram na segunda-feira passada a base, asseveraram que salvaram o país da guerra civil.

Contudo, fontes de Adis Abeba declaram que a Força Aérea sente que foi atraída pelos outros ramos que não insistiram mais energicamente com o Governo quanto a reformas políticas.

Adis Abeba e Asmara, no norte do país, encontram-se calmas, embora com o péssimo sistema de comunicações de que dispõe a Etiópia seja impossível saber o que está a acontecer nas áreas mais remotas deste império com uma área de mais de um milhão

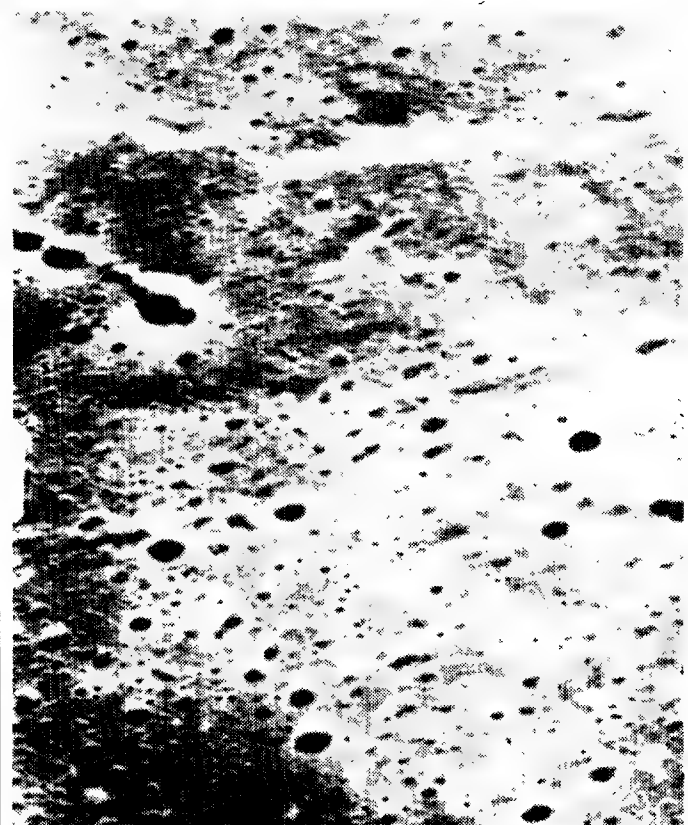
de quilómetros quadrados.

Notícias de que Amara, capital da província da Eriteia, se acha sob controle militar são falsas. Na verdade, a cidade é controlada pelo governador geral da província, o presidente do município e as autoridades civis.

A Polícia comunicou, porém, que, no sul da Etiópia foram mortas pelo menos, 20 pessoas em consequência de luta entre camponeses e proprietários de terras estranhos à região. Os camponeses afirmam que as terras lhes pertencem.

As autoridades revelaram que a maioria das vítimas foi morta com lanças e facas. Depois, cortaram-lhe os órgãos genitais.

Vários manifestantes foram também mortos nas desordens que ocorreram no sul.



Minutos depois da sua passagem perto de Mercúrio, a sonda Mariner-10 tirou esta excelente imagem do planeta, mostrando inúmeras crateras, incluindo algumas cujo diâmetro não vai além de 150 metros. A Mariner fez ainda a sensacional descoberta de que Mercúrio também tem uma Lua. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

LEIS HUMANITÁRIAS

GENEVA, 1 (R) — Uma conferência diplomática, englobando 126 países, relativa à formulação de leis humanitárias que actualizem as convenções de guerra de Genebra, terminou, após seis semanas de sessões tempestuosas, e foi suspensa até ao próximo ano.

Uma proposta veementemente contestada destinada a classificar tipos de luta contra potências ou regimes racistas, integrando-as no âmbito dos conflitos internacionais, mereceu a aprovação da comissão da conferência, mas a aceitação final foi arquivada durante a reunião plenária até que novos protocolos sejam adoptados como um todo.

Nas suas primeiras fases, a conferência foi também tristemente marcada por conflitos sobre a admissão de 14 movimentos de libertação como delegações sem direito a voto. Mas a discussão mais acirrada foi sobre a admissão do Vietname do Sul e a exclusão do Governo Revolucionário Provisório do Vietcong.

Os delegados à conferência voltarão a reunir-se no dia 3 de Fevereiro de 1975 e esperam nossa altura poder completar a revisão, pormenoriza-

da, de dois novos protocolos destinados a modernizar as convenções de guerra.

EX-COLABORADOR DE NIXON COMEÇA A SER JULGADO

WASHINGTON, 1 (R) — Dwight Chapin, antigo colaborador do presidente Nixon, começa hoje a ser julgado por acusações de ter mentido a um grande júri federal acerca do seu papel nas «manobras ilegais» republicanas na eleição presidencial de 1972.

Chapin, que foi secretário das nomeações do presidente Nixon, gozando da reputação de lealdade inquebrantável ao seu chefe, é alvo de quatro acusações.

Se for considerado culpado de todas as acusações e condenado à pena máxima poderia recolher à cadeia durante 20 anos e ser multado em 40 000 dólares (cerca de 1080 contos).

Alega-se que Chapin contratou Donald Segretti, antigo colega na Universidade, para provocar perturbações nas campanhas de candidatos democráticos à presidência. Segretti foi condenado a seis meses de cadeia pelas suas actividades.

Segundo as incriminações, Chapin declarou ao grande júri investigando acções ilegais relacionadas com o caso Watergate que nunca dera a Segretti instruções para trabalhar contra determinados democráticos e que ignorava que Segretti tivesse distribuído literatura durante a campanha eleitoral.

O libelo acusatório afirma que Chapin mentira quando fizera essas declarações.

O julgamento de Chapin fará aparecer no banco das testemunhas o dr. John Dean, o principal acusador do presidente Nixon, que o despediu do cargo de consultor jurídico da Casa Branca, sujeitando a sua credibilidade a nova prova perante um júri.

Na semana passada, o dr. Dean foi a testemunha principal no julgamento em Nova Iorque de John Mitchell e Maurice Stans, antigos membros do Governo de Nixon, que são acusados de perjúrio, conspiração e obstrução à justiça.

O próprio Segretti, que foi recentemente solto, após cumprir quatro meses e meio da sua pena, deporá também no julgamento de Chapin.

LUA-DE-MEL

Dispositivo de segurança rodeia o casal Kissinger

ACAPULCO (México), 1 (R) — O dr. Henry Kissinger e Nancy Maginnes, sua mulher há dois dias, foram passear de barco nas águas azuis da baía de Acapulco no primeiro dia da sua lua-de-mel neste centro de turismo, sendo seguidos por duas embarcações velozes, cheias de agentes dos serviços secretos norte-americanos.

Jornalistas, em barcos alugados, tentaram juntar-se ao cortejo, mas foram dissuadidos de o fazer por guarda-costas, que os avisaram usando megafones.

Um iate, cheio de turistas, fez soar três vezes a sua sireia quando os Kissinger passaram perto do seu barco, o «Corsair», equipado com aparelhagem de pesca e dispondo de cerveja e de víveres.

Os Kissinger, que se casaram em segredo em Arlington, na Virgínia, no sábado, estão instalados em Acapulco numa vivenda de dois andares, fortemente guardada, que pertence a um rico banqueiro mexicano.

Segundo fontes fidedignas, uma «linha quente» foi instalada na residência, de forma a que o secretário de Estado, de 50 anos, se possa manter em contacto com Washington sobre a situação no Médio Oriente e outros problemas.

Os numerosos guardas, tanto mexicanos como norte-americanos, asseguram-se que ninguém perturbe a intimidade do casal em lua-de-mel.

Contudo, fontes geralmente fidedignas disseram hoje que se tinha registado certa fricção entre agentes dos serviços secretos e a polícia especial que guarda a área arborizada onde a luxuosa vivenda, uma de várias, está situada.

Agentes da polícia secreta censuraram guardas dessa polícia por terem deixado entrar na área amigos de um rico norte-americano que ocupa

uma das vivendas, revelaram essas fontes.

Os amigos do norte-americano incluíam um fotógrafo que tirou alguns retratos, o que provocou a reprimenda. Contudo, o norte-americano retorquiu que poderia convidar para sua casa as pessoas que quisesse.

Além de garantir a sua intimidade, o forte dispositivo de segurança tornava-se aparentemente necessário por causa das recentes actividades de guerrilheiros urbanos das esquerdas em Acapulco e nos arredores.

Acapulco

A riqueza contrasta com a maior miséria

ACAPULCO, 1 (FP) — Uma casa principesca numa estância de férias onde a riqueza e a miséria contrastam violentamente. Tal é o cenário onde Henry Kissinger, secretário de Estado americano, escolheu passar a lua-de-mel com a sua nova esposa Nancy.

A residência do magnate mexicano Eustaquio Escandon é um verdadeiro palácio de estilo florentino, com uma fachada cor-de-rosa ornamentada com colunas e arcadas.

Um terreno com mais de cinco mil metros quadrados circunda a mansão erguida no bairro de luxo de «Las Brisas», situado numa das colinas de Acapulco. Frente ao Oceano Pacífico sobressai ligeiramente do terreno uma colina encostada a uma escarpa. Num canto da piscina uma reconstituição do

nascimento de Vénus, tal como o imaginou o pintor italiano Sandro Botticelli.

Rodeada por uma vedação com dois metros de altura, a propriedade é um local ideal para gozar uma lua-de-mel isolada. Muitos agentes dos serviços de segurança vigiam em volta e Kissinger pediu que não o chamassem ao telefone, excepto, talvez, se for da Casa Branca.

O interior da residência está mobilado em estilo Renascença. Há ali um grande salão onde a família Escandon faz frequentemente de anfitriões da «Jet society».

A casa de Escandon contrasta violentamente com os bairros de lata de Acapulco, onde reina a mais extrema pobreza. Acapulco é bem o símbolo do Terceiro Mundo: o luxo ao lado da pior miséria.



ANGELINA ROSA DA CONCEIÇÃO GRANADO

Seu marido, filhos, nora, genro e demais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações de amizade o falecimento da querida extinta e que o seu funeral se realiza amanhã, terça-feira, às 15.45, da Casa de Saúde da Boavista, à Carcereira, para o cemitério da Senhora da Hora, Matosinhos.

Senhora da Hora, 1 de Abril de 1974

Eduardo Norberto Granado
Maria Eduardo Granado Ferreira
Honório Eduardo Granado
Maria de Fátima Granado
Ivo Ferreira
A cargo da Funerária de Matosinhos

DL/GERAL

Assembleia geral da Gaslimpo, SARL

Para discussão do relatório do conselho de administração, balanço e resultados e do relatório e parecer do conselho fiscal (documentos que foram aprovados), bem como para decidir do aumento do capital social e de uma alteração do pacto social, reuniu-se, na respectiva sede, na Rua Eugénio de Castro, 8, 7.º, em Almada, a assembleia geral da Gaslimpo - Sociedade de Desgasificação de Navios, S.A.R.L.

De acordo com o relatório do conselho de administração, o volume de vendas em 1973 cifrou-se em 170.647.410\$80, representando um acréscimo de 31 por cento aproximadamente quando comparado com

o do ano anterior. No que respeita à luta contra a poluição, concluiu-se a Campanha de Conservação da Natureza e Defesa do Meio Ambiente, levada a efeito em colaboração com a Lisnave. A Gaslimpo foi chamada oficialmente a intervir nos casos dos navios «Sea Star» e «Susan».

No capítulo «Limpezas industriais», a produção teve um aumento de 12 por cento relativamente a 1972. E no referente a «estações de desgasificação e limpeza», foram assistidos 161 navios contra 137 em 1972 (aumento de 17,5 por cento).

O resultado do exercício cifrou-se em 4.693.870\$00.

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS PRÓXIMO DA FIGUEIRA DA FOZ

Continuavam esta manhã em observação, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde chegaram muito traumatizados, os jovens sobreviventes de um desastre ocorrido na madrugada de domingo em Maiorca, no lugar conhecido por Cabra Figa, próximo da Figueira da Foz, no qual morreram dois dos seus companheiros. O acidente ocorreu por o automóvel em que eles regressavam a Coimbra, depois de ter desrespeitado uma curva, ir chocar com duas árvores, acabando por se precipitar num terreno a cerca de quatro metros de profundidade, onde ficou de rodas para o

ar, totalmente destruído. O condutor, Luís Miguel de Seabra Oliveira Dória, de 22 anos, residente em Coimbra e outro ocupante, João Miguel Burgette Ferrão, de 23, morador em Lisboa, ambos estudantes, chegaram já sem vida ao Hospital da Misericórdia da Figueira da Foz.

Os seus companheiros Carlos Alberto Lago Cruz Corais, de 21 anos, residente em Coimbra, e Ana Paula Gaspar Afonso, de 19, de Mortágua, depois de receberem tratamento naquele estabelecimento, foram transportados para os Hospitais da Universidade de Coimbra.



FRIEDRICH MARKL

FALECEU

Maria da Purificação Silva Lobato do Carmo Markl, Dagberto Lobato Markl, sua mulher e filho, Augusto Fernando Lobato do Carmo, sua mulher e mais família participam que foi Deus servido chamar à sua Divina presença o seu querido marido, pai, sogro, avô, cunhado e parente. Amanhã às 10,30 horas, na Igreja de S. Domingos de Benfica, será celebrada missa de corpo presente realizando-se o funeral às 11,30 horas, para jazigo em cemitério a determinar.

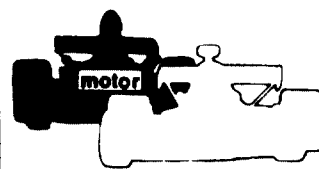
AGÊNCIA BARATA

Sociedade Estoril-Sol - actividade em 1973

A actividade desenvolvida pela Sociedade Estoril-Sol durante o ano de 1973 está, desde ontem, documentada numa exposição patente ao público na Galeria de Arte do Casino.

Esta exposição, que reúne largas dezenas de grandes fotos e expositores com diapositivos, dá uma ideia precisa de quanto a Estoril-Sol fez ao longo de mais um ano da sua existência. Ali estão reunidos numerosos documentos fotográficos, reportando um sem número de acontecimentos que tiveram por cenário a Costa do Sol e, mais especialmente, as instalações do Casino Estoril e o Hotel Estoril-Sol.

Simultaneamente com a



inauguração do certame foi editada uma brochura em que se arquiva a referida actividade. O livro em questão tem mais de cem páginas, nas quais estão impressas cerca de três centenas de fotografias.

A brochura é um testemunho perfeito da acção desenvolvida pela Estoril-Sol no sentido de cada vez mais incrementar a propaganda da zona tanto entre nós como no estrangeiro, valorizando-a em todos os aspectos que possam concorrer para fazer dela o maior polo de atracção turística do nosso País. Nesse sentido, aliás, a Estoril-Sol, como o livro documenta, cuidou devidamente das suas infra-estruturas empresariais - Casino, Hotel Estoril-Sol e Praia do Tamariz - às quais somou agora o Hotel do Guincho, presentemente beneficiada com um campo de golfe.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

O PONTO DE VISTA DO GRÊMIO SOBRE A CRISE DO SECTOR

O relatório e contas da direcção cessante do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul (trienio 1971/73) começa e acaba na análise da «crise» do sector. Logo na abertura, aparece um enunciado dos factores da crise, expostos segundo o interesse e o ponto de vista dos industriais em questão: **acelerado crescimento dos salários e dos preços dos materiais; extrema rarefacção da mão-de-obra; manifesto declínio da produtividade do trabalho; fortes oscilações da procura no mercado; intensificação da concorrência interna; aumento da concorrência estrangeira; subversão dos esquemas normais de pagamento das empreitadas.**

Esta crise terá contribuído para agudizar a concorrência e incrementar a já árdua disputa nos meios da construção, levando ao aparecimento de duas listas na eleição de ontem, separando tendencialmente os grandes e os pequenos e médios empresários. Vejamos como a direcção cessante analisa alguns dos seus aspectos.

EXPANSÃO INSATISFATÓRIA

O ritmo de expansão é insatisfatório, apesar de se verificar uma recuperação relativamente ao triênio de crise (1967/69). Em 1972, por exemplo, a ocupação média das empresas do sector situar-se-ia entre os 61 e os 64 por cento da capacidade de produção (contra 48 por cento em 1969). Daqui resultará «uma redução forçada de margens para as empresas», o que dificultando a acumulação atrasa a industrialização do sector. Como o nível de ocupação é baixo e irregular, a produtividade permanece baixa. No entanto, o «valor acrescentado por operário e ano» subiu de 22,6 contos, em 1966, para 34 contos em 1972 (preços constantes de 1949), tendo igualmente progredido a formação bruta de capital fixo: 280 milhares de contos, em 1968, 791 em 1972.

Da produção do sector, 77 por cento, aproximadamente, cabem à construção civil e cerca de 23 por cento às obras públicas. Na construção civil, metade do produto diz respeito

à habitação. O grémio considera, no entanto, insuficiente o ritmo de construção de habitações, chamando a atenção para a política económica dominante em 1965/66, que terá conduzido a uma mobilização dos capitais «quase exclusivamente para investimentos industriais», restringindo o mercado deste subsector. Logo a seguir, «a crescente liquidez e a inflação acelerada» provocaram uma «muito forte pressão da procura» e um espectacular aumento das rendas de casa: por exemplo, mais de 30 por cento de 1970/71 para 1971/72. Esperam os industriais da construção que esta pressão da procura se mantenha e venha a ser dobrada por uma intensificação das encomendas da Administração Pública. O Grémio sublinha ainda outros elementos: um financiamento para a construção de habitações absolutamente irrelevante; a acumulação frequente das funções de promotor imobiliário e de construtor civil, confusão que se deveria evitar; «a irregular utilização, por entidades que os não possuem, de alvarás regulamentarmente já obtidos por industriais, com a evidente e fraudulenta colaboração destes»; as dificuldades de abastecimento e a carestia dos materiais, em certos casos agravadas pelo «aparecimento de possibilidades vantajosas de exportação» (caso das loiças e madeiras).

A CONCORRÊNCIA

A acelerar a crise, para lá da concorrência interna, o Grémio denuncia a concorrência estrangeira, a qual está adjudicado um importante volume de obras públicas. Teme o Grémio que as empresas estrangeiras, «dinamizadas e dimensionadas, em circunstâncias muito mais favoráveis, actuando no nosso mercado marginalmente em relação à sua actividade principal», venham a limitar a actividade das empresas nacionais e a tomar as obras mais rendosas. O «perigo de actuação de firmas estrangeiras seria ainda agravado caso elas possam utilizar livremente no nosso país o apoio financeiro de que dispõem nos seus». Esta ameaça parece ser particularmente sentida pelas grandes empresas da construção e das obras públicas, as mais afectadas, no imediato por tal concorrência.

Da parte das pequenas e médias empresas parece ser maior uma outra preocupação: garantir a sua possibilidade de expansão face às grandes. Conforme afirmou um componente da lista B, «o grande problema (...) é a garantia de as pequenas empresas poderem vir a atingir a dimensão das maiores. E isso não será possível se as remetermos para determinado tipo de trabalhos (...)» (D. L., 24/3/74).

Apesar de reconduzir, na opinião da lista B, a proposta do voto proporcional, advogada pela direcção cessante: «queremos exactamente cercar a possibilidade de se impedirem as pequenas empresas de crescerem até onde lhes for possível», nota o mes-

mo elemento da lista B (eng. Manuel Lourenço Antunes).

MÃO-DE-OBRA E CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Se as condições de concorrência parecem dividir o sector, cremos todas as empresas estarão de acordo com a direcção cessante no que diz respeito aos «problemas da mão-de-obra»: o seu interesse e os seus pontos de vista coincidirão. E, aliás, curioso referir que, no meio de um panorama pessimista, aparece uma nota de satisfação: se a conjuntura de recessão internacional agravava o custo dos materiais e dos equipamentos, deverá melhorar o aspecto da mão-de-obra, restringindo a emigração e provocando, inclusivamente, o retorno de emigrantes. A maior disponibilidade da mão-de-obra, acrescida de trabalhadores cabo-verdianos, poderá vir a constituir um travão à crescente pressão salarial.

Este ponto de vista é desenvolvido pela direcção cessante num capítulo do relatório dedicado à contratação colectiva. Em primeiro lugar, o Grémio exprime o seu interesse em valorizar a fase de «conciliação», diminuindo o papel das «arbitragens». Em relação àquela fase, afirma-se: «é indispensável que a Corporação da Indústria possa dispor de estudos sectoriais de confiança que lhe permitam orientar as duas partes, mostrando aos sindicatos até onde podem ir nas suas exigências sem prejudicar irremediavelmente as actividades em causa». Sobre as arbitragens: «a fase de arbitragem causou-nos verdadeiro pavor porquanto, sendo a comissão arbitral constituída normalmente por juristas sem quaisquer conhecimentos das características específicas da actividade, o contrato concluído nesta fase contém frequentemente disposições aberrantes e altamente prejudiciais». A direcção sublinha, aliás, a relutância com que assinou o anterior contrato com os empregados de escritório e a atitude «inédita nos anais da contratação» que mais tarde tomou: a denúncia do contrato por sua iniciativa, forçando a abertura novas negociações: «não duvidamos que a conclusão do novo contrato nestas condições representará a vitória do bom senso e da justiça sobre a demagogia que muitas vezes preside às negociações». O Grémio manifesta ainda a sua formal oposição ao esforço dos sindicatos por obterem a subida dos salários mínimos, contrapondo-lhe uma política de mais intensa diferenciação salarial, bem como protesta contra as novas disposições, em alguns contratos, que instituem complementos das pensões de reforma e do subsídio de doença. Protesta ainda contra as disposições que dificultam os despedimentos.

Uma nota final sobre a actual composição do Grémio: um total de 3516 empresas inscritas, 70 por cento das quais com alvará até 2500 contos; 23,8 por cento com alvará entre os 2500 e os 10 000; 3,6 por cento entre os 10 e os 50 000; 2,5 por cento acima dos 50 000.

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES, S. A. R. L.

COMUNICAM QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PÁSCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUARTA-FEIRA, DIA 10, À HORA HABITUAL, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 15, ÀS 9 HORAS.

MINISTÉRIO DA SAÚDE HOSPITAL DE SANTA MARIA

MATÉRIAS-PRIMAS Conc. Público n.º 55/74

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos. Lisboa e Hospital de Santa Maria, 29 de Março de 1974.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) Manuel Brioso Pina de Jesus

NO BAIRRO DE MARVILA

Um homem e uma barraca resistem até ao fim

Um homem vai ser desalojado da barraca onde vive há 30 anos, na Azinhaga dos Alfines, bairro Jardim, em Marvila. Vai ser desalojado dentro de dias e não tem para onde ir. Talvez a esta hora já esteja na rua, ele e a mulher, ao lado dos tectos, braços caídos, sem saber para onde ir. É uma história vulgar, dirão os senhores. Mas, para este homem, José Carlos Ferreira, contínuo num organismo militar, a 123\$00 por dia, perto de 60 anos, um enfarte de miocárdio é uma história inacreditável. Um pesadelo.

Vejamos. Um homem acredita no direito, embora não tenha lido livros de leis. Acredita no direito natural, se assim quiserem chamar-lhe. Nos «direitos do homem» proclamados pelas Nações Unidas, embora nunca tivesse lá na barraca um desses «posters» onde eles constam. Mas também acredita em institutos consagrados pelo costume e pelos códigos: ocupação, prescrição.

Este homem ocupou um bocado de terreno há 30 anos. Arranjou madeira e tijolos, construiu com eles uma barra-

ca para a família no bocado de terreno. Lá lhe nasceram os filhos, lá se criaram, bem ou mal. Era a sua casa, se não é abuso chamar casa a certos lugares onde muitas pessoas são obrigadas a abrigar-se a vida inteira.

A princípio não pagava nada por ali viver. Até que apareceu um senhorio a exigir-lhe 70\$00 por mês. Durante muitos anos, foi esta a sua renda. Depois, a Câmara passou a interferir no negócio das barracas e a renda foi diminuída para 50\$00. Pontualmente, este homem foi pagando todos os meses com meia nota de cem o direito de habitar na barraca que ele próprio construiu.

ESCOLHA IMPOSSÍVEL

Em 7 de Outubro de 1971 realizava-se no Município de Lisboa um acto que viria a afectar profundamente a vida dos

habitantes das barracas de Marvila. A Prodac Associação de Produtividade na Auto-Construção, criada pela «Caritas» e pela União Católica das Industriais e Dirigentes do Trabalho (UCIDT) e a Câmara assinavam um contrato mediante o qual aquela adquiria o direito de superfície sobre os terrenos da Quinta do Leal, Quinta das Claras, Quinta dos Padres, Quinta das Flores, Quinta do Chale, Bairro Chinês e Quinta do Marquês de Abrantes.

O homem não deu por nada. Até que em Marvila foi construído um prédio cor de rosa (sede da Prodac) e senhoras estranhas ao bairro começaram a fazer perguntas á população. A Prodac começava a lançar o seu programa de autoconstrução. Sondava as pessoas, pelo lado fraco do desejo de ter uma casa. As que aceitavam dava um papel a assinar e passava a cobrar prestações da ordem dos

300\$00 mensais.

O homem também foi sondado. Ofereciam-lhe uma casa provisória, melhor dizendo, as paredes de uma casa provisória e os materiais para a acabar. Prometiam-lhe uma casa definitiva ao fim de mais de uma dúzia de anos, quando a Câmara urbanizasse a malha de Chelas, para aí construir um bairro de renda económica. Pediam-lhe três notas de cem por mês.

A proposta não lhe agradou. A renda fixada, a qualidade da casa provisória, o trabalho de

a acabar, os anos de espera, a incerteza, a insegurança tudo isso constituía preço demasiado elevado. O homem preferiu ficar na sua barraca. Lá passaria o resto da vida, se entretanto a Câmara não resolvesse definitivamente o problema da habitação social, proporcionando casas económicas a quem não pode pagar por outras.

O ÚLTIMO CAPÍTULO?

Então a Câmara deixou de lhe aceitar a renda. Passou a

depositá-la na Caixa Geral de Depósitos. Sempre com a antecipação. Já tem pagas as suas prestações até Julho próximo.

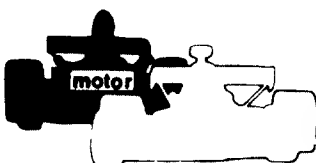
Começaram a surgir pressões para que deixasse a barraca. Também a polícia da Palhavã o instou nesse sentido. Vieram ameaças. O homem, seguro do seu «direito sagrado de ocupação», escreveu uma carta ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, onde repetiu o que alegara à Polícia: só deixava a barraca no dia em que lhe entregassem uma chave para uma habitação qualquer. Em termos respeitosos, claro.

A resposta foi uma ordem de despejo. Se a tivesse acatado, a barraca teria sido demolida no dia 20, às 14 horas.

Mas o homem não saiu.

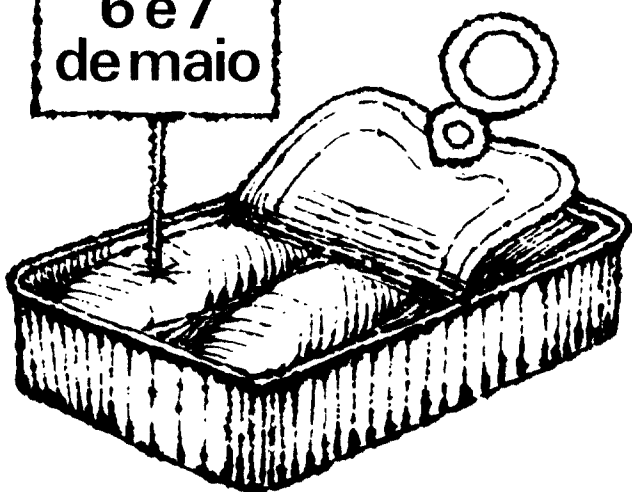
“Design” de mobiliário

Levado a efeito pelo Fundo de Fomento de Exportação realizou-se um seminário especialmente dedicado a «design» de mobiliário, orientado pelos italianos arquitecto Adalberto dal Lago e técnico de «marketing» deste sector industrial Guido Iannoni. Participaram 18 representantes de diferentes empresas nacionais do ramo.



seminário sobre conservas sesimbra-hotel do mar

6 e 7 de maio



SITUAÇÃO, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA CONSERVEIRA NACIONAL, EM AMPLO DEBATE

O Fundo de Fomento de Exportação em colaboração com os organismos oficiais do sector, realiza um SEMINÁRIO dedicado ao Estudo de soluções dos problemas actuais da Indústria Conserveira de Peixe, interessando

Conserveiros
Comerciantes e Exportadores
Armadores

Debates por especialistas e representantes da Indústria sobre:

Análise da situação da Indústria Conserveira
Possibilidades de melhorar deficiências actuais
Problemas da pesca costeira
Outros aspectos de Gestão e Comercialização

Actualize a sua Empresa: Mais eficiência, maior rentabilidade. Venha dialogar connosco sobre conservas.

INSCRIÇÕES ATÉ 3 DE ABRIL PRÓXIMO

Informações e inscrições:
Grupo de Trabalho de Conservas de Peixe
Av. 5 de Outubro, 101-3.
Telef. 76 74 10/76 75 20/76 75 73 - Lisboa 1

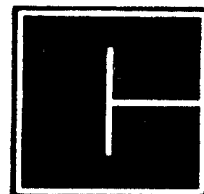
Delegação do Norte:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.
Telef. 380214 - Porto



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

CETEL

Centro de Estudos Técnico-Económicos
estudos economicos - organização - informática - marketing



rua de ponta delgada, 80 - 1.º - lisboa 1

Selecciona para empresa sua cliente, com sede em Lisboa

Secretária de Administração

PRETENDE-SE:

- Bons conhecimentos de inglês e francês
- Idade entre os 25 e os 40 anos
- Boa apresentação
- Como condição de preferência, formação pelo ISLA

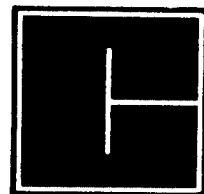
OFERECE-SE:

- Vencimento compatível
- 13. mês
- Subsídio de férias
- Semana de trabalho de 5 dias
- Integração em equipa jovem

Resposta com «curriculum» detalhado, com indicação da experiência anterior e do vencimento pretendido para CETEL —
Seleção de Pessoal, Ref.º: 74DSP121.

CETEL

Centro de Estudos Técnico-Económicos
estudos economicos - organização - informática - marketing



rua de ponta delgada, 80 - 1.º - lisboa 1

SE ÉS JOVEM...

VENDAS — «PART-TIME»

- Frequência Nível Pré-Universitário e Universitário
- Vencimento fixo + comissões
- Curso de Vendas (Part-time já remunerado)

Os interessados deverão comparecer 3.ª feira a partir das 15 horas e 4.ª feira, das 9.30 às 12.30, na Rua Ponta Delgada, 80-1.º

F E R T O R

SOCIEDADE EXPORTADORA DO NORTE, SARL

Sede: BOUCA DA MACIEIRA - ERMESINDE

CAPITAL 10.000.000\$00

Conforme convocação, em devido tempo anunciada, realizou-se no passado dia 16, pelas 11 horas, a Assembleia Geral Ordinária da FERTOR — Sociedade Exportadora do Norte, SARL. A Mesa foi presidida pelo Presidente em exercício Senhor Braz Conde, que foi secretariado pelos Senhores Doutores Artur Santos Silva e Fernando Santos Silva.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1973

Senhores Accionistas:

De harmonia com a Lei e os Estatutos, temos a honra de submeter à consideração de V. Exas., o Relatório, Balanço e Contas do Exercício de 1973.

INTRODUÇÃO

É este o primeiro Relatório subscrito pelo actual Conselho de Administração da v/ Empresa, eleito, para dar cumprimento ao acordado na última Assembleia Geral Extraordinária.

Passamos a enunciar as medidas de carácter económico-financeiras que tomámos, nos termos da orientação preconizada pelo Eng.º Paulo Vallada e que culminaram com o aumento de capital de 5000 para 10 000 em Fevereiro de 1973.

Assim:

1.º — Em 28 de Fevereiro de 1973 foi celebrado com o Grupo Italiano BINI/IMI o acordo de redução de crédito e distrate das garantias reais conforme tinha sido proposto pelo mesmo referido Senhor em 1971/1972.

Foram negociações difíceis mas a boa vontade dos intervenientes, e duma forma muito especial de sua Excelência o Senhor Embaixador de Itália, pela sua acção moderada.

2.º — O contrato com a Sapec já negociado anteriormente a este exercício, integrou-se dentro das medidas económicas preconizadas pelo Grupo dos novos accionistas da SEN.

3.º — O novo equipamento de moenda, instalado em colaboração com a CMP entrou em laboração, em Outubro de 1973.

4.º — Iniciámos a comercialização do novo tipo de fertilizantes FO2 e FO3.

5.º — Renovámos o contracto de fornecimento com a Federação Nordeste Transmontano a quem mais uma vez apresentamos os nossos agradecimentos pela boa colaboração dispensada.

6.º — Adquirimos novos camiões para garantir em tempo útil a distribuição para o Norte.

7.º — Dentro da acção social, restabelecemos o funcionamento da Cantina, fornecendo refeições quentes a todos os Colaboradores da Empresa.

ACTIVIDADE INDUSTRIAL

Procurámos basear o objectivo da v/ Empresa no «Estudo de Análise Económico-Financeira», mandado executar à Sociedade de Estudos «Norma», para o utilizar como modelo de base na orientação deste exercício e dos próximos anos.

A produção de Fertor no período de 1968/1973 (seis exercícios) passou de 7 975 em 1968 a 18 414 em 1973. Quanto ao FO2 produzimos pela primeira vez este ano 10 000 toneladas.

É nossa intenção atingir em 1974 o montante de 24 000 de Fertor e 20 000 de FO2 e FO3.

A produtividade, em termos de relação produção/Homem varia de 267 toneladas em 1968 para 355 toneladas em 1972 e 403 toneladas em 1973.

Tomámos como meta, atingir no fim do período em estudo, 1974/1979 (seis exercícios) a produção de 150 000/ano ou 1 500 ton/homem.

ACTIVIDADE COMERCIAL

Temos cumprido o n/ contrato com a Sapec, Sociedade cuja capacidade empresarial é do domínio geral, a qual por seu lado, assegura a regular distribuição do Fertor.

É nossa intenção receber os lixos dos Municípios da Federação do Porto e, através duma economia de escala, diversificar a nossa acção do seguinte modo:

a) — Incrementar a venda de Fertor assegurando a todo o tempo o produto à nossa distribuidora Sapec.

b) — Colaborar, em termos Nacionais, com o Plano de reconversão agrícola no espírito do IV Plano de Fomento facilitando à Lavoura a aquisição do fertilizante tipo FO2.

É nossa intenção, apoiar, estreitamente, neste campo a Junta de Colonização Interna.

POLITICA SALÁRIOS

O trabalho duro e difícil dos nossos assalariados, impõe uma justa retribuição. Isso reflecte-se na redução do nosso lucro unitário.

Por outro lado a reabertura da Cantina traz-nos um novo e pesado encargo.

Estamos em crer que a melhoria das condições sociais é um

caminho que nós temos de seguir confiadamente pois a valorização de todos os homens é indispensável ao desenvolvimento das Empresas.

GESTÃO FINANCEIRA

Chamamos a v/ atenção para os Resultados do Exercício de Esc. 22 463 868\$78 em que cabem 1 359 082\$ à Exploração de 1973, e 21 017 000\$00 aos resultados de acordo com o determinado na Assembleia Geral de Março de 1973.

Podemos informar os Senhores Accionistas que no plano de consolidação da SEN então proposto que foi objecto do Estudo de Análise da Viabilidade Económico-Financeira da v/ Empresa, se previa um lucro de 1 380 000\$00 para este exercício. Atingimos pois o objectivo para este ano.

RESULTADOS

Ao apresentarmos, o Balanço e Contas de Lucros e Perdas pedimos a V. Exas., para ponderarem no seguinte:

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONIVEL		
Caixa	8 447\$80	
Depósitos à Ordem	34 178\$35	42 626\$15

REALIZAVEL		
Clientes	8 578 964\$35	
Devedores e Credores Diversos	12 507\$70	
Accionistas	48 750\$00	
Avanços a Fornecedores	1 257 897\$60	
Mercadorias	4 556 184\$30	14 454 303\$95

IMOBILIZADO		
Incorpóreo		
Participações Financeiras	1 043 081\$35	
Gastos Pluriennais	132 960\$00	
— Amortização do Exercício	44 320\$00	88 640\$00
Custos, Antecipados	2 382\$70	1 134 104\$05
Corpóreo		
Terrenos	6 464 192\$91	
Edifícios	12 340 430\$00	
Maquinaria	34 287 118\$45	
Viaturas	2 330 634\$50	
Outras Imobilizações	948 559\$30	56 370 935\$16
— Amort. Exerc. Anteriores	14 436 711\$30	
— Amortização do Exercício	1 831 565\$00	16 268 276\$30
		40 102 658\$86
		55 733 693\$01

CONTAS DE ORDEM		
Devedores por Cauções Prestadas	1 455 000\$00	
Letras Descontadas	7 432 353\$90	8 887 353\$90
		64 621 046\$91

O Técnico de Contas
Custódio Augusto da Silva Duarte

PASSIVO

EXIGIVEL A CURTO PRAZO		
Encargos a Pagar	140 326\$50	
Fornecedores	17 670 927\$76	
Avanços de Clientes	8 882 648\$50	26 693 902\$76

EXIGIVEL A MÉDIO E LONGO PRAZO		
Credores de Financiamento		16 734 947\$26

SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Capital	10 000 000\$00	
Reserva Legal	423 727\$55	
Reservas Especiais	434 709\$13	10 858 436\$68
Resultados de Exc. Anteriores	21 017 462\$47	
Resultados do Exercício	22 463 868\$78	1 446 406\$31
		55 733 693\$01

CONTAS DE ORDEM		
Cauções Prestadas	1 455 000\$00	
Responsabilidade por Letras Descontadas	7 432 353\$90	8 887 353\$90
		64 621 046\$91

O Conselho de Administração
Eng. António Guilherme Paulo Vallada — Presidente
Eng. Alfredo Filipe Barbosa
Eng. António Artur Ferreira Magalhães

a) — As provisões fizeram-se com o cuidado devido.
b) — As amortizações seguiram o critério das taxas máximas.
Para os lucros do exercício propomos:
Reserva Legal 5 % 72.320\$30
Dividendos 500 000\$00
Reserva Livre 874.086\$01

Do Conselho Fiscal, que nos deu todo o seu apoio, os nossos agradecimentos.

Para o pessoal, que com a sua dedicação, tanto contribuiu para o progresso da Empresa os nossos agradecimentos.

E a todos os Accionistas, Colaboradores, Clientes e Fornecedores, vencida que está a primeira fase de consolidação da SEN, obra afinal de todos, com uma capacidade de realização, quando dinamizados pelo anseio generoso do bem comum inigualável, as nossas felicitações.

A SEN foi um exemplo deste tipo de acção.

Que ele frutifique, que outros o sigam e que todos animados por um optimismo criador e ponderado, tenhamos a certeza que muitas coisas mais, seriam possíveis se acreditássemos um pouco menos no impossível.

O Conselho de Administração
Eng.º António Guilherme Paulo Vallada — Presidente
Eng.º Alfredo Filipe Barbosa
Eng.º António Artur Ferreira Magalhães

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

CONTA DE EXPLORAÇÃO		
Existência Inicial	3 775 402\$00	Existência Final 4 556 184\$30
Compras	5 026 249\$70	Vendas 14 109 726\$40
Gastos Gerais	6 333 224\$80	Lucros «Diversos» 222 818\$10
Encargos Financeiros	518 884\$84	
Amortizações	1 875 885\$00	
	17 529 646\$34	
Resultado da Exploração	1 359 082\$46	
	18 888 728\$80	18 888 728\$80

CONTA DE RESULTADOS		
Saldo de Exercícios Anteriores	21 017 462\$47	Resultado da Exploração 1 359 082\$46
Redução de Créditos s/ Devedores do Armazém	329 024\$65	Redução de Créditos de Credores 34 472 230\$30
Redução de Créditos s/ Devedores e Credores	13 038 419\$33	
	34 384 906\$45	
Saldo	1 446 406\$31	
	35 831 312\$76	35 831 312\$76

O Técnico de Contas
Custódio Augusto da Silva Duarte
O Conselho de Administração
Eng. António Guilherme Paulo Vallada — Presidente
Eng. Alfredo Filipe Barbosa
Eng. António Artur Ferreira Magalhães

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Durante o exercício encerrado em 31 de Dezembro de 1973, o Conselho Fiscal procedeu às verificações e fiscalizações impostas pela legislação em vigor, tendo sempre encontrado todos os elementos apreciados em perfeita e devida ordem, por forma a demonstrarem exacta e correctamente o movimento contabilístico da empresa.

Nos termos da lei e dos estatutos, o Conselho apreciou pormenorizadamente o Relatório, o Balanço e as Contas apresentadas pelo Conselho de Administração referentes ao exercício de 1973.

Em face de todos os elementos que teve oportunidade de considerar, constatou a boa regularidade das Contas em análise.

Relativamente ao Relatório do Conselho de Administração, o Conselho Fiscal considera que esta empresa se encontra numa fase de desenvolvimento, sendo certo que manifestou a sua plena concordância com as bases e os fundamentos do programa formulado pelo Conselho de Administração.

ORA DIGA-NOS

QUE TAL A VIDA AÍ NO RIO?

No Cais da Ribeira, em frente do edifício onde se realiza diariamente a lota, há uma faina ligada estreitamente ao mar. Há homens descarregando traineiras, pescadores cosendo redes, peixeiras sentadas com os tabuleiros de verga aos pés.

As águas turvas do rio (esse rio que traça a fisionomia da cidade) assistem à labuta de gente em briga para se manterem vivos. Ao meio da manhã

Mando as nassas para o rio e os caranquejos agarram-se à isca... disse aquele homem nascido em Beja, na rua da Branca, cinco anos antes da implantação da República e que anda na pesca há quase meio século.

Andei no mar alto em galeões e na picada... depois como tinha uma idade avançada comecei a fazer a vida no rio.

José de Campos mete-se no barco a remos e vai pelo rio

meu barco não possui motor e custa-me remar.

João Pedro Cunha foi da Murtosa, onde nasceu há 59 anos, para a pesca, em Matosinhos. Mais tarde seguiu o trajecto que conduz a Lisboa. Porém, a sua vida perspectivada para uma melhoria económica não se alterou. Trabalho, fadiga e o dinheiro à justa para comer.

Presentemente dedica-se a apanhar caranquejos. Mas nem sequer trabalha por conta própria. Contratado por um patrão parte todas as madrugadas (pelas quatro horas) com um barco e uma candeia para o percurso do rio.

O meu ordenado é incerto e mal dá para a bucha... Se pescar cinquenta escudos tenho de entregar metade ao patrão.

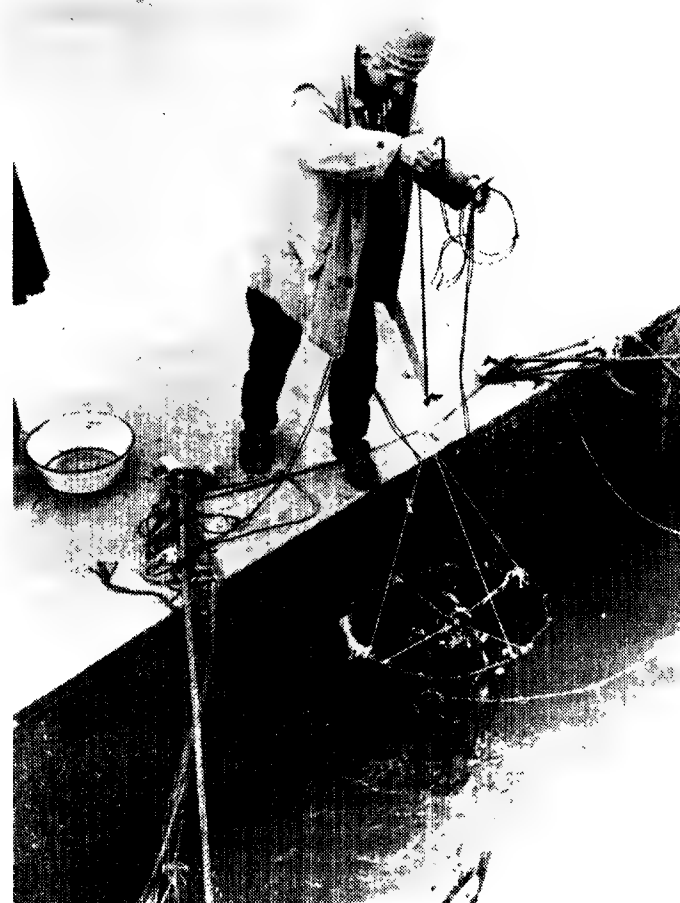
Este homem vive praticamente no rio. Solteiro, sem

família, dorme dentro da canoa embrulhado numa manta. As suas refeições resumem-se a duas sopas diárias, uns copos de carrascão e pouco mais.

Nunca abarcou mundo para além do rio, do cais e da taberna.

Henrique Ângelo, 49 anos de idade, natural do Algarve, usufrui uma situação mais privilegiada. É dono de um barco com quatro metros e trinta de comprimento que baptizou com o seu nome. Herdou do pai a condição de pescador. Trabalha sozinho porque **não se consegue arranjar pessoal e a vida está má...** Do rio extrai robalos, tainhas, linguados e no Verão aventura-se até Cabo Raso.

Ganha-se pouco. Esta vida do mar é bastante ingrata. E ainda não sei se tenho direito a reforma...



José de Campos Fragoso



João Cunha

já o peixe tinha sido atirado ao consumo. Apenas uns vestígios restavam nos cestos das vendedeiras. No entanto, caranquejos e camarão preto (marisco de pobre) havia por ali á farta.

José de Campos Fragoso vive no Tejo. Quatro camarões, uma velha canoa de pintura desbotada ostentando o nome «Todos te Invejam» e as mãos calosas são as ferramentas por ele utilizadas.

fora em direcção à foz. Passa Belém, Alagés... e às vezes chega até à Cruz Quebrada ou Caxias. Faz a colheita de caranquejos e regressa ao ponto de partida: o Cais do Sodré onde vende os produtos arrancados ao rio.

A melhor venda é aos sábados e domingos. Quanto ganho por dia? Isso depende muito... talvez quarenta, cinquenta, cem escudos... ontem, por exemplo não fiz nada. O



beba White Horse em qualquer sítio



White Horse Scotch Whisky

Agentes: Costa Pina & Vilaverde, Lda. - Porto - J. A. da Costa Pina, Lda. - Lisboa

FERTOR

Continuação da pág. 20

tendo louvado a orientação que este imprimiu no sentido de cumprir com regularidade os objectivos previamente propostos e anunciados.

Os critérios valorimétricos adoptados pela sociedade foram semelhantes aos do ano anterior.

Nesta conformidade, é este Conselho de parecer de que:

- 1.º — Aproveis o Relatório, o Balanço e as Contas apresentados pelo Conselho de Administração respeitantes ao exercício de 1973;
- 2.º — Aproveis a proposta formulada pelo Conselho de Administração para a aplicação dos lucros do exercício de 1973;
- 3.º — Aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma criteriosa como tem defendido os interesses desta empresa e bem assim pelo esforço dispendido com vista ao desenvolvimento da mesma;
- 4.º — Vos associais ao agradecimento dirigido pelo Conselho de Administração a todos os funcionários e trabalhadores desta empresa.

Porto, 8 de Fevereiro de 1974

O Conselho Fiscal

Comm. Claudio Franchi

Dr. Luis Teles de Abreu

Dr. Tasilino Alves Paisoto

COMPANHIA PRESTAMISTA PORTUGUESA, S. A. R. L.

CAPITAL 6 000 000 \$00 ESCUDOS

RELATÓRIO E CONTAS DA ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

50.º EXERCÍCIO—ANO DE 1973

Rua dos Correios, 92-1.º — LISBOA-2 — Telefones: Expediente 32 74 04 — Administração 36 77 59

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas.

Vimos apresentar a V. Exas. o balanço e contas e relatar-vos, sucintamente, os factos mais relevantes ocorridos durante o ano de 1973 (50.º exercício).

Aniversário — No quinquagésimo aniversário da nossa Companhia, ocorrido em Outubro, realizou-se uma reunião dos corpos gerentes, a que se dignou presidir o presidente da Mesa da Assembleia Geral, Ex.º Sr. Ambrósio André Boturão, tendo sido evocado e homenageado o fundador da Companhia, Ex.º Sr. Joaquim do Couto e bem assim todos os colaboradores falecidos neste meio século.

Outros actos que haviam sido previstos foram cancelados por motivo de economia.

Empréstimos — Empréstaram-se durante o exercício mais de 24,5 milhares de contos, fixando-se a sua existência, no fim do ano, em pouco mais de 15 milhares de contos. Mais uma vez, acentuamos, não ter sido devido ao aumento do número de contratos a subida verificada, mas sim ao agravamento espectacular do preço do ouro que, naturalmente, os empréstimos acompanham.

Fazendas gerais — Nesta conta, as aquisições foram inferiores às do ano anterior, sendo as vendas praticamente idênticas, o que se traduziu numa baixa importante na mercadoria existente, especialmente no sector de ourivesaria, cujo sortido, especialmente de objectos pesados, não tem sido completado dada a sua pouca procura actualmente.

Situação financeira — Mais uma vez recorremos aos nossos accionistas que nos facultaram os capitais necessários à explosão quantitativa dos empréstimos. No final do ano restituiram-se abonos no montante de 500 contos e, mesmo assim, o saldo desta conta apresenta uma subida de cerca de 900 contos.

Capital — Ainda não foi obtida a autorização solicitada em 19 de Dezembro de 1972 à Direcção Geral da Fazenda Pública para o seu aumento. Também não mereceu qualquer resposta uma insistência que fizemos em 15 de Maio de 1973.

Resultados — As receitas apresentam uma melhoria bastante sensível, como era de esperar, em face do aumento dos negócios. No entanto, esta melhoria foi totalmente absorvida pelos maiores encargos com o pessoal emergentes do novo contrato de trabalho entrado em vigor em Junho. Se, quanto às categorias superiores, já praticávamos ordenados mais elevados que os mínimos agora estabelecidos, achamos verdadeiramente exagerados os fixados para as categorias inferiores a 3.º caixeiros. Correlativamente, sofreram aumentos substanciais os subsídios de férias e Natal, Previdência, Desemprego e seguro dos empregados contra acidentes de trabalho.

Corpos gerentes — Com este exercício, terminou o mandato dos corpos gerentes. Nos termos dos Estatutos, teréis que proceder a eleições para todos os cargos que servirão no triénio 1974/1976.

Distribuição — Em face do saldo disponível que corresponde à totalidade de 1 577 514\$40 temos a honra de propor a seguinte distribuição:

Balanço geral em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO			
DISPONIVEL E REALIZAVEL			
Caixa	276 986\$40		
Depósitos à Ordem	502 318\$70		
Penhores	15 095 625\$00		
Fazendas Gerais	1 762 103\$00		
Devedores e Credores	16 303\$00	17 653 336\$10	
IMOBILIZADO			
Edifícios	2 241 610\$00		
Valor amortizado	441 610\$00	1 800 000\$00	
Instalações	971 698\$80		
Valor amortizado	741 686\$60	230 012\$20	
Gastos plurienais	17 708\$00		
Valor amortizado	11 794\$00	5 914\$00	2 035 926\$20
CONTAS DE ORDEM			
Valores em caução	180 000\$00		
Valores em depósito	2 315 600\$00	2 495 600\$00	
			22 184 862\$30

O Técnico de Contas,

a) André Garcia de Carvalho

Para reserva variável	200 000\$00
Para reserva para prejuízos eventuais	100 000\$00
Para dividendo	990 000\$00
Para cumprimento do n.º 3.º do art.º 32.º dos Estatutos	148 000\$00
Para cumprimento do n.º 4.º do mesmo art.º	44 400\$00
Para conta nova	95 114\$40
	1 577 514\$40

Por fim, expressamos ao Ex.º Conselho Fiscal os nossos lou-

Ganhos e perdas do exercício de 1973

DÉBITO		CRÉDITO	
Custos de mercadorias em «Fazendas gerais»	2 764 993\$50	Saldo do ano de 1972	1 558 227\$30
Encargos fiscais e parafiscais	796 705\$50	Aplicação aprovada na assembleia	
Encargos com os órgãos sociais	234 000\$00	geral de 15/3/1973	1 461 240\$00 96 987\$30
Remunerações e outros encargos com o pessoal	1 711 347\$50	Proveitos de mercadorias em «Fazendas gerais» ...	3 511 217\$40
Outros encargos e despesas	1 397 495\$60	Rendas de casa	130.120\$00
Amortização de instalações	92 204\$40	Juros e taxas de avaliação	3 632 680\$20
Amortização de gastos plurienais	5 897\$00	Outras receitas e lucros	1 208 258\$00
Saldo disponível	1 577 514\$40	Excedente de provisão	895\$00
			8 580 157\$90

O Técnico de Contas,

a) André Garcia de Carvalho

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Excelentíssimos Senhores,

Dando cumprimento às disposições legais e estatutárias, vimos emitir o nosso parecer sobre o relatório, balanço e contas do exercício de 1973.

No desempenho das nossas funções, acompanhámos de perto, durante o exercício findo, a actuação da administração, podendo

garantir que a ela presidiu sempre a maior competência e inextinguível zelo, com reflexo nos resultados alcançados.

No decurso do ano de 1973 e com a periodicidade necessária, examinámos os livros, registos contabilísticos e documentos, que encontrámos em perfeita ordem. A administração facultou nos, prontamente, os esclarecimentos e provas solicitados.

Quanto aos critérios valorimétricos adoptados foram semelhantes aos dos anos transactos, que conduzem a uma correcta avaliação do património social e dos resultados obtidos.

Em face do que precede, aprez-nos afirmar que tanto o balanço como a conta de «Ganhos e Perdas» e o relatório da administração satisfazem por completo as disposições legais e estatutárias.

A administração agradecemos as amáveis palavras que quis endereçar-nos e as atenções que se dignou dispensar-nos.

Assim, concluindo, temos a honra de propor:

- 1.º — Que aproveis o relatório, balanço e contas do exercício de 1973;
- 2.º — Que ao saldo da conta «Ganhos e Perdas» seja dada a aplicação proposta pela administração;
- 3.º — Que aproveis um voto de louvor à administração pelo inextinguível zelo e superior orientação que imprimiu aos negócios sociais;
- 4.º — Que manifesteis o vosso reconhecimento a todo o pessoal pela sua valiosa cooperação;
- 5.º — Que procedais a eleições para todos os cargos, nos termos da Lei e dos Estatutos.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1974

O Conselho Fiscal

Os Administradores,

aa) Albino da Costa Couto — Presidente
Abel Soares Pinheiro
António Martins Amado

aa) Mário André Boturão — presidente
Fernando Marques Peres
Custódio da Silva

NACIONAIS DE FUTEBOL

Enquanto o Benfica ressurgue o Porto diz adeus ao título

Desde 1970 que o Benfica não perde em Alvalade: todos quantos acreditavam numa vitória fácil dos «leões», neste seu confronto com o Benfica, deviam ter pensado nesta particularidade histórica. E que, a tradição pesa muito, sempre que os dois grandes rivais marcam encontro em qualquer recinto.

Ontem, uma vez mais, isso aconteceu: partindo ao minuto zero como grande favorito, o Sporting teve de baixar a cabeça ao valor e à garra das «águias», para quem uma derrota significava o «arrumar das botas» e um triunfo poderia alimentar (ainda) o lindo sonho de um campeonato que pode ser revalidado.

Foi num ambiente impar em espectáculos desportivos que os dois grandes clubes se encontraram: com presenças de vulto, misturadas com a multidão anónima que esquece os ídolos e sonha, apenas com os golos da sua cor. Desse espectáculo, se falará noutro local: mas o campeonato não vive só de Sporting e de Benfica.

Vive (viveu) também de um

o Vitória de Setúbal, vencendo bem o Desportivo da Cuf (2-0), conseguiu ultrapassá-la na escala de valores pontuais. Com a maior justiça, acrescente-se.

Deve ter sido realmente assim: espreitando uma oportunidade, José Augusto determinou aos seus «alunos» a resolução rápida do «problema» chamado Desportivo da Cuf. Um golo logo no início, e eis a equipa à espreita do que poderia acontecer em Alvalade e em Olhão. E, podemos dizer que todos jogaram para si: porque não só o Vitória ultrapassou o Porto, como se aproximou do Sporting. Aliás, convém não esquecer que a turma sadina ainda tem que receber no Bonfim, o Benfica: e o Sporting pode muito bem escoregar em Aveiro como em Coimbra...

No Barreiro, assistiu-se a uma luta tremenda: o Montijo à procura de pontos e o Barreirense a procurar consolidar a sua posição tranquila. Foram os montijenses os primeiros a marcar, tendo os homens do Barreiro respondido com o tento da igualdade já muito perto do fi-

o tento da vitória quando todos já julgavam o nulo como o resultado mais que provável.

Sem problemas de maior, a segunda parte do Belenenses-Beira Mar: nos primeiros 45 minutos, ainda a turma de Aveiro conseguiu equilibrar o marcador, respondendo com um golo ao lance que os «azuis» haviam inaugurado o marcador. Depois, no período complementar, veio ao de cima a maior capacidade dos homens do Restelo, terminando o encontro com a sua vitória por 4-1.

A Académica, que recebeu no «Municipal» de Coimbra o Vitória de Guimarães, chegou aos 2-0, mas permitiu, ainda a 1-1, a primeira meta de o tento dos vimaranenses. No segundo tempo, jogou-se muito, mas não se marcaram tentos. Com esta vitória, os estudantes devem ter saído da «zona perigosa».

Finalmente, a grande surpresa da jornada: a vitória alcançada pelo Oriental no campo do Leixões. As turmas estavam aflitas de pontos. Esperava-se que os matosinhenses conseguissem tirar vantagem do facto de jogarem no seu ambiente. Mas, nada disso aconteceu: foram os homens de Marvila que conseguiram marcar mais golos, acabando por justificar o triunfo por 3-1.

Por causa destes resultados, «renasce» o campeonato em todas as frentes: na verdadeira (onde o Sporting tem de contar, ainda, com a oposição do Benfica que «joga» nos obstáculos de Aveiro e Coimbra) e na outra, na frente de despromoção, onde apenas o Beira Mar e o Leixões terão perdido muitas das esperanças e se salvarão definitivamente. Tudo isto é campeonato...

II DIVISÃO

Na segunda divisão (Zona Norte) a nota mais saliente foi o empate que o Salgueiros impôs ao guia, o Sanjoanense (1-1). Deste modo, a turma de S. João da Madeira permitiu que o Fafe a igualasse no comando, o que veio emprestar à prova um entusiasmo fora do vulgar. Nos restantes jogos, deve sublinhar-se a vitória do Tirsense sobre a Oliveirense (2-1) e a do União de Coimbra, em Fátima (1-0). Também o Aves conseguiu triunfar em Gouveia, o que iguala as duas formações no fundo da tabela.

De resto, êxitos caseiros do Penafiel sobre o Braga (1-0), do Fafe sobre o Feirense (2-0), do Chaves sobre o Vilanovense (5-1), do União de Lamas sobre o Lourosa (2-0), do Varzim sobre o Riopele (2-1) e do Espinho sobre o Gil Vicente (4-0).

Na Zona Sul, o Atlético é primeiro absoluto, com dois pontos de vantagem sobre o segundo, que é o União de Tomar. Para além da vitória alcantarense (3-0), registem-se as vitórias «fora» do Peniche em Montemor (1-0), do Sesimbra em Évora (2-1) e do Cova da Piedade em Torres Novas (2-1).

Três empates na jornada de ontem: Sacavenense e Alhandra (0-0), Tramagal e Odivelas (3-3) e Caldas e União de Tomar (2-2). De resto, vitórias nos seus recintos do Almada sobre o Marítimo (5-0), do Torriense

sobre o Portimonense (2-1) e do Marinhense sobre o Sintrense (4-0).

III DIVISÃO

Zona A Paços Brandão-Vila Pouca, 3-1; Vieira-S. Pedro da Cova, 3-0; Lamego-Monção, 0-0; Leça-Vizela, 2-1; Bragança-Régua, 0-0; Avintes-Paço Ferreira, 0-1; Rio Ave-«Os Limianos», 1-0; Vianense-Espinho, 0-5; Vila Real-Valpaços, 0-1.

Zona B Mortágua-Cucujães, 1-4; Ac. Viseu-Valecambrense, 2-0; V. Formoso-Covilhã e Benf., 1-0; Maralvas-O. Bairro, 1-0; Naval-Ovarense, 0-0; Tabuense-Feixes, 1-3; Guarda-Mangualde, 0-0; P. Castelo-Ala Arriba, 5-1; Anadia-Alva, 0-1; Sp. Covilhã-Lousanense, 7-0.

Marcello Caetano, em Alvalade, acompanhado de João Rocha presidente do Sporting

Zona C Cartaxo-Portalegre, 1-1; Bombarralense-Povoense, 5-1; «O Elvas»-Marrazes, 2-0; Portalegre-Alco-baça, 0-0; C. Branco-S. 1. Olivais, 1-2; Pombal-Alverca, 4-1; Amiense-Almeirim, 0-4; «Os Nazarenos»-Calipolse, 2-0; Santarém-Campomiorse, 2-0; Vilanfranque-Alferrade, 3-0.

Zona D V. da Gama-V.

Novas, 1-0; Sambrazense-Silves, 3-1; Esperança-Paio Pires, 0-0; Estoril-Aljuralense, 3-0; Casa Pia-Moura, 1-1; Alcochetense-Lusitano V. R., 3-1; Costa da Caparica-Amora, 2-2; Beja-Luso, 3-0.

Guias; Régua (Zona A), Alba e Covilhã (B), Portalegre e Almeirim (C) e Juventude (D).



O F.C. do Porto não aproveitou as vantagens que lhe poderiam advir da derrota do Sporting: ao perder em Olhão (1-2), deitou por terra as derradeiras esperanças de conquistar o título e deixou-se ultrapassar pelo Benfica e pelo Vitória de Setúbal. Na gravura, Tibi defende a laca, protegido por Rolando e Cubillas

F.C. do Porto que deixou ontem em Olhão as suas últimas esperanças quanto à possível conquista do título. Na verdade, poucos iriam acreditar que os pupilos de Bela Guttmann fossem aos Algarves deixar todas as esperanças de uma vitória final que, a determinada altura, começou a esboçar-se como muito possível. Ontem, em Olhão, tudo se desmoronou: uma derrota por 1-2 (tendo o seu golo sido marcado por defesa local...) deixa a turma completamente afastada da corrida para o ceptro e deixa-a também descair um pouco na tabela, uma vez que

nal. No marcador, o empate a um golo premeia a força de vontade dos visitantes.

Foi também muito perto do fim que o Boavista conseguiu «furar» a extrema defesa do Farense e somar mais dois pontos para a tabela da verdade. Desta circunstância, nasce logo a ideia de um desafio bastante difícil para os donos da casa. Compreende-se porquê: as duas turmas estão tranquilas na tabela pontual, não palpitando a ânsia de marcar golos. Jogando assim, despreocupados, os dois grupos foram «queimando» tempo, tendo o grupo da casa conseguido



O Farense defendeu-se bem (na gravura é Benje que arrebatou o esférico ante a ameaça de Zéinho) mas não evitou a derrota tangencial no Bessa. Por sinal, o golo do Boavista foi marcado por Zéinho ontem de cabeça rapada



Estádio vazio, jogo sem interesse para os da casa, e vitória claríssima do Belenenses sobre o Beira-Mar. Ramalho, na gravura, conduzindo a bola, marcou dois golos e foi figura central do jogo

DL / DESPORTOS

SPORTING, 3-BENFICA, 5

"LEÕES" NA JAULA

Por NEVES DE SOUSA

Facto consumado e festa adiada: a maior derrota sofrida no seu terreno, perante o rival mais directo, o Sporting junta a tristeza de emburhar gaitinhas e cachecóis, gorros e buzinhas, no felo mais diferente do verde que era esperança. Após o tremendo «falhanço» (técnico-táctico) ocorrido aos olhos de 60 mil, estará apenas continuar a trabalhar, porque a luta pelo cetro não morre à 26.ª jornada do Campeonato (já lá vão esses empos) mas só baqueia ao 30.º. Já dessa bela e empolgante epopeia que transtorna de tal modo os homens que, transfigurados ou fora de si, chegam a rubricar gestos e atitudes pouco sensatas. Foi o caso, por exemplo, do tal pedido de análise «anti-doping», só solicitado numa hora extrema e nunca durante o desenrolar do torneio. Perante isto, como entender a ótica?

DÚVIDA

Realmente (e pese a quem pesar) foi o próprio Sporting quem entregou as chaves da vitória ao visitante: fustigando os benfiquistas na flor da pele, afrontando-os com a hipótese mais triste que pode envolver um resultado desportivo (não fomos em suborno) estaria sempre sujeito àquele tremendo «smagador «baile» que torna estática e muda a bancada até minutos antes ruidosa e apêixorada. É isso: com armas e bagagens oferecidas aos contrários, com erros de direcção que saltavam aos olhos de um leigo, o Sporting poderá ter comprometido seriamente todo o esforço da equipa de João Rocha na conquista do galardão mais sonhado cá por casa. E, nem sequer virá a ser atenuante a mais que certa conquista da «Bota de ouro» por Yazalde: ao sportinguista, ao «leão» da forneta e da buzina, ao «verde-branco» que paga as suas quotas e guarda no bolso o dinheiro para as acções da Sociedade de Construções e Planeamento, a única coisa que verdadeiramente interessa é a conquista do título nacional de futebol. Está a leste dos andebóis e dos basquetos, do ciclismo fora o Agostinho e do atletismo mesmo com o Aldegalega: campeonato e êxito directo sobre o Benfica é tudo quanto pretende, pois mesmo uma vitória na «Taça das Taças» não é tão sonhada como

o derrube do «gigante» que mora ao lado, na Luz.

Ontem, sem margem para qualquer dúvida, este Sporting de Mário Lino contemplou o pavilhão contrário, restituindo-lhe a alegria do golo, a confiança que conduz à glória terrena. Será que este «leão» espeznhado, sem dó nem piedade, por um Benfica a 50 por cento (sem Fúsbio nem Artur Jorge nem Jaime Graça nem Messias) irá renascer como a Fénix?

É coisa para se saber daqui a dias. Até lá, porém, todas as hipóteses são válidas: até aquela que retira ao jovem Mário Lino boa parte do crédito de absoluta confiança que lhe fora quase unanimemente outorgado por toda a Imprensa e pela totalidade de dirigentes e associados de Alvalade.

CALMA

A história do jogo está feita: 5-3 para o Benfica no relvado verde, a deixar pasmado de espanto o exército da casa, ficará como marca inesquecível. Porém, os erros ou as virtudes que conduziram até esse desiderato, merecem uma pequena análise, embora haja que aconselhar serenidade aos sportinguistas mais drásticos e um pouco de calma na euforia rubra que pode entusiasmar em demasia os «heróis» da festa. Quer dizer: nem desdenhar, de um instante para o outro, o belo trabalho até ontem feito por Mário Lino na recuperação do futebol sportinguista, nem confiar por aí além neste Benfica extraordinário, que saltou as malhas do que lhe é habitual na época de Cabrita, para se assemelhar à «água» que fazia temer os mais cotados baluartes estrangeiros e era pouco menos que imbatível cá pela nossa terra.

PERGUNTA

O Sporting entrou no terreno mal representado. Isto é: sem a exibição dos talentos que pode utilizar ou, então, a fazer um «bluff» de sinal adverso. Por outras palavras: ou Fraguito está em condições de jogar (em Zurique vimos que não ...) e pode ter lugar entre os 16 da lista para o Benfica, ou melhor faria

se tivesse ficado na plateia, já que é inadmissível que, de motu próprio, se deixe fora das quatro linhas o melhor médio de entrega existente no futebol português. Isso foi, não há dúvida, a fantasia de Lino: ter Fra-

no banco como espectador e não mandar ao banho, aí aos 15 ou 20 minutos, um Vagner que não podia com uma gata pelo rabo. Imperdoável erro para qualquer técnico. Veja-se, mesmo, a comparação: embora faça «toda a falta» ao Benfica, o famoso Fúsbio foi afastado do «team» por carência de condição física. Cabrita preferiu embarcar para Alvalade com homens sadios e pujantes.

Nesta comparação, seja o leitor o juiz.

CASOS

Depois de Manaca ter evitado o primeiro «frango» de Damas, surgiu a cabeça de Yazalde a fazer o tento de abertura. Mas, adivinhava-se que o Benfica não seria presa infantil: após Nelson ter, também, tirado um golo da beira da sua baliza, chegou o nulo por obra e graça de um Humberto deixado à vontade na zona do disparo imperdoável.

Surge à baila, nesta altura, o modo como Márinho e Vagner eram meras e simples figuras de retórica: não ganhavam o mais pequeno lance. Impeunha-se a troca de extremos, uma vez que Márinho tinha feito de Artur gato-sapato no treino da selecção. Afinal, reduzindo-o a um zero perante Adolfo, o tecedor sportinguista conseguiu quanto pretendia em relação ao «onze» de todos nós: que o astuto José Maria Pedroto lhe pegasse na palavra e, quase ineditamente, retirasse da selecção portuguesa os «verdes», ficando somente com Damas, o fabuloso de Zurique, que não pode ser apeado do pedestal só pelos erros na tarde solarenta de ontem. Uma andorinha não faz a Primavera: hora e meia de deslize não mancha toda uma bonita carreira.

ESPERTEZA

Aconteceu, depois, o golo do desempate: Nené (de cabeça) faz

o tento da apoplexia para Carlos Pereira, efectivamente uma sombra do que exigível a um titular de clube que corre para o trono do Campeonato. Carlos Pereira, em forma mais que precária, terá urgentemente de repousar e adestrar-se: caso contrário, muitos mais engulhos (como o «susto» de Zurique ou o descalabro de ontem) ficarão a toldar a sua marcha, a persistência com que quer vincar um lugar na profissão que escolheu.

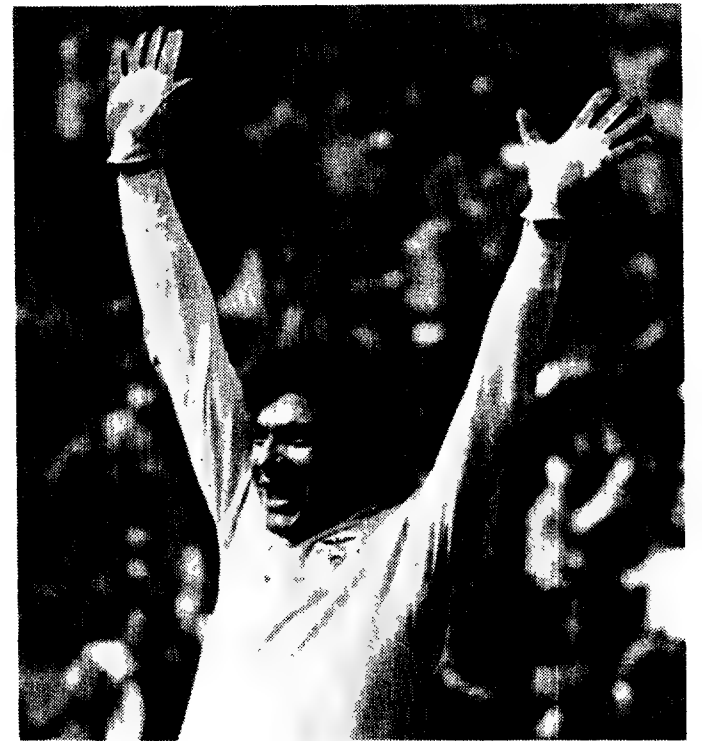
O Benfica, habilmente a retalhar o flanco esquerdo contrário, não tardaria a chegar ao 3-1 (passe de Jordão a Nené e tiro) em corrida ante o estatismo verde. Jordão, aliás, era o mais temível cilindrador dos «leões»: se não tivéssemos o maior aplauso para Adolfo e Vítor Baptista, para Ioni e para Vítor Martins, para Artur e para José Henrique, para o Nené resgatado dos seus pecadilhos de jovem. Se não fora tudo isto, acrescentaríamos que foi Jordão o «culpado» da triste exibição de Bastos e Alinho, do brilho dos colegas e do fracasso de Damas.

Antes do intervalo, veio o «penalti» que tornou Yazalde mais «leader» entre os goleadores: Raúl Nazaré esqueceu-se de atentar que não houvera carga falta no lance entre Márinho e Humberto. Desejou ser amável para a rapaziada da casa. A ajuda, aliás, nada valeria ...

ERROS

Pensou-se (e muito bem) que na pausa chegaria, finalmente, a hora de Mário Lino trocar Chico por Márinho, mandar Vagner para a água quente e rectificar todas as posições defensivas. Não sucedeu assim: novamente foi Cabrita a dar uma lição de audácia, retirando José Henrique e fazendo entrar Bento, jogando o seguro pelo instável, em face da lesão do titular do «team».

Claro que aconteceu o 4-2 (Nené retribuiu a Jordão as gentilezas anteriores) com mais um montão de culpas para Carlos Pereira e para Damas. O próprio Manaca, que chegara a ser o melhor elemento do derradeiro compartimento sportinguista, estava por terra, submerso perante o destino. Erã, portanto, uma tristeza para a vista, aquele emblema que levava milhares de sportinguistas a acar-



Antes de se lesionar e ser substituído por Bento, o guarda-redes José Henrique já é o símbolo da vitória

retarem com farnéis para Alvalade.

O 5-2 (de Vítor Martins) foi a última gota no copo a transbordar. Yazalde recolheu logo a penates, para não agravar mais a sua lesão: a entrada de Chico, pecando por tardia, nada iria remediar. E o grande Benfica, já com o esgotado Nené a ser rendido por Diamantino, era o amo e senhor da festa, pois nem sequer o sorumbático e enfadonho apelo a Dani (para troca com Dinis, também tocado) mudaria a face das coisas. Dani teria de estar a jogar desde o instante em que Vagner deixou de corresponder: lá para Zurique, pelo menos ...

LINO

Resta dizer que o Sporting ainda obteve um tento de «penalti» (claríssimo, desta feita) num chute de Dê, o brasileiro com o peso de uma criança de mama e a força de um garoto de cinco anos. Em queda facial, os «leões» estavam de rastos, pendurados por fios, após a trabalhosa e difícil Ocampanha marceana. Só isto, aliás, só o reconhecimento dos esforços avassaladores que foram obrigatórios de um Sporting sem grandes reservas no «plantel», durante bons 30 dias seguidos, pode amenizar o polegar em baixo que toda aquela gente, com as pequenas excepções de Yazalde

e Manaca, mereceram por todos os que emolduravam Alvalade. E, desse julgamento não foge «aquele» Mário Lino: outro Mário Lino conhecemos e admiramos e é esse que queremos continuar a considerar como técnico inteligente.

CABRITA

K. No Benfica, que mais dev salientar-se? O «todo» deste bloco de Cabrita ou o modo brioso como a equipa reagiu após o (psicológico) com que pretendiam afrontá-la?

José Henrique (um portento de atenção), Artur (magnífico), Humberto (sensacional no ataque, embora «confiscado» por Yazalde em muitas situações), Barros (generoso) e Adolfo (extraordinário) deram uma defesa dura e vigorosa, que só seria bem batida em duas ocasiões. Ioni (estratega), Vítor Martins (belicoso) e Simões (homem da batuta na grande manobra) garantiram o meio-campo. Nené (uma seta), Jordão (um pedaço de ouro) e Vítor Baptista (talvez o melhor futebolista sobre o relvado) ganharam o aplauso mais forte e sincero.

Quanto a Raúl Nazaré, o erro esteve na apitadela inusitadamente indicada para o «penalti» de Yazalde. Não fora isso e estaríamos aqui, de mão estendida, a oferecer-lhe os parabéns totais.



Yazalde, de grande penalidade, marca o seu 41.º golo neste campeonato



De cabeça, Nené marca o seu primeiro golo, segundo do Benfica

DL/DESPORTOS



Manuel Gomes (na primeira fila, de camisola branca) assistiu ao jogo Sporting-Benfica, entre os seccionistas de ciclismo do seu novo clube. A presença de Manuel Gomes no plantel velocipedico do Sporting foi, ontem, confirmada pois o corredor ex-F. C. do Porto assistiu à prova regional lisboeta instalado no carro do treinador dos «leões».

SELECÇÕES DE FUTEBOL

Convocado Jordão e dispensados três sportinguistas

A derrota do Sporting frente ao Benfica e a maneira como foi obtida teve outra consequência: de todos os jogadores «leoninos» incluídos na lista prévia de convocatória só Damas foi confirmado por José Maria Pedroto para defrontar a Inglaterra depois de amanhã na Luz. Dinis, Márinho e Alinho foram dispensados vindo, aliás, ao encontro do pedido do técnico do Sporting nesse sentido.

A partir das 15 horas de hoje, no estádio da Luz, preparam-se Humberto Coelho, Artur, Toni, Jordão e Vitor Baptista, do Benfica, Rebelo, José Mendes, Octávio e Jacinto João, do Vitória de Setúbal, Arnaldo e Vitor Pereira, da Cuf, Damas, do Sporting, Pietra, do Belenenses, Tibi, do F. C. do Porto, Valter, do Barreirense e Romeu, do Vitória de Guimarães.

ANGOLA

Dificuldades na construção e reparação navais

LUANDA (ANI) A falta de mão-de-obra especializada atinge, na construção e repara-

ção naval, em Angola, grande gravidade, a ponto de constituir estrangulamento comum às diversas unidades actualmente em laboração indica um estudo oficial, sobre a situação daquele sector, agora publicado em Luanda.

A indústria de construção e reparação naval angolana importa totalmente a sua principal matéria-prima, o aço e os perfisados. A elevada percentagem de produtos importados média de 75 por cento está associada, segundo o referido estudo, à existência de grandes problemas de abastecimentos, com os estrangulamentos que implica na actividade produtiva: dificuldades de planeamento, sujeição a constantes subidas de preços e necessidade de manutenção de elevadas reservas de matérias-primas.

O estágio decorre no hotel Praia Mar, em Carcavelos e para amanhã está marcada uma sessão de treino no estádio nacional, às 16 horas.

Entretanto, partiu para a Suíça a equipa junior que, sob o comando de Peres Bandeira vai tentar a passagem à fase final do torneio da UEFA, levando o avanço de quatro bolas, como fruto do resultado do jogo

da primeira-mão, em Lisboa: 5-1. Entre efectivos e suplentes deslocam-se Valter, Matos, Eurico, Roque, Isidro, Barrinha, Tavares, Lito, Seidi, Gomes, Formosinho, Fernando Martins, José Manuel, Ferreira, Sousa e Dinis. Foram dispensados Barbosa, Carvalho, Libanio e Amaral.

O jogo efectua-se na quarta-feira, na cidade Kriens.

CLASSIFICAÇÕES

1.ª Divisão

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	26	20	2	4	84-19	42
Benfica	26	18	4	4	50-20	40
V. Setúbal	26	17	5	4	60-18	39
F. C. Porto	26	16	6	4	38-18	38
Belenes	26	13	6	7	46-31	32
V. Guima.	26	9	9	8	30-27	27
CUF	26	8	8	10	30-37	24
Farense	26	7	8	11	29-31	22
Boavista	26	8	5	13	28-38	21
Offenens	26	8	5	13	33-54	21
Academica	26	8	5	13	27-36	21
Barreir.	26	6	8	12	18-33	20
Oriental	26	9	1	16	29-71	19
Montijo	26	6	6	14	31-51	18
Leixões	26	7	3	16	31-52	17
B. Mar	26	5	5	16	28-56	15

Zona Sul

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ATLÉTICO	28	18	7	3	67-24	43
Un. Tomar	28	18	5	5	61-26	41
Poço de	28	14	9	5	34-22	37
Lusitano	28	15	6	7	38-24	36
Portimense	28	14	7	7	43-24	35
Marinhense	28	14	5	9	41-30	33
Un. Leiria	28	12	8	8	39-32	32
Marítimo	28	14	4	10	53-40	32
Torreense	28	13	5	10	32-30	31
Sesimbra	28	11	5	12	28-27	27
C. Paredes	28	9	9	10	22-23	27
Almada	28	8	10	10	35-38	26
União Sport	28	9	8	11	23-30	26
Trofares	28	8	12	22-30	24	
Sintrense	28	6	9	13	27-49	21
Caldas	28	8	5	15	41-51	21
Olivelas	28	4	13	11	33-54	21
Sacavense	28	6	6	16	22-44	18
Alhandra	28	6	5	17	27-45	17
Tramagal	28	2	8	18	24-74	12

2.ª DIVISÃO

Zona Norte

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
FAFE	28	13	11	4	32-12	37
Sanjoanense	28	14	9	5	34-15	37
Sp. Espinho	28	15	6	7	43-24	36
Chaves	28	14	6	8	34-25	34
Penafiel	28	15	4	9	43-26	34
Varzim	28	13	8	7	32-29	34
Sp. Braga	28	12	8	8	33-22	32
Tirsense	28	13	6	9	39-37	32
Un. Coimbra	28	11	10	7	44-32	32
Lourosa	28	11	8	9	31-35	30
Salgueiros	28	10	9	9	39-42	29
Riopala	28	8	12	8	43-36	28
Famalicão	27	8	11	8	25-25	27
Feirense	28	7	10	11	32-41	24
Gil Vicente	28	9	5	14	32-37	23
Vilagense	28	6	11	11	28-37	23
Oliveirense	28	6	9	13	22-34	21
Un. Lamas	27	6	7	14	19-31	19
Gouveia	28	5	3	20	17-48	13
Aves	28	4	5	19	19-55	13

SEMANALMENTE,
A QUARTA-FEIRA,
VOCÊ VAI TER

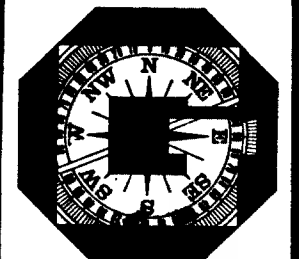
DESPORTO

REVISTA DE TODAS AS MODALIDADES

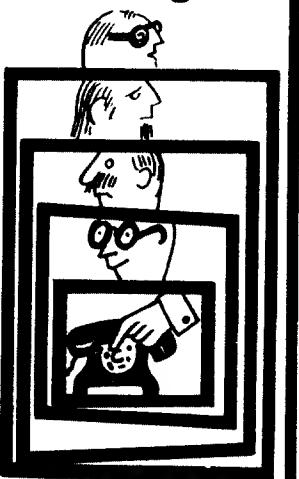
Do Bridge ao Golfe, passando pelas Actividades Submarinas. Educação Física. Desporto Escolar. Medicina Desportiva. Desporto e TV. Humor no Desporto. Desporto na Rádio, Etc., Etc....

A ENTREVISTA. A REPORTAGEM.
A ANÁLISE. A INTERVENÇÃO
CRÍTICA DO MOMENTO

A partir de quarta-feira — 3 de Abril
«DESPORTO» — a sua intervenção



GARANTIA
seguros



368787

ao
seu
dispor

TOTOBOLA A CHAVE

Sporting - Benfica	1
Académ. - Guimarães	1
Oliveirense - Porto	X
Barreirense - Montijo	X
Setúbal - CUF	1
Boavista - Farense	1
Leixões - Oriental	2
Belenenses - B.-Mar	1
Oliveirense-Tirsense	2
Salgueiros-Sanjoan.	X
Penafiel - Braga	1
U. Montem.-Peniche	2
Caldas - U. Tomar	X

compre na BAIXA compre melhor

A MELHOR CASA
DE BRINQUEDOS
KERMESSE
DE
PARIS
R. 1. de Dezembro, 127
Telef. 36031

Glores
PRONTO A VESTIR
CONFEÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel. 24 24 43

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 32 36 37

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, C., SARL

Phoebus
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/321123

CAMISEIROS
CHAFEIROS
PRONTO
A VESTIR

MODAS

Gama



**ALCATIFAS
PAPÉIS PINTADOS
TECIDOS**
TODAS AS MARCAS
E AS MAIS LINDAS COLEÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS

MAFRAS & CANEÇAS, LIMITADA
R. do Prato, 167 - R. dos Corvetes, 106 - T. 346295

Costa & Branco

Artigos de Decoração
Balanças — Ménage

LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa

Abertura das 10 às 13 h.
e das 15 às 20 h.
RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — LISBOA - 2
Telef.: 32 78 26

OLIVAR LÓ
AV. MADRID, 16-B
TEL. 744 01 74388
AUTOMÓVEIS de ALUGUER

Bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

Efect. Compra Venda

Cons 2 3/4 %	430\$	435\$
Cons 3 %	450\$	450\$
Cons 3 1/2 %	600\$	600\$
Centenários	1.350\$	1.360\$
Tes 5 % 57	1.004\$	1.004\$
Tes 5 % 59		
Extern 1 a.s		
Extern 1 a.c	720\$	730\$
Extern 3 a.s	730\$	160\$
Extern 3 a.c		
Caut 3 a.s		

FUNDOS PUBLICOS

A Lx 6 %		840\$
C M L 5 3/4 %	1.000\$	
C P 5 1/2 % 67		800\$
C P 5 1/2 % 68	770\$	780\$
C P 5 1/2 % 69		
Corr 5 3/4 %		900\$
Met 5 3/4 %		900\$
Tur 5 3/4 %	1.000\$	
C P 6 3/4 %	950\$	950\$

ELECTRICAS

G 5 % 58	820\$	
G 5 % 59		820\$
G 5 % 62		
G 5 % 63		
G 5 % 64		
G 5 % 65		
G 6 % 67		
G 6 % 69	925\$	990\$
G 7 %		
H E A A 5 %	680\$	700\$
H E C 5 %		855\$
H E D 5 %		710\$
H E D 6 %		850\$
H E N P 5 %		
H E S E 5 %		700\$
H E S E 6 %		700\$
H E Z 5 % 57		855\$
H E Z 6 %	855\$	855\$
N. Elec 5 %		715\$
N. Elec 6 %		
Termoele 5 %		870\$
U E P 5 % 60		700\$
U E P 5 % 63		700\$
U E P 6 %		800\$
U E P 7 %	960\$	955\$

DIVERSAS

A P T 5 % 56		
A P T 5 % 58		
Lisnave 6 %	835\$	850\$
Nitratos 60		
Pet 2 a e 3 a		900\$
Sacor 7 %	995\$	990\$
Sacor 5 % 54		980\$
Sacor 5 % 60	850\$	860\$
Sid 5 % 2 a	700\$	710\$
Sid 5 % 3 a		700\$
Sid 5 % 4 a		710\$
Socel 5 %		825\$
R. Fabril 67		850\$
R. Fabril 68	850\$	855\$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %		
Rev 5 % 57		
Rev 5 % 59.60		
Moçambique 5 %	620\$	
Sonete 5 %	620\$	820\$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura		
Algarve		
Alentejo		
Angola		
Borges & Irmão		
Crédito Predial		
Espirito Santo		
Fomento		
F. & Burnay		
Intercontinental Português		
N. Ultramarino - m		
N. Ultramarino - c		
Pinto & Sotto Mayor		
Portugal - n		
Portugal - p		
P. Atlântico		
Totta & Açores		
Pinto Magalhães		
Fernandes de Magalhães		



Banco Borges & Irmão
Índice de cotação das acções (Base Dez 55.100)

	25/3/74	29/3/74	1/4/74
CERAL	340,2	330,0	334,9
METROPOL	359,7	356,5	353,0
ULTRAM	197,4	202,3	201,9

De Seguros

Efect. Compra Venda

Alentejo	600\$	600\$	610\$
Bonança	18.000\$	18.000\$	18.500\$
Império		51.000\$	58.000\$
Mundial	5.100\$	5.000\$	5.100\$
Soberana		6.300\$	6.500\$
Tranquilidade	14.000\$		

Eléctricas

C P E - p	1.325\$	1.325\$	1.330\$
C P E - n		1.200\$	1.300\$
E Berras		1.730\$	1.820\$
G Electricidade - c	415\$	415\$	420\$
H E A A	190\$	190\$	195\$
H E N P	280\$	280\$	282\$
H E S E			1.650\$
U E P	210\$	210\$	211\$

Ultramarinas

Ag Cassequel	970\$		980\$
Ag Incomati		1.600\$	1.700\$
Ag S T e P	230\$		230\$
Ag Angola			1.750\$
Ang Agricultura		280\$	
Boror	415\$	410\$	420\$
Boror Com	110\$	110\$	
Buzi	135\$	130\$	135\$
Cabinda			200\$
Com Lobito	400\$	400\$	420\$
D A T 100			
H E Revue		500\$	560\$
I Bo Principe			600\$
Moçambique	590\$	580\$	600\$
Sonete - n			
Sonete - p	470\$	460\$	470\$
Zambezia			100\$

Diversas

Ag Lx - ant		930\$	950\$
Ag Lx 34			
Ag Lx 36			5.900\$
Cel Guadiana			29.500\$
C Leiria - p	96.000\$	94.000\$	96.000\$
C Tep - p			
F Ramada	2.350\$	2.320\$	2.350\$
Fornos Eléctricos	1.000\$	1.000\$	1.020\$
P Celulose	8.700\$	8.600\$	8.800\$
Siderurgia - p	17.000\$	17.000\$	18.000\$
Siderurgia - n	12.100\$	12.000\$	12.100\$
Socel		7.300\$	7.600\$
Cida	4.500\$	4.450\$	4.500\$
C U F			
Intar	800\$	790\$	800\$
Nitratos	1.500\$	1.500\$	1.550\$
Petroquímica	1.700\$	1.650\$	1.750\$
Sacor	6.300\$		6.300\$
Tab Portugal	2.300\$		2.300\$
Tabaqueira	13.500\$	13.500\$	14.000\$
U F Azoto	1.000\$	1.000\$	1.020\$
Empor		500\$	550\$
Ind. Alanca	1.250\$		1.250\$
I. P. Colónias	1.070\$		2.070\$
Nacional Navegação	2.800\$	2.800\$	2.850\$
Navegação (Col)			
P Pesca	920\$	910\$	950\$
Malur	3.300\$		3.300\$
R. Marconi	2.520\$	2.500\$	2.550\$
T A P	2.000\$	2.000\$	2.050\$
Compal	1.060\$	1.050\$	1.100\$
Salvor	3.150\$	3.000\$	3.150\$
Penina	7.500\$		7.600\$
Grão-Pará	4.150\$	4.100\$	4.200\$
Lisnave	13.600\$	13.500\$	13.700\$
Vidago, M. & P. Salgadas	3.050\$	3.000\$	3.050\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	502\$9	518\$
F I D E S	318\$9	328\$5

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	31\$00	34\$00
Alemanha Marco	9\$75	10\$00
América		
Dollars de 1 e 2	24\$10	25\$10
Dollars de 5 a 20	24\$60	25\$60
Dollars de 50 a 1000	24\$80	25\$80
Austria Schilling	1\$32	1\$37
Belgica Franco	\$62	\$65
Brasil Cruzeiro	3\$40	4\$20
Canada		
Dollars de 1 e 2	24\$60	25\$60
Dollars de 5 a 1000	25\$30	26\$30
Dinamarca Coroa	3\$90	4\$20
Espanha Peseta	\$43,5	\$46,5
Francia Franco	\$5,10	\$5,50
Holanda Florim	\$9,10	\$9,35
Inglaterra Libra	59\$00	62\$00
Italia Lira	\$03,9	\$04
Japão Yene	\$07	\$09,5
Marrocos Dirham	\$	\$
Noruega Coroa	4\$35	4\$65
Suécia Coroa	5\$40	5\$75
Suiza Franco	8\$35	8\$70
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	1.450\$00	1.600\$00
Inglaterra 12 libra	1.100\$00	1.250\$00
Ouro fino grama	140\$00	155\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18. Telef. 328045
Rua do Ouro 52. Telef. 30309

televisão

HOJE
1.º Programa (22.05)
«COLUMBO»
Episódio filmado hoje intitulado «Encantadora, mas assassina» realizado por Jeannot Szwarc e interpretado por Peter Falk, Vera Miles, Martin Seen, Sian Barbara Allen e Vincent Price.
2.º Programa (23.00)
Música para oihar
Música de órgão e pintura e gravura de Hogarthi.

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45	Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00	Vivendo o futuro
13.15	«A Família Partridge»
13.45	Telejornal, 1.ª edição
14.00	O homem de amanhã
14.20	Logo à noite
14.25	Fecho

2.º Período

19.00	TV educativa, língua portuguesa
19.25	«O diário das fábulas»
19.30	Telejornal, 2.ª edição
19.45	TV Infantil
20.00	Momento desportivo
20.30	Portugal no Mundo
21.00	Museu aberto
21.30	Telejornal, 3.ª edição
22.05	«Columbo»
22.30	Telejornal, 4.ª edição
23.40	Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30	Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45	O homem de amanhã
21.00	«A Família Partridge»
21.30	Telejornal, 3.ª edição
22.00	Impacto
23.00	Música para oihar
23.30	Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45	Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00	Almanaque
13.15	«O Sobrinho da América»
13.45	Telejornal, 1.ª edição
14.00	O livro à procura do leitor
14.15	Logo à noite
14.20	Fecho.

2.º Período

19.00	TV educativa; Matemática
19.25	«O diário das fábulas»
19.30	Telejornal, 2.ª edição
19.45	TV Infantil
20.30	Ao serviço da Nação
21.00	Silêncio... vamos rir...
21.30	Telejornal, 3.ª edição
22.05	Noite de cinema «Eva»
00.20	Telejornal, 4.ª edição
00.30	Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30	Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45	O livro à procura do leitor
21.00	«O sobrinho da América»
21.30	Telejornal, 3.ª edição
22.00	Recital
22.30	Panorama
23.30	Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
P. DOURADAS	8º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	15º
FARO	15º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua	Máxima	22,6º
Guarda	Mínima	2,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,0º
Atmosfera	13,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.16 3,2 m	4.35 1,3 m
23.47 3,4 m	17.05 1,5 m

Dia 2

12.32 3,4 m	5.54 1,2 m
	18.18 1,3 m

Dia 3

0.56 3,7 m	6.59 1,0 m
13.33 3,6 m	19.18 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado dos quadrantes Oeste; períodos de chuva ou aguaceiros mais frequentes para norte do Tejo

AMANHÃ
NASCER AS 7.22
OCASO AS 20.00

DIA 6	DIA 14	DIA 22	DIA 29
-------	--------	--------	--------

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00	Noticiário
16.05	Canções
16.30	«Convívio»
18.05	Música sem palavras
18.30	«Espectáculo»
19.05	Música portuguesa
20.00	Jornal da noite
20.30	4.º episódio do folhetim «O jornal de Deus»
20.50	Solos de piano
21.00	Momento 74
21.20	Fados de Coimbra
21.30	«Furas do passado» pelo dr. Caldeira Pais
22.00	Grande desfile
22.40	Fados, por Carlos Guedes de Amorim
23.05	De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00	Junção (entrada do MF 1 de Lisboa): sinal horário.

Programa em MF

DL/GERAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 3.º
TELEF. 654531 2.º 3.º
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 11
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. (LISBOA) TELEF. 2461
LISBOA PORTUGAL

CHOQUE EM ANGOLA DE DOIS HELICÓPTEROS -morte de cinco militares

LUSO, 1 (L. e ANI)
O Comandante Chefe das Forças Armadas em Angola, distribuiu o seguinte comunicado:

«Na manhã do passado dia 28 colidiram em voo dois helicópteros da Força Aérea, quando uma formação destas aeronaves manobrava na área do Luso.

Do acidente resultou a morte de dois oficiais e de três cabos mecânicos que constituíam a tripulação dos dois aparelhos».

E a seguinte a identidade dos militares falecidos:

Capitão piloto-aviador Hermínio Silva Baptista, filho de Mário António Rodrigues Silva Baptista e de Virginia Henri-

ques Silva Baptista, Alferes miliciano piloto-aviador Fernando Nascimento Teixeira Moutinho, filho de João Marcelino Junior e de Gracinda Augusta Jesus. Primeiro cabo João Carlos Sá Nogueira Santarém, filho de Carlos Manuel Faya Santarém e de Maria de Lurdes Raposo Botelho Sá Nogueira. Primeiro cabo Jorge Manuel Teixeira Canhoto, filho de Mário Pereira Canhoto e de Maria Rita Conceição Teixeira Canhoto e primeiro cabo Jorge Eduardo Martínez Canhoto Almeida Santos, filho de Mário Almeida Santos e de Maria Ana Bettencourt Martínez Almeida.

O encerramento do I.S.E. e os empregados da Associação de Estudantes

Preocupados com a sua situação, resultante do encerramento do Instituto Superior de Economia, determinado pela Reitoria do mesmo, cerca de cinquenta trabalhadores da Associação de Estudantes do I.S.E. reuniram-se, na passada sexta-feira, no Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira.

Nesta reunião foi decidido enviar todos os esforços para que a sua situação seja esclarecida pelas entidades competentes bem como para que seja garantido o pagamento dos respectivos vencimentos, incluindo os ordenados de Março, ainda por receber.

MAIS LIBERDADE PARA OS ESPANHÓIS — PEDE A IGREJA

MADRID, 11 (R) Destacados elementos da Igreja Católica de Espanha dirigiram ontem uma mensagem «àqueles que chefiam a nossa sociedade» aqui, salientando que os homens da Igreja nada mais pedem do que liberdade para mais palavra de Deus, promover a justiça e defender os direitos humanos.

Numa clara referência ao recente conflito entre a Igreja e

o Estado por causa do bispo de Bilbao, a comissão nacional para o Ano Santo diz no seu documento que a liberdade por ela pretendida não é uma ameaça às autoridades espanholas mas um meio de valorizar ainda mais a dignidade humana.

«O que a Igreja pretende neste Ano Santo é que todos os espanhóis se sintam mais livres», acrescenta.

A comissão, chefiada pelo cardeal Jubany, arcebispo de Barcelona, diz na sua mensagem entregue aos jornalistas que reconhece a dedicação dos governantes espanhóis ao seu trabalho e a competência deles em vários sectores de actividade mas a Igreja gostaria de ser nesta ocasião «a voz daqueles que não têm voz, os pequenos, a voz, numa palavra, do povo».

«A Igreja é constituída por bons cidadãos, patriotas e respeitadores das leis justas e amantes da paz».

No princípio deste mês, as relações entre a Igreja e o Estado atingiram um ponto de crise após um sermão do bispo de Bilbao que pediu maior liberdade e direitos para o povo basco do norte da Espanha. O Governo considerou esse sermão «um grave ataque à unidade nacional», e colocou o bispo, D. Antonio Anovero, em regime virtual de residência fixa.

O conflito apenas se desanuviou após numerosas reuniões entre bispos espanhóis e entre os chefes da hierarquia católica e os membros do Governo.



A montanha russa do parque de diversões de Revere, cidade do Massachusette, estava para ser deitada a baixo na próxima semana. Porém, um incêndio destruiu-a ontem, evitando parte do trabalho de demolição. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Desmentida a compra do "Jornal do Brasil"

RIO DE JANEIRO, 1 (F.P.) O vice-presidente e director do influente diário carioca «Jornal do Brasil», Nascimento de Brito, desmentiu formalmente no domingo as informações provenientes de Telavive de que o seu jornal fora vendido ao emirato de Abu Dhabi.

Comentando as alegações a este propósito do ministro israelita da Informação, Shimon Peres, numa entrevista ao «Jerusalem Post», Nascimento de Brito

declarou à AFP: «Não só o «Jornal do Brasil» desmente categoricamente tais alegações, mas deplora ainda que um ministro israelita, e ainda por cima um ministro da Informação, esteja tão mal informado a respeito do que se passa aqui. O «Jornal do Brasil» não pode deixar de lamentar o que considera uma agressão vinda de um país tão amigo como Israel».

Na entrevista publicada do-

mingo de manhã pelo «Jerusalem Post», Shimon Peres afirma que o emirato de Abu Dhabi comprou por 20 milhões de dólares «um grande jornal brasileiro e despediu todo o seu pessoal de origem judaica». Segundo o «Jerusalem Post», o ministro aludia directamente ao «Jornal do Brasil», onde uma recente remodelação da redacção provocou a saída de vários jornalistas, alguns deles de origem judaica.

ACTUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Para uma actualização pedagógica e didáctica dos programas começou ontem no «jardim-Infantil Pestalozzi» uma semana de trabalho, ao nível do ensino primário e infantil.

Tendo como objectivo um melhor conhecimento da criança nas suas manifestações e comportamento, atendendo à génese do seu desenvolvimento psico-motor, intelectual e afectivo, procura-se analisar aspectos práticos do ensino e rever técnicas pedagógicas.

Temas das sessões de trabalho:

1) Desenvolvimento e aprendizagem (segundo Piaget) seu valor no processo educativo.

2) Expressão Sensibilização à forma, cor, volume, ritmo, movimento, som. Percepção de materiais. Sua utilização. Validade da actividade criativa.

3) Língua materna: Expressão oral, falar, ouvir, conhecimento, utilização, domínio de um código fonético, expressão escrita. O acto de ler, o acto de escrever, aspectos a ter em conta para se chegar à representação grafo-fonética de uma mensagem e à sua decifração, análise dos métodos de aprendizagem da Língua Escrita. Dificuldades da aprendizagem da língua e da escrita e mecanismos fonológicos. Relação da afectividade e da socialização da criança com a linguagem.

4) Matemática: Introdução à lógica de conjuntos, conceito de número, sistemas de numeração, adição e subacção, conceitos fundamentais de geometria.

Lord Mayor de Londres em Lisboa

Continuação da pág. 1

Várias outras individualidades. O presidente do Município dirigiu em seguida uma saudação ao Lord Mayor, em português, a que este respondeu em inglês. Terminados todos estes actos, e após os cumprimentos de despedida, o dignitário britânico e esposa regressaram, em cortejo, ao Hotel Ritz, de onde voltaram a sair às 15 e 50, para a assinatura, em Belém do livro de cumprimentos ao Presidente da República, almirante Américo Thomaz.

O programa para hoje prosseguirá da seguinte forma: às 16 e 30, audiência com o Presidente do Conselho. Segue-se uma visita à Estufa Fria e ao quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

No programa para amanhã, estão incluídos um almoço oferecido pela esposa do Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha a Lady Wontner e, após um passeio pela cidade, terá lugar pelas 22 horas, um banquete no Palácio Galveias.

Planeamento familiar debatido na Figueira da Foz

No Centro Ecuménico «Reconciliação», da Figueira da Foz, terminou ontem à tarde o encontro sobre Educação para uma fecundidade responsável, que foi organizado com a colaboração da Associação para o Planeamento da Família e decorria desde sexta-feira.

O dia de domingo foi totalmente preenchido pelo tema «Harmonia familiar e técnicas para uma fecundidade responsável», inicialmente apresentado por um grupo multidisciplinar de especialistas e depois discutido em grupos e num plenário geral. A mesa que orientou este tema era composta pelo dr. Albino Aroso (ginecologista), dr. António Pálh (assistente de psiquiatria da Universidade do Porto), dr. Maria Bárbara Lopes (socióloga), enfermeira Cunha Teles (especialista de saúde pública)

e dr. David Payne Pereira (médico psiquiatra).

No sábado, os participantes examinaram o tema «Fecundidade responsável no contexto sociológico português», sob a orientação dos drs. Mário Lajes e Micael Pereira, professores do Instituto Social e da Universidade Católica, respectivamente. Também na tarde de sábado foi muito apreciada a exposição feita pelo bispo da Igreja Lusitana, D. Luís Pereira, e pelo teólogo católico Frei Mateus Cardoso Peres, sobre as perspectivas éticas da fecundidade segundo a antropologia bíblica.

Dia da unidade

Com várias cerimónias militares, o Grupo de Detecção, Alerta e Condução da Intercepção (G.D.A.C.I.), em Monsanto, comemorou, ontem o

NOTAS VÁRIAS

CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DAS CIÊNCIAS

Por iniciativa da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências e da sua congénere espanhola, e sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, principiou hoje em Cadiz o XXXI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Os trabalhos prolongam-se até 6.ª-feira, participando nos mesmos 130 cientistas portugueses, entre os quais se encontram o presidente e o vice-presidente daquela Associação, profs. Alberto Correia da Silva e Abílio Fernandes. Alguns dos temas apresentados para colóquio pela Associação Portuguesa: «A lei e a administração» (prof. Afonso Queirós), «Interação da radiação com a matéria» (prof. Gomes Ferreira), «Factores ecológicos na génese das doenças humanas» (prof. Gouveia Monteiro), etc. Entre outros, a delegação espanhola apresenta os seguintes temas: «Desenvolvimento regional», «A contaminação das águas costeiras», «A burguesia e o comércio gaditano na Idade Moderna», «A plataforma continental», etc.

MARBUETA NOS BOMBEIROS DE BARCARENA

O dr. Afonso Marchueta, chefe do distrito, presidiu ontem às cerimónias comemorativas do 94.º aniversário dos Bombeiros Voluntários de Barcarena, tendo sido inauguradas duas viaturas. No decurso das ditas cerimónias foram entregues ao dr. Afonso Marchueta duas medalhas comemorativas da visita, uma das quais destinada ao prof. Marcello Caetano.

MARIA LAMAS NO DIA DO LIVRO INFANTIL

Comemora-se amanhã em todo o mundo o Dia Internacional do Livro Infantil. Entre nós a efeméride será celebrada pelo Centro de Estudos de Literatura Infantil, da Sociedade de Língua Portuguesa. Assim, na Fundação Gulbenkian será inaugurada, às 17 horas, uma exposição de livros para a infância e a juventude, reunindo cerca de mil volumes de autores portugueses. O certame estará patente durante seis dias. Diariamente, serão lidos contos escolhidos às 10 e 30, 11 e 30, 16 e 17 horas. A leitura estará a cargo dos próprios autores ou de actores de Teatro e locutores da Rádio e da Televisão. Também estão programadas conferências. A primeira é proferida amanhã (21 e 30) por Maria Lamas, subordinada ao tema «A importância da leitura infantil na formação e enriquecimento espiritual da criança». A dr.ª Maria Manuela Cazeiro profere a segunda no dia 5: «A biblioteca na formação e informação da criança».

seu «Dia da Unidade». Estiveram presentes oficiais gerais, antigos comandantes da unidade e outras individualidades, que foram recebidas pelo comandante e restantes oficiais daquele estabelecimento.

1 SEMANA EM ROMA

PARTIDAS
TODAS AS 5 FEIRAS
JULHO 4, 11, 18, 25
AGOSTO 1, 8, 15, 22, 29
SETEMBRO 5, 12

Preços
excepcionais
desde

3.920\$

INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto CARAVELLE
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita da cidade
● Assistência de Guia ABREU

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu

LISBOA A. LAMAS, 114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000-1001-1002-1003-1004-1005-1006-1007-1008-1009-1010-1011-1012-1013-1014-1015-1016-1017-1018-1019-1020-1021-1022-1023-1024-1025-1026-1027-1028-1029-1030-1031-1032-1033-1034-1035-1036-1037-1038-1039-1040-1041-1042-1043-1044-1045-1046-1047-1048-1049-1050-1051-1052-1053-1054-1055-1056-1057-1058-1059-1060-1061-1062-1063-1064-1065-1066-1067-1068-1069-1070-1071-1072-1073-1074-1075-1076-1077-1078-1079-1080-1081-1082-1083-1084-1085-1086-1087-1088-1089-1090-1091-1092-1093-1094-1095-1096-1097-1098-1099-1100-1101-1102-1103-1104-1105-1106-1107-1108-1109-1110-1111-1112-1113-1114-1115-1116-1117-1118-1119-1120-1121-1122-1123-1124-1125-1126-1127-1128-1129-1130-1131-1132-1133-1134-1135-1136-1137-1138-1139-1140-1141-1142-1143-1144-1145-1146-1147-1148-1149-1150-1151-1152-1153-1154-1155-1156-1157-1158-1159-1160-1161-1162-1163-1164-1165-1166-1167-1168-1169-1170-1171-1172-1173-1174-1175-1176-1177-1178-1179-1180-1181-1182-1183-1184-1185-1186-1187-1188-1189-1190-1191-1192-1193-1194-1195-1196-1197-1198-1199-1200-1201-1202-1203-1204-1205-1206-1207-1208-1209-1210-1211-1212-1213-1214-1215-1216-1217-1218-1219-1220-1221-1222-1223-1224-1225-1226-1227-1228-1229-1230-1231-1232-1233-1234-1235-1236-1237-1238-1239-1240-1241-1242-1243-1244-1245-1246-1247-1248-1249-1250-1251-1252-1253-1254-1255-1256-1257-1258-1259-1260-1261-1262-1263-1264-1265-1266-1267-1268-1269-1270-1271-1272-1273-1274-1275-1276-1277-1278-1279-1280-1281-1282-1283-1284-1285-1286-1287-1288-1289-1290-1291-1292-1293-1294-1295-1296-1297-1298-1299-1300-1301-1302-1303-1304-1305-1306-1307-1308-1309-1310-1311-1312-1313-1314-1315-1316-1317-1318-1319-1320-1321-1322-1323-1324-1325-1326-1327-1328-1329-1330-1331-1332-1333-1334-1335-1336-1337-1338-1339-1340-1341-1342-1343-1344-1345-1346-1347-1348-1349-1350-1351-1352-1353-1354-1355-1356-1357-1358-1359-1360-1361-1362-1363-1364-1365-1366-1367-1368-1369-1370-1371-1372-1373-1374-1375-1376-1377-1378-1379-1380-1381-1382-1383-1384-1385-1386-1387-1388-1389-1390-1391-1392-1393-1394-1395-1396-1397-1398-1399-1400-1401-1402-1403-1404-1405-1406-1407-1408-1409-1410-1411-1412-1413-1414-1415-1416-1417-1418-1419-1420-1421-1422-1423-1424-1425-1426-1427-1428-1429-1430-1431-1432-1433-1434-1435-1436-1437-1438-1439-1440-1441-1442-1443-1444-1445-1446-1447-1448-1449-1450-1451-1452-1453-1454-1455-1456-1457-1458-1459-1460-1461-1462-1463-1464-1465-1466-1467-1468-1469-1470-1471-1472-1473-1474-1475-1476-1477-1478-1479-1480-1481-1482-1483-1484-1485-1486-1487-1488-1489-1490-1491-1492-1493-1494-1495-1496-1497-1498-1499-1500-1501-1502-1503-1504-1505-1506-1507-1508-1509-1510-1511-1512-1513-1514-1515-1516-1517-1518-1519-1520-1521-1522-1523-1524-1525-1526-1527-1528-1529-1530-1531-1532-1533-1534-1535-1536-1537-1538-1539-1540-1541-1542-1543-1544-1545-1546-1547-1548-1549-1550-1551-1552-1553-1554-1555-1556-1557-1558-1559-1560-1561-1562-1563-1564-1565-1566-1567-1568-1569-1570-1571-1572-1573-1574-1575-1576-1577-1578-1579-1580-1581-1582-1583-1584-1585-1586-1587-1588-1589-1590-1591-1592-1593-1594-1595-1596-1597-1598-1599-1600-1601-1602-1603-1604-1605-1606-1607-1608-1609-1610-1611-1612-1613-1614-1615-1616-1617-1618-1619-1620-1621-1622-1623-1624-1625-1626-1627-1628-1629-1630-1631-1632-1633-1634-1635-1636-1637-1638-1639-1640-1641-1642-1643-1644-1645-1646-1647-1648-1649-1650-1651-1652-1653-1654-1655-1656-1657-1658-1659-1660-1661-1662-1663-1664-1665-166

Exclusivo

O NOVO GOVERNO BRITÂNICO nas centrais

ISRAEL DEPOIS DO SISMO

Após cerca de dez semanas de laboriosas negociações, a sr.^a Golda Meir formou, em 6 de Março, já a noite ia adiantada, um governo de coligação que, graças à reunião «in extremis» do Partido Nacional Religioso, terá a maioria absoluta no Knesset (o Parlamento). Posteriormente, porém, quatro dos dez deputados do PNR decidiram votar contra a investidura do novo Governo.

A lista completa do novo Governo de 23 membros foi divulgada mais tarde, quando os religiosos deram a conhecer os nomes dos seus quatro representantes.

Recentemente, numa entrevista transmitida pela Televisão, o general Dayan referiu-se em termos moderados à situação no Golan, afirmando, entre outras coisas, que era exagerado falar de novas concentrações de forças sírias. Em Damasco, um porta-voz acusou a este respeito os dirigentes israelitas de criarem uma tensão artificial e procurarem um pretexto para uma nova agressão contra a Síria.

Numa série de artigos, Eric Rouleau analisa as numerosas mutações que se verificaram em Israel desde a guerra de Outubro.



Golda Meir: um conto premonitório



Moshe Dayan: «Ministro da Defesa, ministro da vergonha».

Por ERIC ROULEAU

OS LAGARTOS

JERUSALÉM — Um homem, envergando um «anorak» azul marinho, os cabelos negros desalinhados, o olhar doce dissimulado por detrás de espessos óculos de tartaruga, manifesta-se diante da Presidência do Conselho, agitando um cartaz onde se pode ler: «Dayan, demissão». Motti Ashkenazi é o único a manifestar-se, em 3 de Fevereiro, contra as «mehdalim» (as negligências) da guerra de Outubro. Os curiosos que o interrogam ficam a saber que este físico de trinta e três anos, capitão de reserva, desmobilizado dois dias antes, comandou um posto na extremidade nordeste do Canal de Suez, em frente de Port Fuad, o único posto da linha Bar Lev que resistira até ao fim aos assaltos furiosos das forças egípcias.

Escutam-no respeitosamente. Vários dias antes do começo das hostilidades, ele tinha dado o alarme: o inimigo concentrava tropas e efectuava movimentos suspeitos. O seu supe-

rior hierárquico, em visita de inspecção, troçara dele: «Vejamos, disse-lhe, são apenas manobras, e, mesmo que as suas suspeitas sejam fundadas, faremos recuar os assaltantes num abrir e fechar de olhos. Estes árabes não passam de uns perfeitos idiotas. Um único tiro bastará para os fazer correr como coelhos».

Apesar da reacção do seu superior, o capitão Ashkenazi pediu reforços, material e armamento cuja falta se fazia sentir aflitivamente. Muito embora tivesse recebido promessas formais do alto comando, nunca chegou a receber. Trinta e dois dos seus homens caíram no combate. Jurou vingá-los, caso sobrevivesse. «Dayan, na sua qualidade de um ministro da Defesa, é responsável pela morte de mais de 2500 jovens israelitas; deve ser punido por isso!» — repetia ele, numa voz calma, aos seus interlocutores, na sua maioria comovidos com as suas palavras.

A campanha de Motti Ashkenazi produziu os seus frutos. No espaço

de duas semanas, este manifestante solitário conseguiu desencadear um movimento de massas. Simples soldados e oficiais pára-quedistas, estudantes e professores, cidadãos e agricultores, chegam de todas as partes do país para lhe apertarem a mão e assinarem ou fazerem assinar petições exigindo a demissão do general Dayan. Centenas de cartas, a favor e contra o ministro da Defesa, submergem as salas de redacção. Em 17 de Fevereiro, cerca de cinco mil manifestantes rodeiam o jovem capitão da reserva, gritando: «Sar Habitakhon, Sar Habizayon» (ministro da Defesa, ministro da vergonha) e «Somos todos Mottis Ashkenazis».

A amargura de Motti é partilhada por dezenas de milhares de jovens soldados que sofreram, em diversos graus, os abalos do sismo de Outubro. Ilusões, alimentadas desde a guerra de Junho de 1967, desvaneceram-se no espaço de alguns dias, deixando a população na desordem.

«Quando vieram buscar-me a uma sinagoga, no dia 6 de Outubro, para me levarem à frente», diz-nos Moshe, um para-

quedista de 22 anos, recusei-me inicialmente a acreditar que as hostilidades tivessem começado. Recordei-me das intenções do general Dayan. A actual situação de nem guerra nem paz, repetia ele, é equivalente a um tratado assinado no Waldorf Astoria; o statu quo continuará, pelo menos, durante uma dezena de anos.

Zvi, como muitos dos seus camaradas, tinha pressa em juntar-se à sua unidade. «Temíamos — diz ele — chegar demasiado tarde, porque estávamos persuadidos de que os nossos inimigos capitulariam nos dias, talvez nas horas seguintes. Não éramos nitidamente superiores aos árabes? A nossa tecnologia avançada e as nossas motivações elevadas não compensariam, e de longe, o seu número?»

«Foi uma terrível experiência» — diz-nos, por seu turno, Eliahu, funcionário de cerca de 30 anos, que fora enviado para a frente do Suez. «Tínhamos a sensação de enfrentar uma invasão de formigas resolutas, tenazes, carnívoras. Vagas sucessivas de soldados de infantaria e de tanques, avançando alternadamente em filas

compactas, cuspidas, granadas e foguetões, desciam da colina em frente, e avançavam, como autómatos, na nossa direcção, aparentemente insensíveis ao fogo contínuo das nossas metralhadoras e canhões.

Cada formação que conseguíamos ceifar era logo substituída por uma outra, tão inabalável como a anterior. Até ao momento em que ouvimos o nosso comandante dar a ordem, insólita aos nossos ouvidos, de abandonar as nossas posições para recuar perante homens que nos tinham ensinado a desprezar».

Os israelitas utilizam cada vez menos a expressão «Aravit ze Aravit» (um árabe não passa de um árabe?), proferida num tom de desdém. «Obrigaram-nos a respeitá-los — disseram-nos — sabemos agora que são capazes de ser tão corajosos como nós, tão capazes como nós de assimilar as técnicas modernas, e que a sua combatividade se alimenta de motivações nacionais não menos dignas que as nossas».

Ariê, um sociólogo que vive num «kibbutz» do

Partido Trabalhista, sofreu — diz ele — o seu primeiro «electrochoque» na fronteira do Golan. «Quando vi, no terceiro dia da guerra, o dispositivo que estava a ser instalado para dinamitar uma ponte do Jordão, compreendi que se temia a chegada iminente do exército sírio. O Golan não era, portanto, o bastião que se afirmava ser inconquistável; compreendi bruscamente que as linhas do cessar-fogo de 1967, qualificadas de fronteiras ideais de segurança, não eram aquilo que nos apresentavam como sendo as muralhas de uma fortaleza, mas apenas paredes feitas de pasta de cartão que tinham cedido sob a primeira investida».

«Nesse mesmo dia — prossegue Ariê — ouvira o general Elazar declarar na rádio que íamos quebrar os ossos do inimigo. A expressão accionou como que um disparador no meu cérebro. Imagens breves, rápidas, incisivas vêm-me à memória: generais presidindo a cerimónias oficiais, usando da palavra em reuniões públicas, divertindo-se em reuniões mundanas; a despeito do

Continua na página dois

Continuação da primeira página

fragor dos combates que se travavam à minha volta, julguei ouvir sucessivamente o general Dayan assegurar-nos que Tsahal podia bater todos os exércitos árabes reunidos, o general Ezer Weizman proclamar que

éramos capazes de afrontar vitoriosamente as forças soviéticas, o general Arik Sharon declarar (tal como o fez

dois meses antes das hostilidades de Outubro) que, sendo Israel o país mais poderoso do mundo a seguir aos dois Su-

pergrandes, poderia conquistar o mundo árabe, do Iraque à Tunísia».

«A guerra do Yom Kippur disse-nos o escritor Amos Oz revelou bruscamente o Estado judaico tal como na realidade é: forte como a França, militarmente, fraco como o Líbano, politicamente. A prova, efectivamente, permitiu-nos medir a extensão do nosso trágico isolamento na cena internacional, a nossa extrema vulnerabilidade face aos nossos inimigos, ricos e economicamente poderosos».

Com efeito, a guerra de Outubro varreu brutalmente muitas ideias enraizadas. Contrariamente às teses oficiais, às sábias análises de políticos e de jornalistas, que procuravam justificar a política do general Dayan dita dos factos consumados, muitos israelitas compreenderam subitamente, com dolorosa surpresa, que os árabes eram capazes de serrar fileiras, de utilizar a arma do petróleo, que os Estados Unidos como a maioria dos governos de todo o mundo não hesitavam em «ceder à chantagem» quando os seus interesses cruciais se encontravam ameaçados; que a sua segurança dependia da chegada dos «Galaxys», aviões de transporte americanos, sem os

quais não dispunham do armamento e das munições para prosseguir a guerra; que a sua dependência de Washington levava o seu país a aceitar um cessar-fogo prematuro; que os Estados Unidos e a URSS tinham conjugado os seus esforços para os impedir de alcançar uma vitória total e decisiva. O sábio Yechayahu Leibovitch, ardente sionista e judeu ortodoxo, manifesta a sua amargura desta forma: «É evidente, diz-nos, que o Estado de Israel não passa de uma agência dos Estados Unidos no Próximo Oriente. Somos os cães de guarda dos interesses americanos na região, e a nossa existência depende da nossa capacidade de desempenharmos esta função».

A maioria dos israelitas rejeitaria indignadamente semelhante ponto de vista. Não restam dúvidas, porém, que o «sismo de Outubro», ao destruir muitos mitos, inicia uma nova era, a da dúvida, do cepticismo, da revolta e da contestação, relativamente a uma parte significativa da população. Não se poupa nada nem ninguém. A sra. Meir é escarnecida, o general Dayan é apontado como um assassino, políticos outrora respeitados são qualificados de «mentiro-

sos» ou de «demagogos», velhos dirigentes sionistas são recusados como sendo notáveis do «Shtetel» (aldeias da Europa Oriental exclusivamente judias) ultrapassados pelos acontecimentos. Professores, escritores, poetas e intelectuais travam, na Imprensa, na rádio e na televisão, debates apaixonados.

Desde que os escândalos da «guerra dos generais» começaram a passar através das malhas da censura, o exército outrora objecto do culto nacional torna-se objecto de escárnio, como se pode ver por esta adivinha que circula no país: Quem teria podido impedir o exército sírio, vindo de Leste, de penetrar em Tel-Aviv? O exército egípcio vindo do Sul.

Uma peça no teatro municipal de Haifa intitulada «O que eu penso da guerra» e um espectáculo chamado «Shrapnel», dado pela companhia de bailado Bat Dor, que denunciam os «medhalim» do Yom Kippur, e mesmo a classe dirigente, atraem multidões entusiasmadas.

A contestação, na maioria dos pessoas, não assumiu uma feição política. Porém parece começar a esboçar-se uma lenta evolução na opinião pública. Mal havia decorrido um mês após o começo da sua campanha a favor da demissão do general Dayan, Motté Ashkenazi, que não pertence a qualquer partido, utiliza já uma linguagem mais militante. «O meu objectivo declarou ele em fins de Fevereiro, no decurso de uma reunião pública não é apenas desembaraçar o país de Dayan, mas alterar o nosso sistema político e social».

(Continua no próximo «Exclusivo»)



Fazer equilíbrio ou brincar com vedantes não é razoável...

PARA TRATAR "A SÉRIO" DO ASSUNTO



SIMRIT

FAG PORTUGUESA, LDA. PORTO · COIMBRA · LISBOA
TEM MUITO GOSTO EM ATENDÊ-LO.



S.

R.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

SECRETARIA DE ESTADO DO TESOURO

DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

REPARTIÇÃO DO PATRIMÓNIO

Concurso público para a concessão da exploração da estância das Caldas de Monchique

Encontra-se aberto o concurso em epígrafe, devendo as respectivas propostas dar entrada na Direcção-Geral da Fazenda Pública — Rua da Alfândega — Lisboa, até às 16 horas do dia 16 de Julho do corrente ano.

O acto público da abertura das propostas realiza-se no dia seguinte 17 de Julho no mesmo local.

O programa do concurso, o caderno de encargos da concessão e os demais elementos de consulta encontram-se patentes na Repartição do Património da referida Direcção-Geral, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Direcção-Geral da Fazenda Pública, em 25 de Março de 1974.

O DIRECTOR-GERAL,

António Cândido Mouteira Guerreiro

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CONCURSO

Para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de SINTRA

Até às 16 horas do dia 18 de Março de 1974, esta Companhia aceita propostas para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra, sendo todas as despesas a cargo dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 36 contos e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 6000\$000 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no Programa do Concurso e Caderno de Encargos que os interessados poderão consultar nas estações e locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra».

CARTAS
DO
BRASIL

Por CHIANCA DE GARCIA

Casacas para a posse do presidente

Sou dono de uma casaca. Que mandei fazer na Bahia para o banquete oferecido pelo governador Octávio Mangabeira, no ano das festas do quarto centenário da cidade do Salvador, a que assistiram algumas das mais altas autoridades do país. Foi nessa noite, diante do então vice-presidente da República, que esse homem admirável que era Octávio Mangabeira anunciou, com palavras generosas, que a partir daquele dia eu era cidadão honorário da Bahia.

No entanto, não o fui. O êxito que por lá alcancei, durante um ano, provocou nos meios intelectuais e artísticos da cidade, tantos ciúmes e invejas, que a Câmara Estadual de deputados houve por bem arquivar a proposta do Governo.

Fiquei, porém, dono de uma casaca. E passei a ser conhecido como «aquele cara que tem uma casaca».

Há 15 anos, sempre que se efectuam posses presidenciais, banquetes diplomáticos, visitas de chefes de Estado, lá vêm bater-me à porta: Você me empresta a sua casaca?

Em casa, as esposas fremem de ansiedade: Não ir ao baile? Não assistir ao banquete? Não estar ao lado (por hipótese) da rainha de Inglaterra? provoca distúrbios nervosos e causa insónias. E os maridos: Estou tentando, meu bem, mas você sabe, não é fácil.

Na verdade o Itamarati é mais que rigoroso na distribuição dos convites. Além de um severo regime protocolar, existe um cuidadoso serviço de informação. E entre o anúncio da festa, e a distribuição dos convites decorrem longas semanas de angústia.

Mas se, por milagre, o convite cai, por obra e graça do Espírito Santo, começa o drama do convidado. Da esposa não. Mulher sempre se arruma na hora dos longos e das jóias falsas. Mas o esposo, após a difícil conquista do cartão impresso a ouro, passa a enfrentar o problema da casaca. Porque já é tarde para recorrer ao alfaiate. E depois uma casaca está custando cinco mil cruzeiros. Não é sopa, não! Ai inicia-se um estilo de perseguição ainda não usado no cinema: o assalto à casaca alheia. E indaga-se:

Quantas existem em todo o Rio de Janeiro? Duzentas? Trezentas?

CASACAS - 1

Então, agora, para a recepção ao novo Presidente da República, o general Ernesto Geisel, foram distribuídos cerca de três mil convites, para casais. Portanto, mil e quinhentas casacas.

Como conseguir uma, porém?

Os candidatos a altos postos foram mais corajosos. Já as tinham encomendado. Mas para aqueles sobre quem recaía a natural indecisão da escolha, a incerteza do cargo, e a improbabilidade do convite, quem, de bom senso, poderia arriscar o custo da casaca? Esses, estão sendo vítimas agora da indignação das esposas:

E onde vai você arranjar uma casaca alinhada para me acompanhar, com classe?

CASACAS - 2

Eu conheço muita gente. Tenho amigos em todas as classes sociais. Homens de negócios. Políticos. Altos funcionários. Banqueiros (até do jogo do bicho). Média burguesia. Amigos leais. Inimigos de uso comum. Centenas de desconhecidos íntimos. Etc.

Pois agora, nos últimos dias, mesmo aqueles que já se tinham esquecido de mim, têm reaparecido. Forjam encontros, acasos. Tratam-me por querido, grande, ilustre, etc: «Puxa, você está cada vez mais novo!» Ou: «Quando vai jantar lá em casa?»

Tudo pretextos, está na cara! para me pedirem emprestada a velha casaca.

CASACAS - 3

Casos assim: Há quantos anos não vai a Portugal? O quê? E não tem saudades? Escuta, tenho certo prestígio na Varig. Você não gostaria de receber uma passagem de ida e volta inteiramente de graça?

A troca de quê? indago de mau jeito.

Pombas, de nada! Sou seu amigo. Tão seu amigo que me atrevo a pedir-lhe um pequeno favor. Você me empresta a sua casaca para a recepção de Brasília?

Não posso. Vou usá-la. Também fui convidado...

E voltou-me as costas sabendo que eu mentia.

CASACAS - 4

Já assisti a vários filmes girando em volta de casacas perdidas. No velho teatro francês a mesma casaca andava de corpo em corpo nas forças do adultério. A minha, porém, confesso envergonhado, tem, por várias vezes, nos salões do Itamarati, servido de galhofa.

São tantos os casos que já chegou a ser conhecida pessoalmente pelos mestres do cerimonial do palácio:

Lá vem ela!

Um dos amigos a quem a emprestei usou-a com sapatos amarelos e meias brancas. Outro desfilou com gravatinha preta de garçon. Muitos com relógio de pulso, o que é um atentado antiprotocolo. E quase todos tomando pileques confrangedores...

Isto de tal jeito que, no ano passado, recebi um aviso do Itamarati proibindo-me formalmente de ceder, emprestar, ou alugar a minha casaca que, por ser baiana, estava por certo dominada por alguns daqueles maléficis exus que agem nos candomblés da cidade do Salvador.

CASACAS - 5

Apesar disso, e ante os insistentes pedidos para emprestar a casaca, resolvi levá-la, primeiro, à minha amiga mãe-de-santo, Aninhas de Iansã, para que ela, no seu terreiro de Jacarepaguá, com suas rezas e feitiços, expulsasse dos traços de gala os demoníacos orixás.

Feito o trabalho garantiu-me Aninhas que a transformara no meu próprio Anjo da Guarda: Pode ficar tranquilo!

O problema agora era emprestá-la a quem fosse mais quem.

CASACAS - 6

Foi então que o problema se modificou por compêlo. Os candidatos já não eram homens, mas mulheres. Sim, casadas, desquitadas, viúvas, tias, madrinhas, secretárias, dactilógrafas, que me vinham suplicar o empréstimo da casaca para uso dos seus escolhidos companheiros. Elas é que tinham convite. Elas é que levavam, os seus homens. Precisavam entrar no palácio apoiadas em seguros braços masculinos.

Compreende?

Compreendi. E excitadas indagavam num sorriso cumpli-

ce: E o senhor não me empresta as suas comendas, as suas ordens honoríficas, os seus crachás, para lhes enfeitar o peito?

Não, não, não! gritei. Era para isso que queriam a minha casaca? Não! Chega!

Não tenho casaca para emprestar, nem para alugar, nem para vender! Rua!

E não abri a porta para mais ninguém.

Depois, concentrei-me. E tomei uma resolução. Fui à cozinha. Meti as calças, o colete branco, e a casaca num balde. Despejei por cima um litro de gasolina. E botei fogo. Num puro desejo de purificação. E assim salvei o meu anjo da guarda. Pondo fim à história da casaca baiana.

LIVROS RECEBIDOS

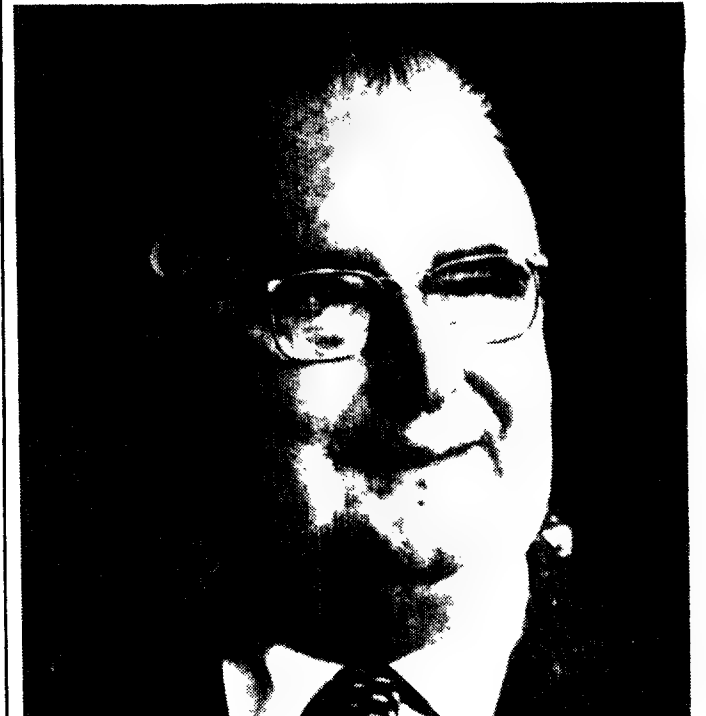
Triptico, um volume de Lourdes Higino de Sousa, enviado com palavras amáveis e «um terno abraço para o Brasil». Na primeira parte homens circunspectos consultam enciclopédias e dicionários. Na segunda parte os mesmos homens passeiam os dedos sobre os crânios. Na terceira parte apoiam o queixo sobre as mãos, e escutam. O quê? Os poemas da autora. Lourdes Higino de Sousa já esteve, supunho, no Brasil. Por certo em São Paulo onde deve ter conhecido os irmãos Campos, e com eles frequentado os caminhos do concretismo, do neoconcretismo e coisas afins. Sua poesia tem achados curiosos. No entanto, como ela diz, é difícil destriçar entre a serpente e a maçã.

Wanya, texto de Augusto Mota, desenhos de Nelson Dias.

As aventuras mágicas de Vânia, em pleno cosmos, livre, por fim, das aves de mau agouro, e solta no caminho de novos limites, razão do seu verdadeiro sentido de existir. Um belo álbum que Augusto Mota escreveu a Nelson Dias, transformou em painéis de grande beleza plástica. Espero vê-los, a ambos, devidamente internacionalizados. E admirados no Brasil.

PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua Fernando Mendes, 28-Apartamento 908 COPACABANA
G. B. BRASIL

TELE FOTOS



Georges Pompidou, o presidente francês, retomou a sua actividade depois de alguns dias em que a doença o obrigou ao recolhimento no leito. Apesar do regresso do presidente, políticos e jornalistas continuam a pensar seriamente na possibilidade de virem a realizar eleições presidenciais antecipadas devido à renúncia de Pompidou que sofre de um mal que foi descrito como uma lesão vascular anal e muito dolorosa



Georghe Maurer, durante muitos anos a segunda figura do regime socialista romeno, demitiu-se das suas funções de chefe do Governo, retirando-se da política. Esta demissão do velho político comunista foi acompanhada por diversas reformas constitucionais, a mais importante das quais parece ser a da abolição do Politburo do Comité Central do Partido. Esta alteração, segundo os observadores, deixará as mãos mais livres ao secretário-geral do PC, presidente do Conselho de Estado e presidente da República (proximamente) Nicolae Ceausescu



Leonid Brejnev e Henry Kissinger conversam animadamente durante a visita do secretário de Estado americano a Moscovo. Essa visita não deu os resultados que se esperavam da parte americana no que diz respeito a progressos na limitação do armamento estratégico. A tese americana era a de que ambos os grandes países deveriam possuir o mesmo número de mísseis. Os soviéticos, por seu lado, pensam que a paridade numérica lhes seria desvantajosa uma vez que os EUA possuem bases militares e de rampas de lançamento de mísseis espalhadas por toda a parte e, sobretudo, em volta da URSS

Campanha de Podgorny contra a "pilhagem económica"

MOSCOVO Os crimes económicos têm sido frequentemente denunciados em Moscovo. A última vez foi em 5 de Março, no decurso de uma sessão do Presidium do Soviète Supremo. Segundo a «Pravda», que publicou um relato da sessão, o Presidium decidiu mesmo criar uma comissão especial encarregada de apresentar propostas para reforçar a luta contra «a pilhagem económica» e para a prevenção dos crimes da mesma natureza.

O Presidium do Soviète Supremo... que se debruçara anteriormente sobre o problema da conservação e da exploração de novas terras escutou diversas intervenções importantes relativamente à necessidade de «respeitar a legislação que protege a propriedade socialista».

Segundo Brejnev, é tanto mais urgente «reforçar a luta contra a pilhagem dos bens sociais e dos bens do Estado»

quanto é certo que «todos os meios existentes na legislação são utilizados de uma maneira insuficiente. Os trabalhadores honestos, as colectividades e as organizações procuram produzir mais, assumem compromissos elevados e lutam abnegadamente para aumentar a produção e explorar novos recursos. E, portanto, inaceitável que renegados continuem a roubar bens sociais e a prejudicar a causa comum. Todos os danos causados na propriedade socialista devem terminar imediatamente e os culpados devem ser severamente castigados».

O chefe de Estado soviético que pediu à Imprensa um esforço suplementar para denunciar os gatinhos, os dissipadores e os outros adptos do sistema D, cujas actividades, porém, são diariamente assinaladas pelos jornais, não escondeu o facto de o mal se encontrar muito generalizado. Pare-



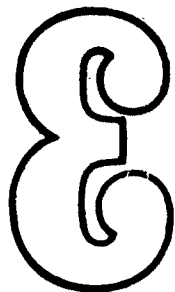
Nikolai Podgorny

ce, todavia, que se faz particularmente sentir no sector alimentar (Podgorny citou a indústria da carne, dos produtos derivados do leite e da alimentação), na indústria ligeira (portanto, os bens de consumo) e nas redes de distribuição (comércio do Estado e

cooperativas de consumo).

A propósito, Podgorny censurou um certo número de organizações, as quais, é certo, procuram aumentar a produção, por não se preocuparem em proteger esta mesma produção. «E necessário mobilizar todas as forças dos órgãos do Estado, dos soviets locais, dos ministérios e dos departamentos, dos tribunais, do Ministério Público, da milícia, bem como do controlo popular para lutar contra a pilhagem económica. E preciso criar em todas as colectividades de trabalho um clima de intolerância relativamente à dissipação dos bens sociais, um clima de desprezo pelos renegados que atentam contra a propriedade socialista. Só assim serão criadas condições normais favoráveis às actividades económicas e ao trabalho criador dos soviéticos».

JACQUES AMALRIC



O NOVO GOVERNO BRITÂNICO

● JAMES CALLAGHAN

A história de James Callaghan é típica entre os homens políticos que dirigem actualmente o Labour. Nascido em 1912, filho de um primeiro contramestre da Royal Navy que morreu anos depois, James Callaghan conheceu em Portsmouth uma infância difícil. O êxito dos seus estudos secundários dá-lhe, no entanto, acesso a um posto de funcionário na administração dos impostos, onde começa a militar nos sindicatos e entra assim em contacto com o movimento trabalhista. Depois da guerra, que faz na marinha, é naturalmente escolhido como candidato do Labour e eleito, graças a uma carreira que varre o Governo de Churchill em 1945; torna-se deputado por Cardiff em 1945.

Encarregado de diversos postos enquanto «secretário parlamentar» no Governo de Attlee começa então a familiarizar-se com a política londrina. Mas é na Oposição que a sua carreira começa verdadeiramente e, por morte de Hugh Gaitskell, é um dos candidatos que disputa a sucessão para a liderança do Partido. Personagem de primeiro plano na direcção do Labour, recebe em 1964, no primeiro gabinete de Wilson, o cargo de chanceler do Tesouro. Dificéis responsabilidades para que Callaghan, se encontra, talvez, mal preparado. Mas línguas na época dizem que segue cursos nocturnos para se pôr a par dos grandes problemas financeiros. Com o auxílio da sua graça e também da sua experiência, Callaghan adquire progressivamente o domínio das suas funções.

Empenha-se tão resolutamente na política de defesa da libra esterlina que julga impossível continuar a desempenhar o seu cargo no Tesouro quando esta é desvalorizada no mês de Novembro de 1967.

Passando a ocupar a pasta do Interior terá nas suas novas funções de enfrentar a pesada tarefa de se confrontar com as primeiras manifestações da crise irlandesa. Entretanto, outra crise ameaça a sua carreira: enquanto Wilson prepara na Primavera de 1969 uma legislação antigreve destinada a impor disciplina aos sindicatos, Callaghan toma abertamente partido pela classe operária contra o gabinete. O confronto com o primeiro-ministro é vivo mas conclui-se por um compromisso. Alguns suspeitam de que Callaghan, apoiando os sindicatos, queria assegurar uma posição favorável para eventualmente suceder a Wilson à cabeça do Labour.

Não tem, em todo o caso, a reputação de um extremista, longe disso, e colocam-no correntemente no centro-direita do Trabalhismo. Foi sem dificuldades que aceitou em 1967, a conversão do Labour ao Mercado Comum, e nas colunas de «Le Monde» seria visto ou lido um dia a defender a criação de uma moeda europeia comum. Nada indica que tenha revisto as suas posições e, durante a última campanha eleitoral, viu-se o cuidado com que precisou que as interrogações que um Governo trabalhista se esforçaria por obter em Bruxelas seriam reclama-

das dentro dos quadros do Tratado de Roma, do qual este novo chefe do Foreign Office não parece disposto a sair.

ROY JENKINS: GOSTO DA ACÇÃO E DA EFICÁCIA

Roy Jenkins é uma das figuras mais interessantes do Labour, uma das mais complexas também e cujo destino no seio do próprio Partido é dos menos evidentes. A sua reputação no exterior do Labour, no estrangeiro nomeadamente, é a de ser um dos melhores homens de Estado que a Grã-Bretanha hoje possui, e os especialistas consideram-no como o mais dotado e o mais competente dos responsáveis pelas finanças britânicas que têm passado pelo Tesouro nos últimos anos. Distinto, cultivado, firme nas suas convicções, é ao mesmo tempo no Parlamento um temível interlocutor, cuja linguagem precisa, a contrapartida rápida e incisiva podem pulverizar o adversário insuficientemente armado ou desprevenido.

No entanto, este sujeito brilhante, em quem por vezes se tem querido ver o líder nato de um eventual grande partido social-democrata britânico, nunca esteve completamente de acordo com as tendências dominantes no interior do Labour. Não que seja um arrivista, pelo contrário. É um dos raros membros do Labour a ter nascido na classe operária, filho de um dos dirigentes do sindicato dos mineiros galeses, que foi, ele mesmo, deputado pelo Labour nos anos 30. Mas Roy Jenkins tem o dom de ir contra-corrente. Quando estudante, enquanto os seus colegas se inclinam para o marxismo, em Oxford, renegando-o mais tarde como um «erro de juventude» ele anima um clube democrata-socialista, de orientação mais moderada. Entrou em 1948 na Câmara dos Comuns, onde se torna, com 28 anos, um membro dos mais notáveis, descobre naturais afinidades com Gaitskell quando este toma a direcção do Labour. Mas os dois homens opõem-se vivamente em torno da questão do Mercado Comum de que Jenkins, já nessa altura, é convicto partidário.

Mais tarde, as suas relações com Harold Wilson nada terão de particularmente cordial. Nunca entre os dois uma certa desconfiança poderá ser totalmente dissipada. Se Roy Jenkins entra em 1964 no primeiro Governo trabalhista, não é como membro do gabinete, mas mais modestamente como ministro da Aviação. Mas é demasiado evidentemente indispensável para que o próprio Wilson possa «esquecer» os seus talentos. Em 1965, assume a pasta do Interior, que hoje retoma e herda, em 1967, a das Finanças, abandonada por Callaghan, imediatamente após a desvalorização da libra.

Na Oposição, um conflito sério, no entanto, vai opô-lo ao líder do Partido. Número dois do Labour, ao lado de Wilson, demite-se destas funções no mês de Abril de 1972, por fidelidade às suas convicções europeias e deplorando a adesão dos trabalhistas a «uma opo-



James Callaghan



Roy Jenkins

Exclusivo «Le Monde»/DL

sição de princípio à Comunidade».

Era nas finanças que se esperava que Jenkins estivesse neste novo Gabinete de Wilson. O facto de ter sido escolhido para o Interior deixa pensar, no entanto, que entre ele e o primeiro-ministro trabalhista não reina ainda senão uma muito relativa confiança.

DENIS HEALEY: FIRMEZA DE CONVICÇÕES

Grande, musculado, largo de ombros, sobranceiras espessas sobre um frio olhar azul, Denis Healey dá antes do mais a impressão de uma transbordante energia, de um gosto pelo movimento e pela acção que lhe fará tomar o avião para percorrer o Mundo sem por isso afrouxar a autoridade que exerce sobre o seu departamento.

Com 57 anos, adquiriu uma reputação de eficácia por ocasião do longo reinado que exerceu de 1964 a 1970 sobre o Ministério Britânico da Defesa. E durante todo este período o único membro do Governo de Wilson que não mudou de funções. Organizador resolutivo, deve-se-lhe a reunião dos ministérios das diferentes armas numa única administração cu-

jos métodos procuraram inspirar-se nos do Pentágono americano onde Denis Healey contava sólidas amizades.

Pode-se porém, perguntar se o gosto pela acção e pela eficácia não prima por vezes neste homem sobre a firmeza dos princípios e convicções. Em Oxford, a meio dos anos 30, declara-se marxista e anima nesse espírito o clube trabalhista da Universidade mas em 1945, encontramo-lo entre os colaboradores de Ernest Bevin, líder da ala direita do Labour. Eleito em 1952 deputado por Leeds, nesse Yorkshire onde passou a sua infância, torna-se um dos próximos de Gaitskell, e, no momento em que se abriu a sua sucessão hesita nem apoiar Callaghan ou Wilson.

Ministro, é o homem do afastamento da questão do Suez por parte da Grã-Bretanha, mas apoia ao mesmo tempo sem desfalecimento a política dos Estados Unidos no Vietname e figura como defensor convicto do reforço do dispositivo da NATO na Europa. Na mesma época, é tido como um dos adeptos trabalhistas da entrada de Inglaterra na CEE. Mas a partir de 1970, orador da oposição, foi ouvido, com surpresa, tomar partido contra a dita adesão.

Healey, diz-se por vezes, é um «little Englander», o homem de uma «pequena Inglaterra» que se inspiraria do modelo sueco para encontrar em escala nacional limitada a via



Denis Healey

de uma felicidade sem ambições no exterior. Mas pode pôr-se em causa este retrato quando se ouviu o antigo ministro da Defesa evocar o papel que Reino Unido poderia desempenhar numa Europa de que seria a principal potência. Se Denis Healey é um realista e um pragmático, não é por isso destituído de ambições no que ao seu país e a si próprio se refere.

MICHAEL FOOT: UM INTELLECTUAL DE ESQUERDA

Com 61 anos, Michael Foot entra pela primeira vez num governo trabalhista. A sua nomeação para o ministério do Emprego é um acontecimento, porque este intelectual de esquerda com os seus óculos e os seus cabelos flutuantes, que é visto a deambular à cabeça de todas as manifestações contra o racismo, contra a bomba atómica e pelo desarmamento geral, parecia destinado a não aceder nunca a verdadeiras responsabilidades governamentais.

Wilson, de 1964 a 1970, não pensa em todo o caso em cancelar-lhas, e Michael Foot, na Câmara dos Comuns, faz figura de consciência do Labour, de censor severo para um Governo teoricamente socialista e que não denunciava a agressão americana no Vietname, repugnando a usar porém da força para reduzir os rebeldes racistas da Rodésia, fazia passar a defesa da libra esterlina antes das exigências sociais

das classes trabalhadoras, tentando enfim «disciplinar» a acção sindical. Será para o obrigar a guardar silêncio ou pelo menos a reserva que impõe a solidariedade governamental que Wilson lhe confiou o ministério do Emprego em que Foot estará precisamente em contacto directo com os sindicatos?

Parece, no entanto, difícil fazer calar este homem de princípios, um dos mais sinceros sem dúvida nas suas convicções socialistas entre todos os que o Labour hoje conta. Michael Foot nada tem, para mais, de um político ávido de honras e de poder. Uma forma de sabedoria, que exclui as ambições devorantes pessoais, vem-lhe da sua longa frequência familiar dos círculos dirigentes britânicos. Seu pai, o muito honorável «Sir» Isaac Foot foi membro do Conselho Privado e um dos seus irmãos é barão — portador do título familiar dos Carandon — e outro, conselheiro da Rainha, «Sir» Dugh Foot, um dos mais reputados juristas do Reino Unido.

Michael Foot à cabeça de um ministério faz pensar a pouco na experiência de um universitário que cansado por um momento dos seus estudos e livros — a sua obra política e histórica é abundante — tentasse por um momento a gestão das coisas públicas.

Mais parlamentar do que homem do governo (é deputado pela sua circunscrição desde 1960), mais polemista do que tático (foi durante anos director do «Tribune», órgão da esquerda trabalhista), é com dificuldade que podemos imagi-

PRIMEIRO-MINISTRO: Harold Wilson

CHANCELER DO TESOURO: Denis Healey

NEGÓCIOS ESTRANGEIROS: James Callaghan

INTERIOR: Roy Jenkins

EMPREGO: Michael Foot

INDÚSTRIA: Anthony Wedgwood Benn

QUESTÕES SOCIAIS: Barbara Castle

AMBIENTE: Anthony Crosland

ENERGIA: Eric Varley

PREÇOS E PROTECÇÃO DOS CONSUMIDORES: Shirley Williams

QUESTÕES ESCOCESAS: William Ross

LORD PRESIDENTE DO CONSELHO: Edward Short

COMÉRCIO: Peter Shore

CHANCELER DO DUQUE DE LENCASTRE: Harold Lever

LORD CHANCELER: Elwyn Jones

AGRICULTURA: Thomas Peart

DEFESA: Roy Mason

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS: Reginald Prentice

SECRETÁRIO DE ESTADO PARA O PAÍS DE GALES: John Morris

SECRETÁRIO DE ESTADO PARA A IRLANDA DO NORTE: Merlyn Rees

ta-voz da oposição para as questões parlamentares, depois para a Agricultura e enfim para a Defesa, depois da vitória conservadora de 1970.

ERIC VARLEY

Nascido em 1932, estudou Economia, Relações Industriais e Ciência Política no curso da noite na Universidade de Sheffield. Sucessivamente operário e mineiro, militante sindicalista, aderiu ao Partido Trabalhista em 1955. Eleito deputado pela circunscrição de Chesterfield em 1964, foi sucessivamente secretário parlamentar de Harold Wilson, secretário de Estado da Tecnologia.

EDWARD SHORT

Nascido em 1912, antigo aluno das Universidades de Durham e de Londres, Edward Short militou no sindicalismo docente antes de entrar no Labour. Presidente do Grupo Trabalhista do Conselho Municipal de Newcastle foi eleito deputado em 1951. Foi em seguida secretário parlamentar do Tesouro, depois ministro da Educação e das Ciências. A partir de 1970 tornou-se porta-voz da oposição para a educação e depois «leader» adjunto do Partido.

ROY MASON

Roy Mason tem 48 anos. Antigo mineiro, aderiu ao Labour em 1943. Membro do Conselho Executivo do Sindicato Nacional dos Mineiros, entrou no Parlamento em 1953 e foi sucessivamente secretário dos Correios e Telecomunicações e da Energia, depois ministro do Comércio. A partir de 1970, era porta-voz da oposição para o comércio e indústria.

ANTHONY WEDGWOOD BENN

Com 48 anos, Benn é uma das personalidades mais con-

testadas no Labour. Herdeiro das célebres procelanarias de Wedgwood, insiste para que lhe chamem apenas Tony Benn. Fez os seus estudos na Public School de Westminster e de Oxford. Aderiu ao Labour em 1942. Foi presidente da Sociedade Fabiana e da Comissão de Estudos do Labour para as questões da rádio. Eleito deputado por Bristol em 1950, tem de renunciar ao parato hereditário para conservar o seu lugar. Foi ministro dos Correios e Telecomunicações e secretário de Estado para a Tecnologia. Era porta-voz para o comércio e indústria no «gabinete fantasma».

HAROLD LEVER

Com 59 anos, é ao mesmo tempo político e homem de negócios. Eleito deputado em 1945, ocupou diversos cargos nos Governos Trabalhistas de 1964 a 1970. Europeu convicto, solidarizou-se com Jenkins na Primavera de 1972 quando este abandonou o seu cargo de «leader» adjunto em razão da oposição do Labour ao Mercado Comum.

BÁRBARA CASTLE

Barbara Castle, um das mulheres mais conhecidas do Labour, tem 62 anos. Depois de estudos em Oxford, torna-se jornalista. Entra no Labour e milita nas Organizações sindicais. Eleita deputado em 1955 pela circunscrição de Blackburn nunca mais perdeu o seu lugar. E membro da delegação britânica à Assembleia Geral das Nações Unidas em 1949 e torna-se presidente da Comissão Executiva do Labour em 1959. Foi depois secretário de Estado para o Desenvolvimento Ultramarino, dos Transportes e ministro do Emprego e da Produtividade. Desde que os trabalhistas passaram à oposição, foi porta-voz do par-

Continua na pág. 6



Michael Foot

ná-lo prestar-se aos compromissos e concessões do Labour britânico.

REGINALD PRENTICE

Nascido em 1924, Prentice fez os seus estudos como bolsheiro na London School of Economics. Assistente do serviço jurídico do Sindicato dos Transportes, aderiu ao Labour em 1945. Eleito para o Parlamento em 1957, foi sucessivamente subsecretário de Estado da Educação e das Ciências, secretário de Estado das Obras Públicas e depois do Desenvolvimento Ultramarino. Era porta-voz para as questões de emprego no gabinete fantasma.

JOHN MORRIS

Advogado, do país de Gales, John Morris, com 43 anos, fez os seus estudos de Direito em Cambridge. Entrou no Parlamento em 1959, foi sucessivamente subsecretário de Estado da Energia, secretário de Estado dos Transportes e da Defesa. Era porta-voz para as questões da Defesa (RAF) no gabinete fantasma. Morris fez parte da delegação britânica ao Conselho da Europa de Estrasburgo.

WILLIAM ROSS

Nascido em 1911 — o seu pai era condutor de locomotiva —, William Ross fez estudos

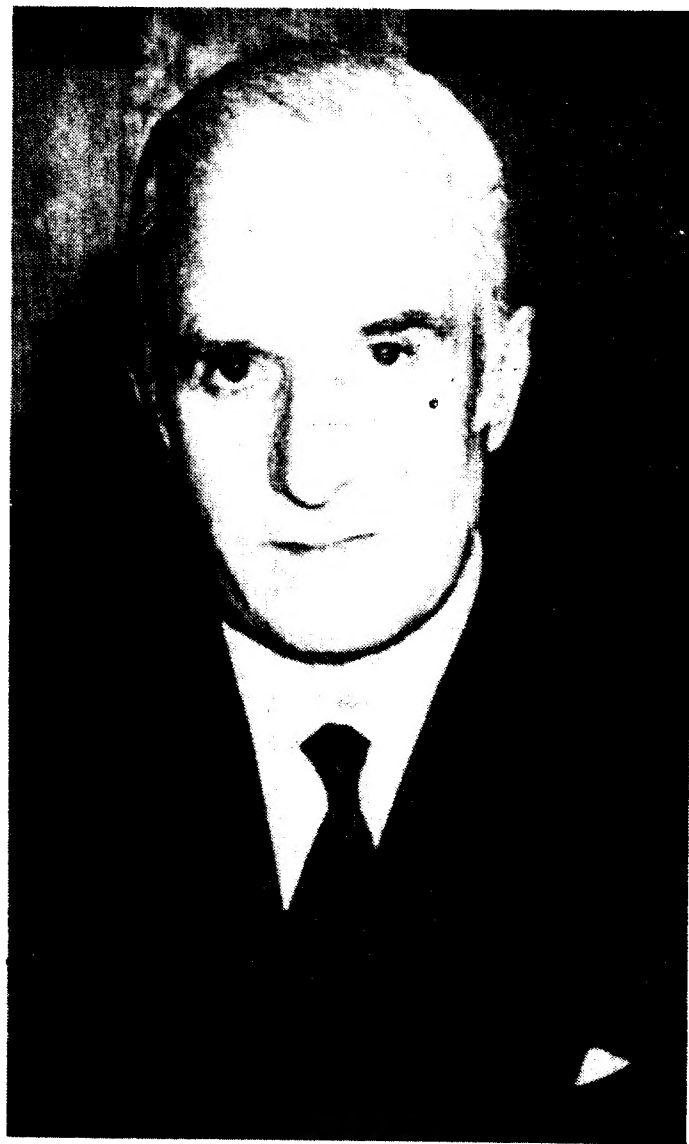
na universidade de Glasgow onde militou no Labour. Foi eleito, quando docente, deputado pelo comité escocês de Kilmarnock em 1946. Depois de ter passado algum tempo no Conselho da Europa, em Estrasburgo, tornou-se um dos especialistas do partido nas questões escocesas.

«SIR» FREDERICK ELWYN JONES

Nascido em 1909 na Escócia, fez estudos de direito em Cambridge onde foi eleito presidente da associação de estudantes respectiva. Entrou no Labour em 1931, foi presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas e membro da Comissão Britânica de Inquérito sobre os crimes de guerra de Nuremberg, em 1945. Eleito deputado em 1950, foi Ministro da Justiça (guarda dos selos), de 1964 a 1970. Era desde há quatro anos porta-voz da oposição para as questões da justiça.

THOMAS PEART

Nascido em 1914, fez estudos de ciências na Universidade de Durham. Era professor quando aderiu ao Partido Trabalhista em 1930. Eleito para o Parlamento em 1945, foi secretário de Estado para Agricultura, Alimentação e Pesca de 1964 a 1968, depois «lord do selo privado» e «leader» da Câmara dos Comuns de Abril a Outubro de 1968. Foi por-



Edward Short

O NOVO GOVERNO BRITÂNICO

Continuação da pág. 5

tido e ocupou diversos cargos no gabinete fantasma.

MERLYN REES

Nascido em 1920, Rees fez os seus estudos na universidade de Londres e na London School of Economics. Entrou no Labour em 1939, foi membro da Sociedade Fabiana e da Associação de Educação Socialista. Professor secundário, depois professor de Economia, militou nos sindicatos docentes, foi comandante de aviação durante a guerra e terminou os seus estudos como bolseiro nos Estados Unidos. Eleito deputado por Leeds em

1963, foi depois secretário parlamentar da Cancellaria do Tesouro, depois da Defesa e do Interior. Foi porta-voz da oposição para o Interior, depois para a Irlanda do Norte desde Maio 1972.

ANTHONY CROSLAND

Nascido em 1918, Anthony Crosland fez os seus estudos no Trinity College de Oxford, onde ensinaria depois Economia de 1947 a 1950. Entrou no Labour em 1937; militante sindicalista e membro da Sociedade Fabiana, de que será presidente em 1961 e 1962, é eleito deputado em 1950. E ministro dos Assuntos Económicos em 1964, depois ministro do Comércio e da Planificação Re-

gional. Era membro do gabinete fantasma desde 1970. Crosland é autor de duas conhecidas obras: *O Futuro do Socialismo* e *O Inimigo Conservador*.

SHIRLEY WILLIAMS

Nascida em 1931, Shirley Williams fez brilhantes estudos universitários em Oxford e na Universidade americana de Columbia antes de se tornar secretário-geral da Sociedade Fabiana e de entrar no Labour em 1956. Eleita deputada em 1964, foi sucessivamente secretário parlamentar, secretário de Estado do Trabalho, ministro da Educação e das

Ciências, depois ministro do Interior antes da queda do ministério de Wilson em 1970. Ocupou em seguida diversos cargos no gabinete fantasma.

PETER SHORE

Nascido em 1924, Peter Shore fez estudos de economia Política em Cambridge. Entrou no Labour em 1948, membro da Sociedade Fabiana e Sindicalista, foi chefe do serviço de estudos do Labour de 1959 a 1964. Eleito deputado em 1964, foi sucessivamente secretário parlamentar nos Ministérios da Tecnologia e dos Assuntos Económicos, e mais tarde ministro sem pasta. De-

pois de Janeiro de 1972, foi porta-voz da oposição para os Negócios Estrangeiros. Peter Shore, que é também jornalista

radiofónico e escritor, é conhecido pela sua oposição ao funcionamento actual do Mercado Comum.

PLAZA INTERNACIONAL

para quem conhece o mundo
e o sabor das melhores
coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.
Um cigarro de nível internacional.
Um acto de escolha e de afirmação própria.
O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.
Extra Longo. @Filtro Triplo Ventilado.
Duas vezes mais eficaz!



PLAZA a sua afirmação pessoal

**aqueça
sô a água
necessária
poupe gás**

Dê preferência ao banho de chuveiro que é mais económico e mais higiénico. Um banho de imersão gasta o dobro ou o triplo de um banho de chuveiro.

Acenda o esquentador só quando for necessário. Evite acréscimos de consumo. O gás faz falta a todos. A si também.

poupe combustível

DIRECCAO - GERAL DOS COMBUSTIVEIS / SECRETARIA DE ESTADO DA INDUSTRIA

Mosaico vidrado



um novo mosaico*

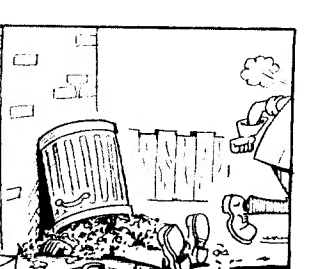
Altamente decorativo
Cores modernísimas
Acabamento requintado
Qualidade... CINCA

* Entregas rápidas

CINCA*Fiães*Telfs. 968333 a 968337



Embora pareça não é um monstro. Apenas um empregado de uma bomba de gasolina transportando um daqueles estregões monstro das lavagens automáticas



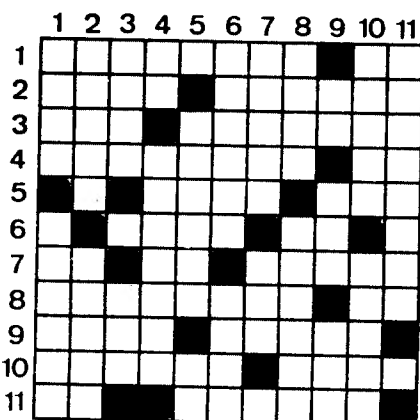
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10741

HORIZONTAIS

- 1 Notário (pop.). Antes de Cristo.
- 2 Regras. Uno.
- 3 Pedra de altar. Antigo soldado de Infantaria ligeira.
- 4 Tumores malignos. Senhor.
- 5 Anéis. Tritura.
- 6 Remas para trás. Nome de letra.
- 7 Actínio (s.q.). Viração. Písa.
- 8 Da cor do ouro (pl.). Campeão.
- 9 Rima. Avaliar.
- 10 Seguramos. Pánelas.
- 11 O sono das crianças. Move os remos.



VERTICAIS

- 1 Pronome pessoal. Tratante.
- 2 Sarau. Abrigo (fig.).
- 3 Remar para trás. Magnete natural.
- 4 Reis. Disfarçaram.
- 5 Enrubesceira. Sufixo que designa estado.
- 6 Tempo do verbo ver. Porção.
- 7 Baus. Coragem.
- 8 O mesmo que alburno (inv.). Festa anual dos judeus, em memória da sua saída do Egipto.
- 9 Preposição latina que designa movimento. Doçura. Gêro de Maomé.
- 10 Velho. Rostos.
- 11 Carreira de cavalos ao desfilio.

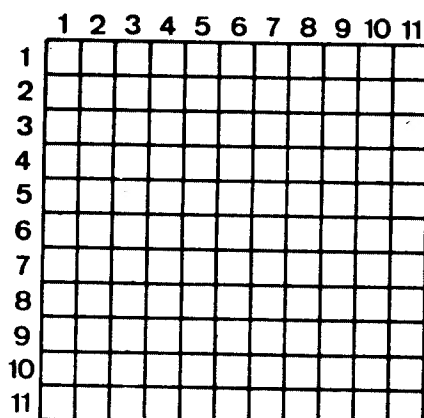
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6899

HORIZONTAIS

- 1 Receto. Dejejuadoiro.
- 2 Rio da Alemanha. Remar para trás.
- 3 Da entrada em. Região montanhosa da Ásia Central.
- 4 Nota musical. Pães de milho. Ouro. (s.q.).
- 5 Equipou. Costumara.
- 6 Preposição e artigo definido. Donzela de Orleães. Cânhamo de Manila.
- 7 Senhor. Prefixo de privação. Alternativa. Abreviatura de Santíssimo.
- 8 Emparelha.
- 9 Nome de frutos. Atam.
- 10 Verbal. Receto.
- 11 Grande sala. Respeitar.



VERTICAIS

- 1 Mitra de pontífice. Ba-traquios anuros.
- 2 Aguardar. Epoca.
- 3 Abismo. Pedra de moinho. Terra nova e arroteada de fresco.
- 4 Cidade do estado de Pernambuco. Além.
- 5 Indígenas brasileiros das margens do Juruá.
- 6 Monte perto do Porto Seguro, no estado da Bahia.
- 7 Sorte. Inflamação da membrana mucosa das gengivas.
- 8 Viscera. Preposição. Procedem.
- 9 Apuraras. Estime.
- 11 Distribuir por ruas. Gastar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10740

HORIZONTAIS

- 1 CUIDAR. As.
- 2 Atra. Amorna.
- 3 NÃO. Uta. Aai.
- 4 Coma. E. Amio.
- 5 Ama. Così.
- 6 Raras. Cás.
- 7 Elisa. Oba.
- 8 Mia. Damas.
- 9 Os. SABER. Pá.
- 10 Sado. Arabe.
- 11 Releram. Ru.

VERTICAIS

- 1 Mancaremos.
- 2 Tão. Alisar.
- 3 Cromaria. De.
- 4 Ua. Amas. Sol.
- 5 Asada.
- 6 Dater. Abar.
- 7 Ama. Comera.
- 8 Ro. Acabaram.
- 9 Ramosas.
- 10 Anais. Per.
- 11 Saloias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6898

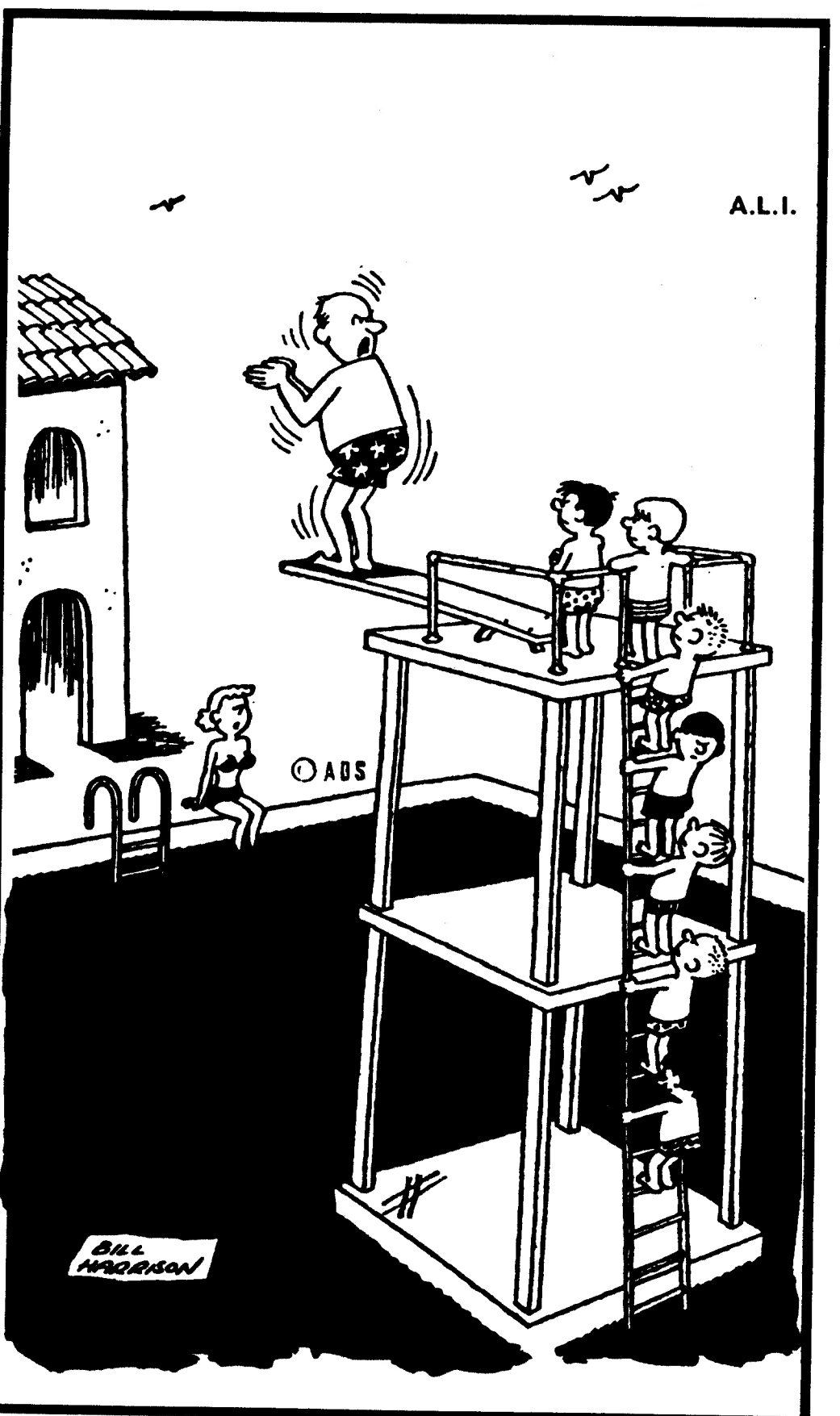
HORIZONTAIS

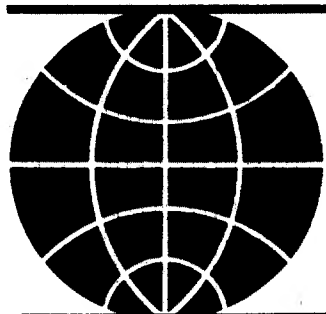
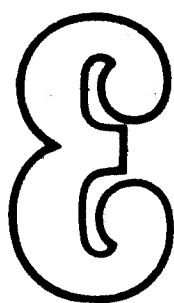
- 1 Laut. Afros.
- 2 Assar. Maurá.
- 3 Maomé. Lias.
- 4 Cs. An. Pt. SS.
- 5 Arquear.
- 6 Arau. Rios.
- 7 Pôr. Ela. Sia.
- 8 Atua. Anos.
- 9 Romas. Ateus.
- 10 Arredam.
- 11 Ao. Os. Or. Im.

VERTICAIS

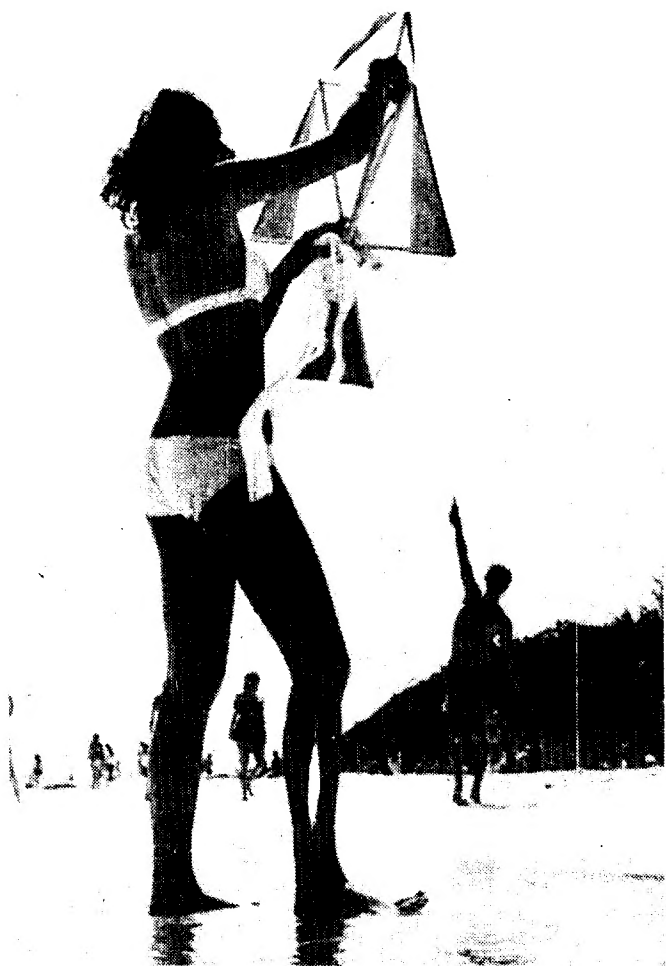
- 1 Lança. Parra.
- 2 Asas. Aoto.
- 3 Uso. Arruma.
- 4 Tâmara. Aaro.
- 5 Arenque. Srs.
- 6 Lo.
- 7 Am. Pera. Ado.
- 8 Faltai. Atar.
- 9 Rui. Rosnem.
- 10 Oras. Siou.
- 11 Sassa. Assim.

Provérbo: CUIDAR NÃO É SABER.





PELO MUNDO



● O PAPAGAIO

Lançar o papagaio não é coisa muito simples. É precisa uma certa dose de habilidade. Para este par de universitários americanos em férias nas Bermudas, o papagaio é uma distração como outra qualquer. Mesmo que ele não voe...

● A POBREZA

Quarenta a 70 por cento dos dois mil milhões de habitantes do mundo em vias de desenvolvimento, ou menos desenvolvidos, vivem «abaixo da linha da pobreza» e pelo menos 40 por cento desses habitantes vivem na mais absoluta pobreza, conforme anunciou a comissão de direitos humanos das Nações Unidas.

O iraniano dr. Manoucher Ganji apresentou as estatísticas como parte das suas conclusões de um estudo de quatro anos em 60 países, levado a efeito na sua qualidade de relator especial da comissão.

O dr. Ganji disse: «É evidente dever da comissão enfrentar a pobreza maciça tal como ela realmente se apresenta e determinar, como sua primeira prioridade, salvar essas populações condenadas prestandon-lhes auxílio e reconduzindo-as à dignidade e à decência humana».

O relator especial instigou a comissão internacional da lei a examinar os aspectos legais da questão e as obrigações da comunidade internacional para com os pobres.

A Comissão, na opinião do jurista iraniano, passou 28 anos a considerar questões que não se provarem ser prioritariamente prioritárias, em detrimento da vida quotidiana no meio da maior pobreza de dois terços dos habitantes do nosso planeta.

Referindo-se às «Gigantescas desigualdades de riqueza» nos países menos desenvolvidos, Ganji citou um relatório

● PRÓS E CONTRAS

Os argumentos pró e contra a demissão do presidente Nixon continuam a chover em Washington e podem resumir-se do modo que se segue:

Pró:

Aqueles que são partidários da impugnação argumentam que a acção destinada a destituir o presidente está a dividir a nação, e se continuar poderá abalá-la. Nem mesmo condenação ou exoneração poriam termo ao problema, visto que continuariam a existir dúvidas. Para mais, a actual incerteza está a conduzir à paralisia nacional e a época é demasiado perigosa para permitir tal.

Se o presidente cometeu actos menos lícitos no caso Watergate, deixou de ser o ponto fundamental. Em todos os grandes inquéritos à opinião pública se demonstra que grande número de norte-americanos, frequentemente muito mais do que a simples maioria, dúvida que Nixon tenha dito toda a verdade a respeito do escândalo.

O ceticismo alastrou a outros campos do Governo. Constituiu um grande problema para o administrador federal da energia, William Simon, porque muitas pessoas pensaram que a crise de energia foi provocada.

O mesmo se aplica quando Nixon colocou as forças militares dos Estados Unidos em estado de alerta em consequência dos movimentos soviéticos no Médio Oriente: muitos viram nisso tentativa de Nixon para divergir a atenção do Watergate.

Na verdade, isso constituiria problema de vulto caso o presidente decidisse que a guerra fria estava a fazer o seu regresso e que necessitava de poderes extraordinários para enfrentar a ameaça do Congresso ou a nação confiaria no presidente? Ou as dúvidas acerca da sua credibilidade deixariam o país vulnerável?

Finalmente, o senador James Buckley, republicano de Nova Iorque e provavelmente outros, consideram a demissão como «um acto extraordinário de coragem, digno de um estadista».

Contra:

Os que se opõem à demissão afirmam que seja qual for o modo como ela seja amortecida, a demissão à sombra da impugnação seria tomada por muitos como sinal de culpa. Quantas pessoas consideram o antigo vice-presidente, Spiro Agnew, inocente, porque ele clama que o motivo por que se recusou a combater a acusação de evasão ao fisco foi para bem do país?

Mas o lugar de Nixon na história não é o ponto importante. O que é importante é a própria história. Se um presidente pudesse ser afastado do cargo por algo que não fosse impugnação ou incapacidade, isso estabeleceria um perigoso precedente histórico. Significaria que exigências de demissão poderiam surgir sempre que um presidente tomasse uma decisão extremamente impopular... argumentam os que se opõem à demissão. O próprio Nixon utilizou este raciocínio quando, uma vez e outra, afirmou que não seria forçado a abandonar o cargo.

Isso daria à oposição política uma arma potencialmente perigosa para alterar a vontade dos eleitores, introduzindo na América a instabilidade que por vezes caracteriza os Governos parlamentares. Ao abrigo desse sistema, os Governos caem quando existe falta de confiança. No sistema norte-americano, os dirigentes caem apenas quando são culpados de ofensas passíveis de impugnação ou quando os eleitores os afastam.

Watergate poderá ter prejudicado a habilidade de chefia do presidente, mas não o paralisou. A crise petrolífera foi contida. Está a fazer-se progresso no Médio Oriente. A «detente» com a União Soviética continua e o mesmo se passa com o diálogo com a China. Finalmente, os riscos de resignação são demasiados para se poderem correr.

● CIGARROS DE CELULOSE

De futuro os fumadores talvez venham a inalar e expirar o fumo de cigarros em grande parte feitos de celulose... vaticinou o Departamento de Agricultura do Estados Unidos.

A celulose, um derivado da polpa de madeira, foi já rotulada como o «novo material de fumar» por certos investigadores e essa mistura talvez venha a ter o maior impacto de futuro na manufatura de cigarros.

Aliás o mundo está já a fumar cada vez mais cigarros com cada vez menos percentagem proporcional de folha de tabaco.

Durante os passados 20 anos a produção mundial de cigarros aumentou numa média anual de 3,5 por cento, ao passo que a utilização de tabaco aumentou menos de dois por cento.

O facto deve-se aos fabricantes utilizarem pedúnculos, materiais não derivados do tabaco, filtros e substâncias que reduzem cada vez mais o conteúdo de tabaco nos cigarros modernos.

Porque a base de celulose não contém nicotina não pode ser utilizada como um substituto completo do tabaco, mas os cientistas estão a procurar maneiras de a misturarem com tabaco, num produto agradável e que em nada altere o gosto especial dos fumadores pelo produto integral, reduzindo assim drasticamente a quantidade de nicotina causadora dos males respiratórios que afectam os fumadores.

● A CIDADE PROIBIDA

Tombuctu, fabulosa cidade proibida encravada nas areias do deserto do Sará, ainda não tocada pela obra devastadora das sociedades de consumo do Século XX, continua a ser um dos lugares longínquos e lendários em que o exotismo predomina em todo o seu colorido.

Edificada nas areias ao sul do Sará, Tombuctu, nome rítmico e mágico, permanece um poderoso íman que atrai os amantes do misterioso e do desconhecido.

Ainda nos princípios do Século XIX nenhum ocidental havia penetrado nas suas ruas estreitas e poeirentas ainda hoje bordejadas por paredes feitas de tijolos cizentos, fabricados com argila amassada, onde não se abre uma única janela.

O primeiro ocidental a entrar na misteriosa urbe foi o major inglês, do Exército da Índia, Alexander Gordon Laing, que pagou com a vida essa ousadia.

Disfarçado como nômade do deserto, Laing permaneceu

na cidade durante um mês em 1826. Uma placa em memória do seu nome, colocada pela Royal African Society, pode ver-se na parede da casa onde ele viveu.

De acordo com a colorida... mas provavelmente pouco exacta e fidedigna... versão que ainda corre na cidade, Laing foi descoberto e degolado quando certo dia foi visto a urinar de pé, em vez de satisfazer essa necessidade fisiológica acoracado como é hábito do povo do deserto.

Mas o primeiro europeu que visitou e saiu de Tombuctu vivo para contar o que viu foi o francês René Caillie (no tempo das grandes gestas francesas nas rotas do deserto) que esteve na misteriosa cidade quase dois anos, em 1827-1828. Seguiu-se-lhe o explorador alemão Heinrich Barth, o homem que espalhou verdadeiramente o mito de Tombuctu e que despertou as imaginações dos aventureiros em quase todo o mundo.

Até fins do Século XVI, Tombuctu fora uma cidade de grandes riquezas, um centro comercial na região do sul do Sará e alto centro cultural do islamismo.

Para se impedir que os nômadas do deserto saqueassem as riquezas da cidade, a entrada na urbe, que nessa altura era chamada «a pérola do deserto», estava proibida a estrangeiros. Essa proibição continua a prevalecer muito tempo depois do declínio da cidade, quando as rotas dos camelos começaram a ser traçadas noutras direcções.

Actualmente, a maior parte dos 15 000 habitantes da cidade são muçulmanos negros Songhai, cuja economia derivada do comércio e do pequeno artesanato tem sido duramente atingida devido à grande seca da África Ocidental.

Uma vez que a cidade continua a ser um entroncamento por onde passam as caravanas de camelos, embora sem nada que se pareça com o antigo esplendor, quem visite a região encontrar-se-á ocasionalmente com essas caravanas, cujos ativos componentes são frequentemente apelidados de «os filhos das nuvens» porque guiam os seus camelos desde as nuvens carregadas da bendita chuva da costa do Atlântico até ao coração do Sará.

Tal como os nômadas tuaregues... actualmente abrigados num campo de refugiados próximo da cidade desde que a seca lhes fez parecer os seus rebanhos de gado bovino e ovino os «filhos das nuvens» vestem também as amplas túnicas azuis de onde deriva o nome de «homens azuis do Sará» dado aos dois grupos étnicos diferentes.

As faces dos nômadas estão quase por completo tapadas com um comprido lenço azul, que também envolve parte do turbante, e que serve essencialmente para os proteger da infiltração da areia do deserto. Esses camelos e mercadores podem ser encontrados nas praças de bazares ou mercados, entre especiarias, odores que ofendem a pituitária de um ocidental, e quase sempre envolvidos por chusmas de moscas, que raramente enxotam.

Para o turista recém-chegado e que só procura «chapas batidas», Tombuctu tem um hotel do tipo fortaleza do «Beau Geste», com pitorescas janelas que pouco mais são do que seteiras que servem de defesa contra o impiedoso «harmattan», vento escaldante que sopra durante quase todo o ano e que vem do coração do deserto.

As temperaturas a meio do Estio podem atingir com facilidade 50 graus centígrados, mas em geral o entardecer é agradável e os viajantes costumam sentar-se no terraço do hotel a observar o gloriosopôr do Sol do deserto, seguido de um fantástico crepúsculo que é um espectáculo inesquecível.

Inevitavelmente, à parte os turistas das viagens programadas, Tombuctu e o seu hotel atraem visitantes não menos exóticos.

Recentemente, sentado no bar, estava um pintor veneziano, um homem «curtido» pelo sol da África e apaixonado pelas cores bizarras do continente negro, e dois pilotos civis americanos, homens de aço que contam as horas de voo por números de cinco algarismos e que pareciam ter saído de um melodrama de Hollywood feito durante os anos 40, mas autênticos como uma moeda forte, quase como «últimos abencerragens» de uma raça de aventureiros condenada a perecer.

Chegar a Tombuctu é já em si mesmo uma aventura das mais excitantes. Uma pessoa pode lá chegar a partir de Bamako, a capital do Mali, em voos que se efectuam três vezes por semana, percorrendo 1000 quilómetros, dentro de um velho «DC-3» que estremece como uma pena.

Recentemente, o avião teve que realizar uma aterragem de emergência, pouco depois de ter levantado voo, quando o autor deste artigo, o jornalista da Reuter, Bernard Edinger, correu a alertar a tripulação após ter detectado que um dos reservatórios das asas estava a perder quantidades de combustível.

Para aqueles que preferem não se arriscar àquilo a que os locais costumam chamar «o comboio aéreo que chega quando chega», a alternativa é partir de Taoudemit, a sul da fronteira argelina, numa caravana de camelos.

Nessa alternativa, se, ao longo do caminho, for encontrada água com regularidade, a viagem poderá levar apenas quatro semanas.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa